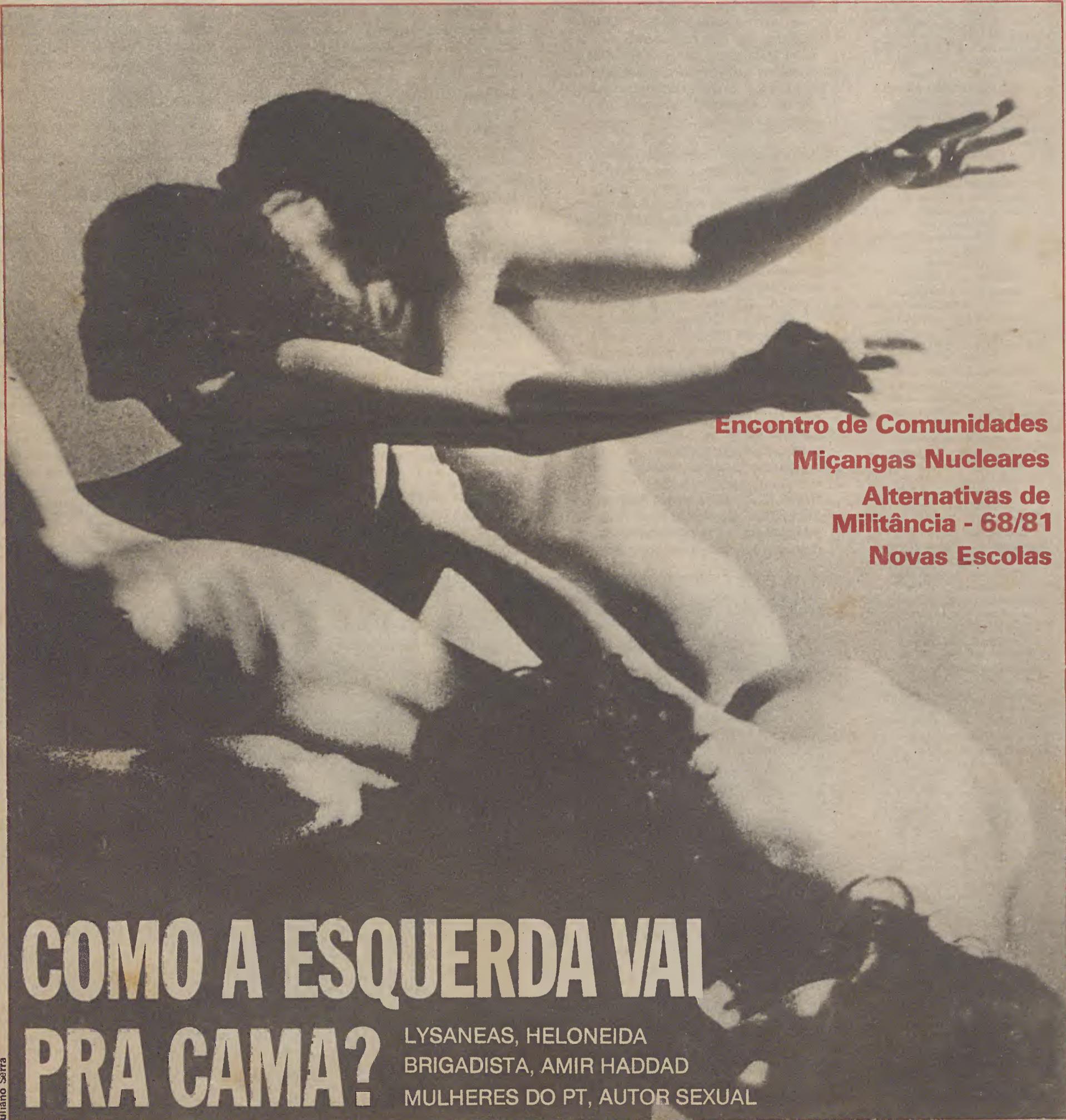


radice LUTA & PRAZER

ANO I, N° 1, 100,00
ESTE JORNAL TRAZ O NOVO, A VIDA. EXPERIMENTE



**Encontro de Comunidades
Miçangas Nucleares
Alternativas de
Militância - 68/81
Novas Escolas**

COMO A ESQUERDA VAI PRA CAMA?

LYSANEAS, HELONEIDA
BRIGADISTA, AMIR HADDAD
MULHERES DO PT, AUTOR SEXUAL

Juliano Serra

EDITOR GERAL

Carlos Ralph Lemos Viana

EDITORES

Adauri Bastos, Amanda Strausz,
Marcos Moreira

ARTE/DIAGRAMAÇÃO

Mauro Carvalho, Renato Aguiar,
Ruben Fernandes

FOTOGRAFIA

Juliano Serra, Ricardo Fragoso
Tupper, Marcello Lipiani

ILUSTRAÇÃO

Evandro Salles, Miguel Ângelo,
Luiz Trimano, Raul Motta

REVISÃO

Amanda Strausz

REDAÇÃO/RIO

Ana Cristina Andrade, Eugênio
Marer, Eugênio Viola, Fernando
Pessoa, Helder, João Penido,
Jorge Barros, Jorge Luiz Joaquin,
Jorge Velloso, José Luiz Thadeu,
Leandra Iglésias, Libe Beigel,
Luciana Bicalho, Luiz Sarmento,
Pedro Castel, Tuika, Valéria
Pereira, Vera Lins

REDAÇÃO/SÃO PAULO

Gino Dantas Xavier, José
Maurício de Oliveira, José Tadeu
Arantes, Lúcia Villares, Luciano
Pereira, Magali Mussi, Maria Rita
Kehl, Mônica Engelbrecht,
Ulisses Tavares

REDAÇÃO/BELO HORIZONTE

José Estanislau Vilela, Lufza
Villaméa Cotta, Ricardo Amaral

COLABORAM

Eliás Fajardo da Fonseca, Marcus
Vera, Mônica Napolitani

SUCURSAIS

Manaus Luiz Falcão;
Belém Rosimé Meguins e
Guilherme de Oliveira;
Fortaleza Frederico Abintes;
Natal Roberto Hugo Bielchowski,
Sheila Rodrigues, Ceres Pinheiro,
Helena Frota;
Campina Grande Ítalo Oriente;
João Pessoa Eloísa Cristina Longo,
Elza Helena, Salomé Avelino,
Evandro Rolim, Lourdes Viscardi;
Recife Caesar Sobreira, Edvaldo
Pena Jr., Kilma Valença;
Maceió Afonso da Fonseca;
Salvador Bené Simões, Lúgia Portela;
Brasília Cely Bertolucci;
Uberaba Eliane Greice;
Lajinha Hiran Pinel;
Barbacena Jussara Teixeira;
Juiz de Fora Maria Isabel;
Petrópolis Luiz Antonio Mamede,
Fernando Albuquerque;
São José dos Campos Lúcio
Antonio de Carvalho;
Lorena Elcio Pereira; Bauru Sônia
Ideko, Rosângela Barrenha;
São Vicente Sérgio Tasso;
Londrina Carlos Sahyun;
Florianópolis Marisa Rolim,
Margarete Fletes; Porto Alegre
Ademar Becker, Dóris Blessman,
Paulo Slomp, Analice Palombini,
Humberto Cavalcanti, Edson de
Souza, Kátia Frizzo, Paulo Fagã;
Pelotas Cláudio Gastal, Jorge Ferraz

PUBLICIDADE

Rio Jorge Velloso (Tel. 242-0126)
São Paulo Nelson Lopes (Tel. 66-8686)
Belo Horizonte Espaço (Tel. 226-5855)

COMPOSIÇÃO FOTOLITO

Serthel Editora Beni

IMPRESSÃO

Gráfica e Editora Itapuf Ltda.

DISTRIBUIÇÃO

Fernando Chinaglia

(exclusivo para todo o Brasil)

RÁDICE LUTA & PRAZER é

uma publicação da Rádice —

Editora e Comunicações Ltda.

Rua da Lapa, 180/504-505, Rio

de Janeiro, Cep 20021.

CGCMF 30.023.998/0001-00

Insc. Est. 81.422.591

RÁDICE LUTA & PRAZER

não aceita matérias pagas que

possam ser confundidas com

matéria redacional///Os artigos

assinados são de responsabilidade

de seus autores///Não reservamos

direitos, podendo nossas matérias

serem reproduzidas à vontade,

desde que citada a fonte.

VOCÊS SABEM COM QUEM ESTÃO FALANDO?

POR QUÊ LUTA, POR QUÊ PRAZER?

Uma nova visão de prática política instaura-se em nosso universo: a inserção da discussão e vivência de questões situadas no cotidiano, pessoal e grupal, de todos nós. Uma revalorização da vida, colocando-se no presente a necessidade de viver as aspirações que socialmente só ocorrerão com profundas transformações sociais. Neste espaço insere-se a questão do prazer, como uma necessidade inerente aos seres humanos; algo a ser reivindicado, batalhado, também por sua capacidade de mobilizar, revolucionar, estabelecer vida, pela antítese social que é proposta pelo sistema que vivemos. O prazer encarado como fato político.

Para nós, o prazer é fundamental na formação do caráter pessoal e social. A vivência do gozo, da alegria, propicia o pleno exercício da condição humana, da consciência social. O prazer maleabiliza o corpo, expande as capacidades mentais, felicidade a vida. A repressão enrijesse, acomoda, facitista. Reivindicamos o prazer, reivindicamos tudo que temos direito. Barriga cheia é pouco para seres humanos. A luta é necessária sempre, no sentido de uma constante libertação. Uma luta de vida, que não utilize as mesmas armas que combatemos, que não pregue a anti-vida como forma de sobrevivência. As lutas são imprescindíveis, e melhor que sejam vistas como tal, naturais, comuns ao desenvolvimento pessoal e da humanidade; propiciadoras de crescimento. Lutas que dignificam a condição humana, por seus objetivos de sobrevivência, resistência, crescimento, transformação. Pelos direitos à liberdade e auto-determinação. Lutas pelo pleno exercício de nossa existência. O prazer como luta; a luta como prazer.

LUTA & PRAZER, a junção das capacidades humanas, passos para a constante libertação. O nome deste jornal novo, ousado, sensível, quente, ágil, inteligente, combativo, lúdico, lúcido, louco. Um jornal que todos faremos juntos. Um jornal pra gente.

ENFOQUE, TEMÁTICA

Reportaremos e refletiremos a vida. Queremos um espaço de intervenção na realidade a partir de um ponto de vista psicossocial, isto é, sem cair nos extremos do sociologismo ou psicologismo. estabelecendo uma visão social do homem individual, também. E do ser humano em grupo, em sociedade, não esquecido em sua individualidade.

Os temas que abordaremos? Todos os que conseguirmos e nos motivarem. Denúncias, sim, mas sem as marcas da pura crítica. Trazer e valorizar também as opções que estão sendo batalhadas agora. Dar espaços, exemplos, estender experiências. Reportagens, reflexões, ficção, delírio. Bem dosados, eis a nossa fórmula. Levar em conta e jogar também com nossos impulsos, curiosidades, interesses, paixões. Um jornal tesudo, sem dúvida. É o que nos interessa.

A proposta é que o LUTA & PRAZER seja um jornal que não procure só os fatos, mas que também reflita sobre eles; que opine e analise as diversas facetas da realidade. Um jornal pessoalizado, sem padronização de texto, soltando a linguagem, na forma direta, simples. Os textos sempre assinados, queremos que você saiba com quem está falando.

PROFISSIONALISMO E COOPERATIVISMO

O projeto do LUTA & PRAZER é profissional. Queremos que todo trabalho

seja encarado como uma tarefa a ser desempenhada com dedicação e que seja remunerada. O proposto é que, tirado o custo de produção do jornal, divida-se o restante da receita entre todos que trabalharam na edição. O risco é compartilhado, os possíveis divididos também. Desta forma buscamos inserir em nossa prática de trabalho o que julgamos justo em ampla escala social. Não vamos esperar o bolo crescer para dividi-lo, ou surrupiá-lo, como fazem por aí. Vamos comendo na medida e possibilidade de nossa fome. Trabalharemos com prazer, isso é importante.

OS FINALMENTES

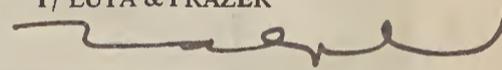
Acho que falta muita coisa pra dizer, mas ainda é cedo para fazermos uma matéria sobre nós mesmos. Gostaríamos de saber o que cada um de vocês achou desta nossa primeira edição e de nosso projeto. Queremos elementos para reflexão e discussão.

E festa. Estamos organizando (???) uma série de eventos para botar o LUTA & PRAZER nas bancas, nas bocas, frente aos olhos de quem olhar.

Queremos que todo mundo saiba que está saindo o jornal e que se interesse em saber o que é, o que traz. Tá legal até de não gostarem, mas vão experimentar, isso sim. Estão todos convidados para os lançamentos, muita alegria e emoção. Ajudem-nos na divulgação. A festa é de todos.

Pessoas, aqui vamos nós, em mais uma aventura escrita, impressa, cheia de idéias e aspirações. Entrem em nossa nave, mesmo com turbulências faremos uma boa viagem. Viver é preciso.

P/ LUTA & PRAZER




ricardo fragoso

Aqui, o pessoal do Rio (que acordou cedo e perdeu a praia)



Posando para a instamatic operada por um ilustre transeunte, a turma de Sampa.



juliano serra

Nesta foto o pessoal que foi à praia

Vai de frente,
vai de lado,
alegre, enrolado,
de fininho. Na
copa, na cama,
na cozinha.

Nunca na sede do partido.

"Meu companheiro é ótimo no partido, mas um fracasso na cama". Mônica, militante do PT, não tem papas na língua. Reclama porque "tenho direito" e quer mudar a situação. Discute na cama, ou com as amigas, ou na roda do bar, mas nunca no grupo do partido, apesar do PT ser o mais liberal e aberto a estes tipos de colocação. "Não há clima — afirma ela — e sempre tem tantas coisas mais importantes pra se discutir...". A cilada não escolhe vítimas, e mesmo ela, que propõe uma "abertura" para a questão sexual, hierarquiza os assuntos segundo os padrões de importância partidária.

Esta postura não é norma, mas é a mais difundida nas organizações de esquerda no Brasil. "Primeiro a barriga, depois o resto" poderia sintetizar o sistema que ordena as necessidades do ser humano. Apesar disso, se vê crescer a cada dia a importância dada à sexualidade, não só pelos militantes, mas também pelos organismos partidários. Muito, talvez, pela inserção das questões do cotidiano no universo político da esquerda. Sem dúvida, o extremo teoricismo, marca registrada das preocupações de algumas gerações de militância, cede terreno a conversas mais ligadas ao plano da realidade, do dia a dia.

A representação que as questões sexuais e afetivas ocupa na vida de todos ainda não encontra a mínima correspondência na prática política. Sexo e prazer são colocados na esfera do "pessoal", do "privado". A sexualidade tem sua dimensão política minimizada e, nas vezes em que é identificada sua íntima relação com o poder, sente-se um pouco o ranço do "palavreado sexual", que na verdade não passa de um substitutivo da própria atividade sexual. Mas esta não é a regra.

350 MIL SEX-POLÍTICOS

Há cinquenta anos atrás a situação era

bem diferente. O Movimento da SEXPOL, proposto e desenvolvido por Reich, foi um marco na política alemã no início dos anos 30. Sob uma plataforma teórico-prática (um manifesto comunista da política sexual) referendada pelas diferentes instâncias do PC Alemão, a SEXPOL — Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária — começou a se estruturar a partir da Escola Operária de Marxismo, que possuía cerca de 350 mil filiados — na época, mais que qualquer partido alemão. As 80 organizações de base que a formavam passaram a discutir e a produzir uma quantidade enorme de material impresso, onde eram expostos os pontos básicos para uma política sexual proletária: legalização do aborto, acesso a métodos anticoncepcionais, facilidade pra locais de encontros, comutação de penas por "desvios sexuais", etc.

No I Congresso da SEXPOL, em 1931, a Associação recebeu a adesão de mais 8 organizações do PC, que agrupavam 20.000 inscritos e formavam grupos organizados por toda a Alemanha. O princípio aprovado neste Congresso foi o da politização total da questão sexual, baseado no fato que a opressão sexual era idêntica e expressava a ordem econômica capitalista.

Mudou o capitalismo, mudou o PC, mudamos nós. A era stalinista chegou e saravou, exorcizando as dissidências e implantando o autoritarismo vitoriano, que marcou durante décadas a imagem da militância comunista. As publicações de Reich passaram a ser proibidas pelo PC, desmontou-se o movimento SEXPOL, cresceu o nazismo, com sua assepsia para

as bases e orgia para as cúpulas. O mundo se dividiu e entrou em guerra. A questão sexual como tema político dançou nessa. Interessavam bombas.

GUERRA FRIA, SEXO QUENTE

Na década de 50 a guerra era fria e o sexo quente. Morre Reich numa prisão americana em circunstâncias discutíveis; aparecem os primeiros Masters e Jonsons pesquisando numericamente a quantidade de orgasmos, de trepadas, de beijos, de carícias, de afagos. O inventário das capacidades perdidas. Oh!!! Nas telas, os mitos sexuais trocavam a postura ingênua-romântica por outras mais ousadas, aprofundando no decote o que era insinuado apenas no rosto. Marilyn, nua e protegida na folhinha, vestida e exposta na vida. Matou-se.

Os tempos correndo cada vez mais depressa. Anos 60, era dos Beatles, explosão da guerrilha. Seria o Che um símbolo sexual? Começando o Movimento Hippie, amor em vez de guerra, corpos expostos (para a direita, a "explosão da licenciosidade") dúvidas na cabeça. França, Brasil, mundo 68. A esquerda recicla, é proibido proibir? As duras batalhas da guerrilha urbana não amenizadas em leitões onde o ingresso não custava uma aliança de ouro 18 quilates. Consegue-se viver um pouco na prática o que se sonha para o futuro, "quando o dia chegar". Os tiros da repressão, a falta de ar, de tempo pra pensar e conversar sobre essas questões ("tantas coisas mais importantes pra se discutir...") só deixaram aflorar a necessidade de se viver, agora, também o prazer.

EM CADA CORPO UMA DITADURA

Ponto. Brasil grande, milagre na economia, fome no povo. A guerra perdida, marcas no corpo. Desaparecidos, mortos, torturados, exilados. Uma enorme cicatriz marca a nação em forma de cruz transamazônica. Que barra! Nos segredos dos apartamentos, nos fechados grupos de amigos, durante

anos é mastigada a devastação de uma geração. Dos calabouços saem os humanos despojados de qualquer supérfluo. Repensar, professor, repensar.

Quem somos nós, o que queremos nesta única vida que, aparentemente, teremos? Fizemos de nossos sonhos uma religião? Lacramos nossos corpos com nossas próprias repressões? Reproduzimos em nossas relações afetivas os mesmos vícios e deturpações que combatemos na sociedade? Que homem, que mulher nova está brotando neste lamaçal de machismo, autoritarismo, possessividade, dominação, preconceito, rigidez, insensibilidade. Neste mar de impotência, enfim, para uma vida plena. Apesar dos pesares.

Que dura... Ter que enfrentar os próprios fantasmas, reconhecê-los não só no inferno exterior. Em cada casa uma ditadura, em cada filho um futuro pai. Angústia. A Psicanálise entrou neste vácuo, serviu legal a todos — clientes e sistema — e enriqueceu de vez. Montou polícia própria e hoje, como instituição, perde terreno por esse e outros motivos.

BOTA AS MÃOS NAS CADEIRAS, MENINO

A volta por cima da esquerda, hoje, é sentida nas expressões de alegria, vida. É certo que os amigos estão de volta, que não se tem o terror tão presente (arreda Rio-centro), que a boca está mais solta, livre, que pode-se entrar para qualquer partido, que existe a possibilidade de expressar organizadamente o desejo de transformar a realidade. Que ótimo. Mas também é preciso ver que a alegria aos poucos estende-se aos corpos, que a sisudez e falta de cintura — marcas registradas do "militante consequente" — começa a derretar-se no calor de fazer algo bonito junto, corpo a corpo. As mil flores começam a florescer novamente, o fuzil deixou de ser a única safada. O partido clandestino, fechado, perseguido, acuado, extremamente hierarquizado também por essas contingências, não é mais o único porto onde sairão os navios para uma nova vida. Hoje os portos são móveis e os navios portam velas charmosas e dão bandeiras mais coloridas. A diversidade impôs: bairros, sindicatos, negros, mulheres, homossexuais, consumidores, trabalhadores, ecólogos, iguais, todos estão agitando, preservando, transformando, criando con-





HELONEIDA STUDART

"A Esquerda é tão Careta!"

Heloneida Studart, deputada estadual pelo PMDB, feminista militante, ativista da Comissão Pró-Amazônia, escritora, jornalista, "heterossexual, mãe de seis filhos homens, casada no civil e no religioso, como se fazia antigamente", estava prestes a embarcar pra SBPC em Salvador, quando corri pro telefone, lhe falei da entrevista e ela me saudou com uma sonora gargalhada: "Mas rapaz, a esquerda é tão careta!" Pronto, a entrevista começou por aí e foi feita assim mesmo: a gente conversando por trás do fio e eu escrevendo apressadamente o que ela dizia. O produto dessa conversa apressada, mas nem por isso menos interessante, é o que segue:

"Acho a discussão da sexualidade dentro dos partidos uma coisa muito interessante, até mesmo porque esse assunto já foi abordado pelos grandes teóricos da esquerda. No Brasil essa discussão tem acontecido menos porque a esquerda aqui vive infiltrada por um sentimento de culpa devido à situação do nosso povo. Concordo que todos devemos ter uma sexualidade sadia, mas vejo que a maioria esmagadora não tem condições de experimentar essa facilidade. No meu trabalho nas favelas tenho visto muita gente que não tem nenhum prazer sexual porque mora com mais 10, 15 pessoas num mesmo quarto. Há pessoas que fazem uma bonita teoria sobre o corpo, mas esquecem que há gente que nem lavar o corpo pode. Não digo também que essa discussão seria num segundo momento, porque isso é perigoso e a gente não pode esquecer do exemplo da Argélia, onde as mulheres ajudaram os homens a fazer a revolução e depois foram obrigadas a usar véu, a se esconder, a ficar em casa.

Para mim o homossexual é um desidentificado, perdeu sua identidade por problemas afetivos e sexuais na infância, porém acho profundamente calhorda a pessoa que



um produto do capitalismo.

Não sou analista para julgar o Gabeira, mas o homossexualismo, como o suicídio, e a loucura, pode ser fruto também da tortura. Eu mesma conheço quatro pessoas que se tomaram homossexuais depois de torturadas.

Não tenho uma posição moralista em relação à poligamia, acho que se uma pessoa está se sentindo incompleta ela tem mais é que procurar outra pessoa, mas tem muita gente que reduz o sexo e o amor ao valor de uma coca-cola. Essa visão é esquisita, transforma um relacionamento entre pessoas a um almoço, a um jantar, a uma coisa animal.

No PMDB as mulheres não são discriminadas conscientemente, mas de maneira inconsciente, sim. Eu mesma, numa reunião que fizemos para escolher os candidatos, citei muitos homens batalhadores, companheiros de luta, mas levei um susto quando um amigo se virou e disse: 'por que você mesma não se candidata'. Tá vindo como às vezes essa opinião entra na cabeça das próprias mulheres? No partido as mulheres são vistas como possíveis vereadoras, mas

"...se a esquerda tivesse condições financeiras deveria ir para um divã."

Julga o homossexual um depravado, não concordo com essa atitude, penso que ele pode ser uma pessoa tão honrada quanto um heterossexual, sou contra qualquer discriminação. Mas não acredito que isso seja uma opção de vida. Em geral, nos países socialistas, não se vê o homossexualismo de maneira tão evidente como por aqui, mas discordo de quem diz que homossexual é

ninguém se lembra delas como senadoras, deputadas, por mais que elas sejam brilhantes.

Vou resolvendo meus problemas pessoais da maneira que posso, coloco o Freud nas cumeleiras, acredito demais na psicanálise e acho até que, se a esquerda tivesse condições financeiras, deveria ir pro divã".

DAU BASTOS

dições, lutando pela vida.

APLICAÇÃO DE SEXO

O seu prazer é um ato político. Bom, nem tanto, quer dizer... É consenso para o militante pós-Gabeira que dar uns toques de liberalidade, sair um pouco da ortodoxia é de bom tom. Mas nunca dentro da organização, nunca na plataforma política, nos debates com as bases, ("tantas coisas mais importantes para discutir..."). O prazer para a esquerda organizada ainda obedece esta estranha geografia política tão ao gosto do Golbery. A mistura fina acontece nas festas para arrecadação de fundos, onde, com um birinaite ajudando, fala-se destas questões tão "secundárias" e tira-se um sarro gostoso, que ninguém é de ferro. Mas na prática, a questão moral — que no plano ideológico é onde mais fortemente executase a dominação do sistema — é relegada a uma zona bem periférica da questão política. Reich arrisca analisar o porque deste silêncio: "Os vícios sexuais congênitos de que cada um de nós é vítima devido a repressão, e que estão ligados a atitudes inconscientes, fazem com que não estejamos bem senhores de nós mesmos da nossa vida sexual. E aqui estão as razões profundas (...) porque ninguém entre nós ousa pronunciar palavras de libertação sexual em nossa propaganda (do partido)". Quem sabe??

NÓS QUEREMOS É MAIS

Fizemos esta matéria com dezenas de indagações também. Entendemos por esquerda as pessoas que, organizadamente ou não, procuram e trabalham por transformar a realidade injusta em que vivemos. Consideramo-nos pessoas de esquerda. Não julgamos que tenhamos resolvido nenhuma das contradições expostas, nem temos respostas seguras para elas. Acharmos necessário relocalar a questão da sexualidade numa dimensão maior que a que se coloca atualmente. Escutamos pessoas falarem de sua experiência, de sua visão pessoal. Curtimos de montão e queremos respostas, opiniões, contestações, sarros.

Este texto que abre a matéria foi escrito por mim, Ralph, após discussão com o pessoal da Editora de Psicologia (Rio) do LUTA & PRAZER que participou da matéria, ou seja, Dau Bastos, Ana Cristina Andrade, Eugênio Marer, Libe Beigel e Luciana Bicalho.

PAPALÉGUAS



"Só transo com quem me deixar molhadinho"



ricardo fragoso

Ademar Olimpico da Silva, o badalado "Papa-Léguas", é maranhense, 30 anos de vida e oito de Rio; sempre foi solteiro e muito conhecido. Realizou um trabalho de reconhecido peso político-artístico no Grupo Oficina de Teatro, o qual lhe rendeu um processo por "desrespeito aos símbolos nacionais", já que numa cena, aparecia a bandeira nacional em atitude suspeita. Atualmente Papa-Léguas se divide em viagens a Brasília, para defender-se no processo do Grupo Oficina, e passeios solitários pelos diversos movimentos de cultura alternativa que existem no país. Durante horas (e algumas garrafas de vinho) estivemos juntos, e um pouco do que fofocamos vai a seguir:

"Já me apaixonei várias vezes, mas hoje tenho outra visão do que seja paixão. Não entro mais numa de sofrer, de me degradar por ninguém. Algumas pessoas foram fortíssimas na minha vida, mas não me despedacei quando elas se foram. Se a relação for muito boa, vale a pena vencer o desgaste com a saudade, que é um sentimento incrível, apesar de ser evitado por ser confundido com tristeza. Se a relação não for ótima é melhor dizer adeus..."

Eu me preocupo mesmo é com o tesão,

independente do sexo e da cabeça da pessoa. Transo com quem me deixar molhadinho, sabe como é? Adoro uma trepada completa, que tenha tesão e afeto, mas não rejeito quando há somente a atração física. Acho muito difícil evitar uma pessoa lindíssima te dando a maior colher, assim... A atração pelo belo é uma coisa forte. Agora, jamais vou transar com um policial, jamais! Tenho preconceito total!

Não tenho ideal de trepada, adoro fazer tudo, chupar aqui, morder ali. E com afetividade fica muito mais fácil, a coisa fica mais gostosa. Um dia eu tava numa praia em Niterói e fui transar com um cara que eu nem conhecia, atrás de umas pedras. Ele ficava me falando o tempo todo o que eu deveria fazer: "Alisa assim... chupa aqui..." Fiquei puto com isso, não gosto de receber ordens de ninguém, principalmente trepando. Ví que ele não tinha nada a ver e disse: "Porra, até parece que você não gosta disso!" Questionei tanto ele que a gente acabou brochando, fomos um pra cada lado. É o caso, eu sentia muita atração, mas a cabeça do cara era uma merda, machão demais pro meu gosto.

CRISTINA, DAU, LIBE, VIOLA

"Jamais vou transar com um policial. Jamais!"

4 LUTA & PRAZER



"Gozar com o Poder é patológico"



ricardo fragoso

Amir Haddad estava de partida pro Nordeste, por isso tivemos de nos encontrar cedo da manhã na sua casa, onde apanhamos seu carro, fomos a Copacabana e depois ao centro da cidade, pois alguns problemas precisavam ficar resolvidos antes da viagem. Como não havia tempo para grandes conversações fora desse passeio forçado, durante todo o trajeto mantive o gravador em punho e os ouvidos à escuta do que dizia o coordenador do "Tá na Rua", que, como o próprio nome sugere, trata-se de um grupo de teatro que atua nos locais abertos, nas periferias, nas feiras, nos mercados, onde houver espaço para um contato significativo e transformador com as pessoas, com o povo. Amir, no meio das buzinas e angustiado com os engarrafamentos, mas sempre com o coração aberto, falou de dificuldades, grilos, necessidades, gozos, e propôs a substituição de certas "organizações assexuadas, que não enxergam a necessidade de afeto e sexo nos indivíduos" por um outro tipo de organização, "onde não haja uma sobreposição do coletivo sobre o indivíduo nem do indivíduo sobre o coletivo". Ouvir esse jovem lúcido de pouco mais de quarenta anos é que foi a verdadeira viagem:

"O meu grupo acha que cada um individualmente pode se filiar a qualquer organização política, mas temos muito cuidado para que o grupo não seja identificado com nenhuma delas, porque às vezes a gente quer mudar de caminho no meio do trabalho, mas o momento da organização é outro; como também individualmente nós podemos estar à beira de uma mudança e a organização nos bloqueia, porque o crescimento coletivo é bem mais demorado do que o desenvolvimento das pessoas individualmente.

Os partidos políticos, enquanto instituições, não tem vida sexual e por isso não levam em consideração a vida sexual e afetiva dos indivíduos. Não entendo como é que às vezes uma pessoa com uma atitude pessoal aberta consegue conviver com essa contradição que a organização impõe.

O trabalho nosso é no sentido dessa abertura, do encontro com o corpo por inteiro: cabeça, tronco e membros. Nesse sentido o grupo interfere demais nas minhas transformações, pelo trabalho e pelas pessoas, mas vejo que minhas dificuldades pessoais em relação à sexualidade são mui-

to mais fortes do que aquelas que o grupo pode colocar pra mim.

Pelo menos agora as pessoas de esquerda já assumem a dor de não viver sua sexualidade em plenitude, já percebem que há uma dor que não é eterna e que não precisa conviver com eles, que pode ser transformada em prazer, em alegria. E que o mundo da esquerda poderá ser um mundo alegre, aberto, contente, feliz, um outro planeta.

O Tá na Rua não coloca a sexualidade como prioritária, mas a gente tá tendo de trabalhá-la, porque ela é uma prioridade em si, ela se coloca na nossa relação com o outro, seja sob forma de preconceito pessoal na gente, seja sob a forma de preconceito em cima da manifestação popular na rua, por exemplo. Se fosse possível evitar a sexualidade seria ótimo, mas não dá, bicho, não dá mesmo, se o teu pau e a tua buceta estão presos, a mensagem que você vai dar é diferente, entende? Você não fala com a boca, mas com você inteiro, não adianta requebrar, a beleza que vá pra puta que pariu! É outra beleza que nós estamos procurando.

vai perceber como trepamos na cama"

Eu era uma pessoa fechadíssima e não abria esses assuntos com ninguém, a não ser com o analista. E dentro do grupo a gente tem um nível de relacionamento que permite uma conversa a esse respeito muito mais descontraída. Eu, pessoalmente, me sinto muito mais livre sexualmente diante dos meus companheiros de trabalho. Se bem que nunca aconteceu uma atividade sexual coletiva com totalidade, na verdade a gente nem se preocupa com isso. Tentamos ser livres, mas não paramos na permissividade dos meios artísticos, a liberdade que buscamos é outra, é mais profunda: tentamos ter uma visão das dificuldades sexuais de cada um e descobrir quais são os conteúdos ideológicos que determinam essas dificuldades.

Agora, apesar de não estar atrelado a nenhuma organização repressora, às vezes eu crio certos tipos de organizações pessoais que interferem demais na minha sexualidade. Essa correria da gente no carro, de cima pra baixo, de baixo pra cima — a minha vida é sempre assim — e esse excesso de trabalho são sintomas de uma dificuldade com a afetividade, com a sexualidade.

Se você olhar o jeito como vivemos na rua, você percebe a maneira como trepamos na cama.

Eu não trepo legal. Mas será que não é porque eu não crio tempo pra trepar legal? Será que não é pra manter as minhas trepadas num nível sempre insatisfatório e não precisar ir fundo nas minhas contradições? Eu me rebelo contra isso, vou à luta, mas é foda! Ou você está com ereção constante e nenhum gozo, ou você está ejaculando precocemente. Não há o tempo para a entrega, essa entrega não pinta.

Nós poderíamos estar tendo aqui um encontro muito mais interessante, poderíamos estar nos acariciando, mas estamos trepando às pressas, num banheiro público, num bordel, num motel de alta-rotatividade. Estamos nos entregando a nada, esses motéis parecem pontos de encontro, mas são verdadeiros pontos de desencontros, nesses lugares a sexualidade não se exerce em profundidade, mas através de este-reótipos.

Eu tenho consciência das minhas dificuldades e isso me permite trepar um pouquinho melhor. Se tá dando pra trepar assim, então é assim que vamos trepar, Deus há de nos ajudar! (RISOS GERAIS) Não fico agarrado na impossibilidade, não tento afirmá-la como uma qualidade minha, mas procuro ultrapassá-la.

Quem é resolvido sexualmente? O Carlinhos de Oliveira? A Sociedade Brasileira de Psicanálise? O Gabeira? Não, ninguém é resolvido sexualmente. A gente tem é muitas dificuldades, só que vê tudo com bom humor e procura transar isso direitinho.

Gozar com o poder é patológico, é a origem das violências, dos fascismos, é um lado do ser humano que precisa ser muito bem trabalhado. Agora, por exemplo, me

"Se você olhar o jeito como vivemos na rua

vai perceber como trepamos na cama"

chamaram pra dirigir o show do Ney Matogrosso no Canecão e na primeira semana de ensaios eu tive taquicardia o tempo todo, porque não gozava, só dava ordens. Só melhorei quando vim fazer as oficinas com o meu grupo, onde canto, danço, represento, trabalho meus sentimentos, sei dar nome a eles, onde trabalho com o meu saber e não com o meu poder.

O meu corpo é uma coisa quando dirijo no Canecão e é outra coisa quando tou na rua e trabalho com meu grupo. Eu senti claramente a diferença do meu físico, de repente eu falei assim: 'meu Deus, eu tô trabalhando a minha super-sexualidade'. Eu não quero o Canecão!

Agora eu tou indo me encontrar com a Ruth Escobar no SNT, dar uma trepadinha rápida no elevador, combinar o festival de teatro do Rio, vou correndo dar uma trepadinha rápida na Caixa Econômica Federal, vou sair limpando o pau ainda, finalmente vou me jogar nos braços do meu grupo e vou descansar, é lá que eu trepo um pouquinho melhor".

DAU BASTOS E LIBE BEJGEL



ricardo fragoso

BRIGADISTA

"Só com o pessoal do partido"

Gorete tem 26 anos, participa do movimento estudantil desde 79 e este ano concorreu ao DCE da Universidade Santa Úrsula, no Rio, onde fez o curso de História. Ligada ao jornal "Hora do Povo" e filiada ao PMDB, Gorete é uma pessoa ativa e saltitante, além de muito engajada politicamente.

"Meu único casamento aconteceu de véu e grinalda, na Igreja. Durante os três anos em que permaneci casada não tive relações com outros homens, mas sou a favor de uma abertura maior, apesar de não gostar dessa tal de "amizade colorida", porque acho que a partir do momento que a gente começa a se relacionar com uma pessoa, a gente quer que ela fique de nosso lado, que seja uma companhia para partilhar das nossas coisas.

Outra coisa que não faço é transar com gente do mesmo sexo, pois ainda não estou aberta pra isso, mas acho que quem tem vontade tem mais é que transar. Quando meu casamento acabou é que entrei pro PMDB, e faz vinte dias que namoro um cara de lá. Ele tem 22 anos, temos uma relação sexual ótima e transamos sempre que dormimos juntos. Por coincidência, todos esses vinte dias nós dormimos juntos.

Acho o pessoal do meu partido muito reprimido, tanto é que reprimiram o Gabeira, que é um puta cara de esquerda, cheio de experiência. Disseram que ele era viado, que era isso, que era aquilo. No fundo, ele tem muita coisa a contribuir; é o que eu acho. As pessoas do PMDB também são muito sectárias: quem está no partido é do partido, mas quem está fora é visto com maus olhos. Comigo isso é diferente, tenho amigos do PT, pessoas de quem gosto, com quem consigo sair, beber, ir às festas, mas procuro transar com pessoas que tenham a mesma visão política que eu. Nunca namorei um cara do PT, por exemplo, e não sei como seria isso, porque, apesar dele propor a mesma coisa que eu, ou seja, a mudança da sociedade, na prática isso acontece de maneira diferente. Pra ir pra cama com alguém é preciso que tenha um mínimo de atração física também; não vou com qualquer um, não.

A minha relação com os companheiros do PMDB é muito fechada, só com uma ou outra amizade feminina é que consigo me abrir. Lá ninguém aborda o assunto sexo, o principal é a luta contra a ditadura. Na minha opinião deveria se conversar sobre sexo também, mas acho que essa não deve ser uma das preocupações principais do partido.

DAU E LIBE

LUTA & PRAZER 5

"O mundo da esquerda poderá ser alegre. Um outro planeta."

"Sexualidade, uma perversão?"

O deputado federal Lysaneas Maciel é membro da direção nacional do PDT, é casado e tem três filhos. Presbiteriano, pertenceu ao extinto MDB; foi cassado em 76, pelo AI-5, e seus discursos eram censurados até pelos próprios companheiros de partido, que o julgavam muito radical. Nos recebeu com simpatia em seu escritório e durante toda a entrevista se mostrou afável e sincero, salvo em alguns momentos em que nos pareceu um tanto embaraçado diante de certas perguntas que lhe fizemos, o que nos levou a concluir que é difícil ser ao mesmo tempo um homem público e poder falar com espontaneidade de certas facetas tabus da vida pessoal, como é o caso da sexualidade. A despeito disso, suas opiniões são polêmicas e críticas, até mesmo em relação ao próprio PDT. Confirmam.

"O compromisso do PDT é com as classes oprimidas, com a qualidade de vida, com o problema ecológico, por isso não abordamos a sexualidade com a mesma profundidade com que tratamos essas questões mais centrais. Acredito que a sexualidade e outros problemas parecidos serão resolvidos a partir da solução que encontrarmos para os problemas mais graves, como a fome, por exemplo. A gente não pode esquecer que diariamente morre muita gente no Brasil..."

Outro dia alguém levantou uma proposta de incluímos em nossa plataforma a discussão do homossexualismo e das drogas leves, mas um rapaz do Jacarezinho e outro de Nova Iguaçu discordaram disso, disse-

AUTOR SEXUAL

"Não sou promíscuo..."

Roberto Goldcock é hoje um moço de trinta e poucos anos, bem vestido, desquitado, mora e trabalha em São Paulo, passa os finais de semana com seu filho de nove anos no Rio. Se diz um "anarquista humanista" e trocou sua militância política de 68, quando foi guerrilheiro urbano, por um trabalho terapêutico sexual, através dos livros que escreve ("Manual das Relações Sexuais", "Arte da Paquera", "Sexo Oral", etc), das conferências que dá pelo Brasil afora e dos atendimentos individuais que faz.

entrevista ULISSES TAVARES

Robert Goldcock



MANUAL DAS RELAÇÕES SEXUAIS

por Homêrô Soares, Mário "Laurinda" Pêlos, Brasiléiro, ZEDRODO

"Na luta pelo prazer terá que se mexer

em toda a estrutura; aí a coisa fica séria"

ram que essas eram preocupações típicas do pessoal do Baixo Leblon, da zona sul. Percebem por que não damos tanta ênfase à sexualidade?

Por outro lado eu acho que a catalogação do que pode e do que não pode é muito farisaica. A nível pessoal a direção do partido é muito liberal, mas inconscientemente ainda há muitos preconceitos contra a mulher, o homossexual, o negro. Para os dirigentes partidários sexualidade é sinôni-



um homossexual na direção do PDT"

mo de perversões, desvios, nunca se vê o lado bom da coisa. Mesmo se dizendo liberal, a maioria jamais aceitaria uma lésbica ou um homossexual na direção do PDT.

Um dia nós estávamos reunidos em um churrasco no Rio Grande do Sul e quando se começou a falar de política um dos homens presentes disse: 'vamos deixar as mulheres aqui e vamos discutir esse assunto no galpão'. Uma mulher então se levantou e falou: 'não, vocês vão discutir política é aqui, com as mulheres junto. Que preconceito é esse?' Ninguém estava percebendo o quanto as mulheres estavam sendo discriminadas com essa atitude dos homens.

O homossexualismo é uma opção, não é desvio. Deve ser respeitado, mas também tem de se ter dignidade, liberação não significa promiscuidade.

Não concordo com a poligamia quando a maioria dos homens usam suas esposas como objetos, simplesmente. Isso é uma agressão muito grande. Não é que eu seja moralista, mas acho que tanto no caso do homossexualismo, como no caso da poligamia, é necessário dignidade e respeito pelo parceiro"

CRISTINA, DAU, PEDRO

"A maioria jamais aceitaria

um homossexual na direção do PDT"

devia ser uma orgia constante, eu devia transar o tempo todo. Fiquei muito surpreso com esta expectativa das pessoas em relação a minha vida sexual e fiquei preocupado, porque na verdade eu sou muito mais monogâmico do que poligâmico.

Eu valorizo extremamente a qualidade do meu relacionamento sexual, o que é difícil de se conseguir de uma hora pra outra; geralmente é uma coisa construída, dependente da continuidade da transação. Por isso eu procuro me apegar aos relacionamentos de qualidade que tenho e não me sobra espaço pra relacionamentos promíscuos. Assim, minha vida sexual não é cheia de aventuras e nem é atribulada. Eu me ligo a uma pessoa só e essa transação é rica, meu pique sexual com aquela pessoa é tão grande que acho difícil repetir no mesmo dia, com outras pessoas. Sei que sou diferente, mas não me sinto frustrado por isso.

LUTA & PRAZER - Como é que você vê a conciliação do prazer na vida individual com a luta política?

ROBERTO - Geralmente as pessoas que se dizem politizadas criticam meus livros como alienantes, mas eu acho que eles são extremamente políticos, porque, a partir do momento em que digo que uma pessoa deve ir à luta pela vida e pelo prazer, estou colocando em xeque uma porrada de postulados sociais. A busca do prazer e da alegria de viver é uma luta muito política, porque o cara que acorda às 5 horas da manhã, pega um ônibus, entra numa fábrica, ganha mal, tem sérios problemas de alimentação e sobrevivência não tem condições de ter prazer. E na hora em que as pessoas descobrirem que numa luta pelo prazer terá de se mexer em toda uma estrutura, aí a coisa fica séria.



SECUNDARISTAS

"Lideranças Reprimidas"

Luís Belo, de 20 anos, e Carlos Eugênio, de 21 anos, ainda são militantes da esquerda secundarista carioca, mas atualmente estão questionando com profundidade o movimento que fazem. Para eles, "a maneira como o movimento secundarista é transado ajuda as pessoas a enxergarem melhor a realidade política, mas não deixa que elas vejam os outros lados da vida".

LUTA & PRAZER - Que ligação vocês fazem entre sexualidade e política?

CARLOS - Pra mim, a sexualidade está ligada a querer ser feliz e se fazemos política é porque queremos ser felizes, claro. Eu lembro que no Colégio São Bento, onde estudei um tempo, só tinha homens e a reindicação maior da gente era que ele ficasse sendo misto; o próprio cineclube, que era dos estudantes, já funcionava de forma mista com o Colégio Santo Amaro, que só tinha meninas, e era uma verdadeira agência de casamentos. Acho que naquele tempo não tínhamos tanta consciência da sexualidade, mas já lutávamos por ela.

LUIÍS - O movimento secundarista nunca dá espaço para a discussão da sexualidade, a realidade dos jovens é esquecida e ignorada por eles mesmos. Sempre aconteceu assim, porque as lideranças do movimento são muito diferentes do resto dos estudantes. Basta ver que as festas do pessoal do colégio sempre são gostosas, enquanto que as reuniões do grêmio são cheias de "companheiros" e "questões de ordem". As lideranças se transformam em "seres políticos", deixam de ser secundaristas, de ser jovens, de ser como eles são e essas coisas fazem com que o movimento não cresça.

LUTA & PRAZER - Falem um pouco mais sobre a vida sexual das lideranças secundaristas.

CARLOS - Quem transa o movimento é diferente das outras pessoas, acaba formando uma casta e as transações se dão apenas ali dentro, há uma tendência de não aceitação dos outros que não são da patota.

LUIÍS - E dentro dessa casta a coisa é meio reprimida, porque as pessoas ficam com medo de se queimarem politicamente. No Conselho de Entidades Secundaristas, por exemplo, nego não namora nem paquera. Antes de entrar pro grêmio eu era bem mais livre, mas hoje fico pensando não sei quantas vezes antes de me agarrar com uma menina.

LUTA & PRAZER - O movimento secundarista foi importante pra vocês? Vocês seriam capazes de aceitá-lo pros outros secundaristas?

CARLOS - Pra conhecer a política foi bom, também aprendi muito fazendo jornal, mas a maneira como o movimento secundarista é transado é que não ajuda a gente a descobrir os outros lados da vida.

LUIÍS - Acho que o erro do movimento secundarista é separar a vida pessoal da atuação política; quem faz política não estuda, não vê o lado pessoal. Eu mesmo me sinto prejudicado em relação às outras pessoas. A política às vezes é usada como uma forma de se fugir dos problemas da vida...

CARLOS - ... e não adianta querer criar um homem novo se no caminho você se torna a antítese dele.

PEDRO CASTEL

LUTA & PRAZER — Podemos começar pela particularidade dessa casa, onde moram quatro mulheres. Como as pessoas vivenciam esta multidão feminina?

LOURDINHA — Sem dúvida que a sexualidade é a marca. O que roda de fantasia sobre o "motel das moças"...

SELMA — E essa é uma forma de repressão velada que existe nas fantasias do padeiro, do açougueiro...

CARMEN — Eles pensam que somos uma comunidade de sapatões (risos).

SELMA — E outras histórias. No carnaval uma de nós estava trepando, fazendo barulho e o nosso senhorio, que mora embaixo, botou a cabeça pra fora e, todo preocupado, perguntou: "Tem alguém passando mal aí?". (risos)

LUTA & PRAZER — Foi infeliz na pergunta, deveria ser: "Quem está passando bem?" (risos). E vocês conversam sobre as transas, sobre a vida afetiva, sexualidade?

CARMEN — Conversamos. A gente sempre sabe como está cada uma; pelo menos das dificuldades de cada uma...

LUTA & PRAZER — E que tipo de relações acontecem mais, namoros rápidos, duradouros, monogâmicos?

CARMEN — Tenho alguns namoros fixos, paixões. E também aqueles que se vê de três em três meses, mais jogo rápido. As vezes entro numa de dar um tempo pra cabeça, ir com mais calma, pois com várias relações as coisas acabam por ficar confusas. Mas não tenho nada muito claro sobre isso.

SELMA — Acho que esse é um ponto em comum: a gente não tem nada muito claro sobre como seria uma forma de relação ideal.

LUTA & PRAZER — Nestas múltiplas relações existe algo que vocês identificam como mobilizante para a escolha da pessoa com quem vão transar?

CARMEN — Neste ponto aparece a divisão, uma puta contradição. Normalmente, as pessoas que curto o corpo não são as pessoas que têm uma proposta de vida parecida com a minha, a cabeça no mesmo lance. E os caras que tem uma vida parecida, mesmas opções, etc, não sei porque cargas dá-gua, não transam legal. Corpo em uns, cabeça com outros. E fica-se vivendo essas coisas, múltiplas relações.

NAZARÉ — Frequentemente, as pessoas que se transa bem a cabeça são os companheiros que estão aí, na luta, no dia a dia, tentando transformar a estrutura, etc. Mas eles tem uma visão de cama que é uma loucura; têm um padrão. São caras que vão revolucionar o sistema, mas sexo não se coloca aí. Eles separam tudo. Eles são homens, fiéis, que têm mulher e filhos e que questionam a relação, mas é mentira. Se ele trepar com você, você é uma putinha, ou no máximo uma companheira que tem alguns "desvios". Eles são uma contradição muito grande. Eles estão lutando pela mesma coisa que eu enquanto falam do custo de vida, das coisas do geral. Mas na cama... esta não é uma reivindicação do movimento; a sexualidade não é uma questão revolucionária. Eles separam tudo. Você não trepa com ele, ele trepa com a mulher dele; você é mais uma que ele comeu, que deu pra ele. São grandes machos e aí é que embola tudo. E isso também é mentira, porque, na realidade, eu transo com um companheiro, moro e mantenho uma relação única, daquelas bonitinhas... e tou fudida. Não é isso que eu quero. Ele no partido é ótimo, mas não sei se na cama é tão ótimo assim. E também não posso tocar isso porque ele fica todo... sabe como é...

LOURDINHA — Você está trazendo muito para uma transa particular, mas caindo em outra coisa. A gente critica que a esquerda só fala no geral, e é certo. Mas falar que os companheiros de esquerda são uma merda na cama é demais.

NAZARÉ — Ele ser um machão em momento algum significa que seja um cara

ruim de cama. Posso ir pra cama com ele e ter um puta prazer. O que eu coloco é que ele é um machão, um moralista. Posso dar uma ótima trepada com ele, mas a visão que ele tem disso é totalmente deturpada. É a visão do grande macho.

CARMEN — Vamos convir que nem todos são assim. Tem caras discutindo isso legal.

LUTA & PRAZER — Mas esse discurso contraditório que os companheiros têm...

NAZARÉ — Discurso não, prática. O discurso é até coerente, mas no dia a dia as coisas são muito diferentes. Homem não é ruim (risos), mas existem dificuldades.

LUTA & PRAZER — Vocês discutem essas questões com o outro?

NAZARÉ — Discutimos numa boa. Não chegamos a lugar nenhum, mas discutimos (risos). Tanto que está levando nossa relação a uma crise.

LUTA & PRAZER — Discutem o que? Quando? Depois que trepam falam sobre o ato?

NAZARÉ — Discutimos depois de trepar, o que eu gostei, o que ele gostou. Posições, tipo "eu quero assim, assim eu não quero". E às vezes fica no "como ele quer eu não dou, como eu dou ele não come" (risos). Saimos pra outra. Ele vai pra uma punheta, eu também vou agitar... (Com ironia) A situação é perfeita: você não discute, tá tudo ótimo. Mas, na verdade, acho que tem que quebrar o pau.

LUTA & PRAZER — A figura de linguagem é ótima: "quebrar o pau" é em cima...

SELMA — A gente tá com uma prática agora em que me ocorrem as diferenças de como a gente transava com homem e como a gente transa agora. Eu estou mais relaxada, transando as coisas como acontecem e tudo está indo bem. A gente está experimentando situações novas, não planejadas. O namoro seria inclusive isso: sair, transar com um cara e no dia seguinte, tchau. É muito para não perder a prática do sexo. Por outro lado, numa outra forma de relação, você trepa mesmo, cultivando mil coisas do orgasmo. Depois de alguns meses transando com a mesma pessoa fica ótimo, se vai ficando mais íntimo, se cultiva...

CARMEN — Porque é diferente. Essas pessoas que a gente transa de repente, tem



MOÇAS DO PT

Mulheres de Atenas?

A cilada foi bem armada: na hora da entrevista marcada com a Carmem, fui levado de moto para sua casa, onde mais três mulheres me esperavam para o papo sobre a questão sexual e militância política. Como bom seqüestrado, colaborei ao máximo e todos fomos recompensados: a conversa foi ótima, direta, alegre, instigante. Muitas vezes éramos os cinco a falar, afora o cachorro e o papagaio. Procurei, na edição do texto, ser fiel ao clima que conseguimos, e o resultado está aí, corrido, com poucos cortes. Do outro lado do gravador, Carmen, programadora visual, arquiteta, 25 anos; Nazaré, jornalista, 25; Selma, também jornalista, 35 e Lourdinha, psicóloga, 26 anos. Moram todas juntas e todas são do PT. Te segura, Lula!

CARLOS RALPH

Uma outra coisa que tem alguma ligação é o fato da obrigatoriedade da mulher gozar, hoje em dia. Você acaba de transar e vem o cara e pergunta: GOZOU? E muitas vezes não é por aí. "Foi um tremendo barato e não gozei, tá".

SELMA — Esse problema também pinta com o homem, com esta nova postura da mulher de cobrar tudo. Haja desempenho... Há um peso no ar.

CARMEN — Outra coisa é a inversão de determinados lances. A mulher é tão reprimida na transa de sexo e tal, e de repente o homem tá passando a sofrer: "Ahh, você não gozou...". É uma loucura, dá vontade de dizer: olha, quem não gozou fui eu, pára com isso.

LUTA & PRAZER — A posição política do outro interfere no seu chegar, no seu prazer?

CARMEN — Não é que interfira, mas está intimamente ligado à forma como a pessoa transa, à prática dela. Quer dizer, um cara que concorda comigo mas que na prática não leva o que está propondo, tem uma posição diferente da minha perante a vida, e aí fica difícil. A posição política dele até conta, desde que na prática seja exercida. E isso acontece também na prática sexual, do dia a dia, em tudo.

LUTA & PRAZER — Entrando um pouco em sua intimidade, porque te conheço. Você transou com um dirigente partidário. pelo qual tinha grande admiração. E...?

CARMEN — O fato dele ter uma projeção dentro do movimento foi até um grilo. Pinta muita cobrança da mulher que acompanha a cabeça do cara. O fato dele estar há mais tempo nessa do que eu, de ser mais seguro politicamente faz com que a mulher fique meio a reboque. E até tumultua. Mas estou apostando no meu crescimento. Eu

coloquei o fato e ele disse que não tinha nada a ver. Mas as pessoas continuavam a me cobrar coisas que ele defendia.

LUTA & PRAZER — Vocês têm dificuldades de transar com uma pessoa que tenha uma posição política totalmente diferente da de vocês?

LOURDINHA — Já transei com um reformista e a gente quebrava o pau, discutia tudo, mas ele era um grande homem na cama. Destransamos por outros motivos.

NAZARÉ — Transar com uma pessoa que tenha outra cabeça interfere, mas não quer dizer que não se vá pra cama com ela.

LUTA & PRAZER — Interfere onde? Ao nível do prazer?

NAZARÉ — Acho que existem duas formas, uma, que é a masturbação a dois. Aí você não questiona outras coisas, você quer é a pessoa, não importando o que ela pensa, você quer é curtir. "Cala a boca e trepa" (risos). Outra perspectiva é a da relação mais constante, onde se você não tem um mínimo de pontos de identificação, não se troca nada, a transa não cresce.

LUTA & PRAZER — Posso deduzir que a concordância ao nível político faz uma relação perdurar, crescer?

NAZARÉ — Não. Posso até transar com um cara que tenha muito a ver com minha cabeça e não bater nada embaixo. Essa é a grande polêmica. O que é difícil de acontecer é transar com uma pessoa e que nossas cabeças e camas estejam rolando. O que também não quer dizer que só se vá transar com essa pessoa; mas isso aí dá subsídios para a transa continuar. Se a transa é só a nível do prazer, não vai rolar, vai ter um limite. Como deixar de transar com uma pessoa com o argumento de que hoje não estou a fim, tou pensando em outras coisas, noutra esfera. Acaba secando.

LUTA & PRAZER — A luta comum faz falta?

LOURDINHA — Muita coisa bate também na questão da mulher, seu papel, sua imagem — a mulher tem que ser assim, ser assado — e amplia a discussão, saindo só do âmbito da esquerda. Outra questão a se colocar é a relação de prazer com o trabalho. Aí eu tenho um prazer, no trabalho político, que é mais que importante.

LUTA & PRAZER — Mas é só o trabalho ideológico que motiva? Acredito ser da maior importância se trabalhar com pessoas que nos deem prazer, numa estrutura que também abra espaço para as relações interpessoais. As organizações comerciais, quando abrem para isso, visam maior eficiência, produtividade. E tá aí a psicologia para servir. E nas organizações políticas? Em que nível vocês discutem e se relacionam no PT?

LOURDINHA — No PT isso se dá pouco, apesar de eu achar que tinha que pintar mais, mas sempre tem mil coisas pra se discutir, anteriores a essa questão. O que eu questiono muito é minha situação de mulher, sexualidade, nível de companheirismo; que posição a organização tem sobre o fato de mulher levar porrada, ser chamada disso ou daquilo, se eu gozo, se é bom, se não é, essas questões que tem que ser discutidas quando se tem uma prática comum.

CARMEN — Existem pessoas que estão questionando esse lado da esquerda, mas acho que o PT ainda está correndo atrás da legalização, filiação, e nós queremos muito mais dele. Enquanto mulher, espero que mais cedo ou mais tarde o PT apresente uma lei sobre o aborto, por exemplo, que é algo que sentimos na pele. Temos que começar a colocar coisas que estamos vivendo. E temos outras coisas que colocar para que o partido se posicione. Já existe no PT um ativo de mulheres, que é uma coisa embrionária ainda; tem um ativo sindical, de favelas; está se abrindo para a voz do negro, etc. A gente quer é que o lance político que a gente transe esteja ligado às coisas que a gente está vivendo. E falar sobre isso.

"Os companheiros de luta têm uma visão de cama que é uma loucura, separam tudo..."

Manifesto ao Orgasmo



Por que o orgasmo, que parece ser um ato individual a dois, deve ser considerado um ato político? Toda experiência significativa é orgástica em maior ou menor grau. Por "experiência significativa" entendo desde a experiência que altera a vida de uma pessoa até a

que altera a história do mundo, envolvendo um desdobramento do poder. Ela envolve um esvaziamento do crítico da mente e, após, a estruturação de uma nova percepção.

O orgasmo é politicamente importante, principalmente num contexto pré-revolucionário, no que diz respeito ao derrube das barreiras repressivas — barreiras essas que podem destruir uma revolução baseada apenas no economismo simplista, na mudança dos donos dos meios de produção e das relações de produção, esperando-se que com isso o resto se modifique automaticamente. A repressão profunda do êxtase orgástico caracteriza a diferença entre fazer amor e copular (reduzir o outro a um objeto sexual).

A mensagem deve ser pão e orgasmo, do contrário pode-se criar uma revolução que não valeu a pena realizar.

É preciso desmistificar o orgasmo, primeiramente libertando-se das atitudes de propriedade e em segundo lugar olhando o outro de frente e tendo a coragem de ser olhado pelo outro. O pré-requisito do orgasmo é uma relação amorosa (tenha ela 50 anos ou 5 horas), em que podemos confiar na outra pessoa o bastante para renunciar a imagem do próprio rosto, corpo, do eu em favor do outro, tendo a certeza da recuperação, num segundo momento desses aspectos. Com base na confiança, não receamos a perda do eu numa loucura furiosa e final. Quando um par faz o amor é possível que só um dos participantes tenha orgasmo, desde que se possa renunciar o eu em favor do outro e numa outra ocasião isso ser invertido. Assim algumas dificuldades podem ser superadas desde que a título de introdução uma das pessoas possa se masturbar ou ser masturbada, enquanto a outra olha.

O orgasmo no sentido absoluto é possível não só com uma determinada pessoa que se ama, mas também com outras. Embora o amor seja essencial para o orgasmo não é concomitante com o amor por uma pessoa central. A liberação do reflexo de orgasmo ao consultório, num contexto unidirecional terapêuticamente, desassocia desastrosamente o orgasmo do amor. É simplesmente uma substituição barata (e dispendiosa) do mecanismo do orgasmo, simples cópula, em vez da experiência do orgasmo como um girar em círculo, um revolucionar e ser revolucionado pelo amor. Um dos paradoxos mais cruéis que podemos ter de enfrentar, é que freqüentemente não experimentamos o orgasmo com a pessoa que mais amamos mas apenas com indivíduos não relativamente envolvidos. Não se trata de um argumento em favor da promiscuidade, mas pelo contrário, significa o tipo certo de ação na terapia com vista a uma desmistificação rigorosa de todos os elementos da realidade pessoal. Esta terapia é sempre mútua, embora uma pessoa possa precisar durante algum tempo mais do que a outra. O terapeuta e o terapeuta atinge momentos orgásticos de compreensão — embora por vezes isso possa envolver relações físicas isentas de ciúmes.

Tudo o que posso fazer é garantir, com base na minha experiência, que esses momentos são possíveis. Simular o orgasmo não é só um expediente masoquista por parte da mulher para iludir e gratificar o homem, assegurando-o de sua virilidade, mas além disso o homem também finge que o teve, embora ela não "o" tenha tido mais do que ele. A coisa se torna mais complexa quando ela tem que simular não ter percebido que ele não percebeu a sua própria simulação. Através dessa complexa mistificação, o fingimento da mulher em relação ao homem pode ser traduzido na linguagem íntima: "agora tive mesmo um orgasmo", enquanto o homem lê a mensagem como "consegui que ela tivesse um orgasmo ótimo". E, nesse mercado de notas falsificadas, ele poderá chegar à conclusão que também teve um orgasmo, até mesmo um orgasmo simultâneo. O orgasmo masculino é ainda menos frequente que o orgasmo feminino, que já é bastante raro. Isto deve ter alguma coisa com o fato de que, em geral, os homens em terapia fazem mudanças mais lentas do que as mulheres, porque a terapia deve envolver momentos orgásticos; constituem exceções os homens já familiarizados com seu lado feminino e os assumidamente homossexuais (desde que perce-

"O não-orgasmo e a reação política andam de mãos dadas"



David Cooper é mundialmente conhecido por lançar, junto com Laing, o movimento de anti-psiquiatria. Este texto, "Manifesto do Orgasmo", foi retirado do livro "Gramática da Vida", editado em 1974, com edição brasileira da Martins Fontes. Embora more na Inglaterra e tenha nascido na África do Sul, sua formação se deu no Terceiro Mundo. Cooper criou e dirigiu vários trabalhos experimentais com "esquizofrênicos" — as chamadas comunidades terapêuticas —, e seus escritos sobre orgasmo e prazer sexual vinculam-se diretamente ao aspecto político, como Reich (A Função do Orgasmo, Irrupção da Moral Sexual Repressiva e outros) e George Orwell (1984).

Cooper tem diversos outros livros editados em português: Psiquiatria e Anti-Psiquiatria, A Morte da Família, A Linguagem da Loucura, Dialética da Libertação (com outros). Em tempo: este Cooper não tem nada a ver com o da Corrida — arf, arf, arf. A corrida dele é outra.

bam que o terapeuta não está a procurar "convertê-los" sexualmente, ou quando o terapeuta não vê na homossexualidade uma doença, mas, pelo contrário, considera como doença a falta de experiência homossexual adequada. Isto confirma a opinião que a terapia é uma Grande Cópula (penetração mútua do ser de cada um pelo ser do outro).

A mulher pode ter até cinco orgasmos durante a pene-

tração peniana, isto é, até que o homem ejacule, mas durante uma hora o número de orgasmo pode chegar aos cinquenta. Aparentemente isto significaria que a mulher necessita de muitos homens ou de uma grande quantidade de masturbação. Os homens devem aprender quanto prazer podem obter masturbando uma mulher antes e depois do ato fundamental do amor. Durante a evolução para o orgasmo, formas extra-genitais da relação sexual libertam o corpo de ambos. Tanto para as mulheres como para os homens, a experiência de excitação crescente e progressivamente menos inibida do outro é fundamental para o percurso do orgasmo. A mistura das secreções cutâneas e orais, a sensação viscosa e táctil das secreções genitais sobre o baixo ventre, o rosto, lábios e outras partes do corpo, seus cheiros e gostos, tudo isso são escalas do percurso do orgasmo (muitos homens libertos não conseguem olhar de frente, e muito menos com carinho, a vagina da mulher, e ainda menos localizar e excitar o clítoris e o tecido peri-clitoriano de uma maneira recíproca satisfatória, ou simplesmente perguntar-lhes como ela gosta de ser tocada; assim como a mulher não consegue libertar-se de seus tabus para proceder de maneira idêntica. Além disso há a idéia ilusória de que certas formas de sexualidade são passivas, tal como o contato da vagina com a boca, e a penetração anal. Essa passividade é um simples mito e é baseada na ilusão de que as mulheres são passivas, ou têm uma mobilidade mínima no coito — em geral reforçada pelo corpo, mãos, braços, peso, na posição tradicional, com o homem por cima, mantendo a mulher fixa sem que ela possa se entregar à sua sexualidade de maneira total e liberta. Esta perda de controle, provocada pelos movimentos livres e violentos, é considerada uma loucura perigosa, um perda total do eu que pode ser irrecuperável, fazendo com que a mulher, ao perder o controle, se desculpar dizendo "que está muito envergonhada", bem como o homem refreia os sons naturais do ato amoroso. Os primeiros passos do orgasmo são dados muito cedo. A mãe que masturba o filho para que deixe de chorar está também, na realidade, a criar um prazer compartilhado. O "etarismo", proibições sexuais em função da idade, deve ser desmitologizado. A educação revolucionária destrói as regras do jogo com a arma do fogo. Igualmente a libertação feminina e a homossexual tornaram-se movimentos estimulantes nos ventrículos do coração da "Nova Revolução".

A frigidez é uma maneira de tentar abrir a porta do frigorífico, a ejaculação precoce nunca é um caso que requer tratamento, mas simplesmente uma maneira, um tanto desajeitada e urgente, de dizer um "olá" apaixonado.

Tanto a falta de preparação da mulher para orgasmo como o estado masculino de não ereção ou ejaculação precoce indicam apenas, além do evidente condicionamento político, que sorratamente sobe para a cama com todos nós, a necessidade de nos tocarmos, agarrarmos e nos explorarmos mutuamente durante um período de tempo maior que o período burguês. Também as chamadas perversões não são enfermidades sexuais, mas antes experiências sexuais experimentais, mergulhos socialmente isolados nas águas paradas do amor — mas continua a ser amor. E precisamente porque são amor, nunca são um problema psicopatológico mas, talvez, um profundo problema de solidão. Não há problemas psicopatológicos e a psicopatologia deve ser considerada hoje quase a palavra mais obscena de todas, justamente porque não reconhece o amor.

Trata-se de um conveniência pública totalmente destrutiva, disfarçada de ciência. Claro que é preciso desmistificar determinados aspectos relacionados com digamos, um "fetichismo de borracha", o "exibicionismo" e a "bestialidade", porém a resposta não é parar, mas prosseguir no sentido da realização máxima da sexualidade e da vida, quando, finalmente duas pessoas se satisfazem uma com a outra. O não orgasmo e a reação política andam de mãos dadas, temos que conseguir sua abolição simultânea. Basta olhar para as fisionomias patéticas dos líderes fantoches burgueses, os Hitlers, os Nixons, etc. A sociedade burguesa está condenada a ser governada por enúcos, cujas fisionomias não orgásticas ostentam, todas o mesmo "Aspecto Nixon". Em nome do orgasmo temos que realizar uma operação específica, temos que destruir nossos pobres cérebros envenenados, decapitando-os de nós próprios, temos que perder nossas cabeças para entrarmos nos nossos corpos. Há um tempo para mentes, um tempo para perdê-las e um tempo para recuperá-las.

(Resumo livre do Manifesto ao Orgasmo, de DAVID COOPER, feito por Pedro Castel.)

Há dez anos, militante político significava uma coisa só: uma pessoa que fizesse parte de uma organização de esquerda, logicamente clandestina. O militante era sempre duro, sectário, intolerante. Considerava desvio pequeno burguês qualquer coisa que não fosse contribuir imediatamente para a revolução.

A verdade é que não havia outra opção. Ou se entrava nessa ou se ficava de fora com um analista a tiracolo pra ajudar a suportar a culpa de ter feito a opção individualista. A política estava ligada à morte.

Dez anos depois, o militante político que foi desse estilo é o personagem que mais vende livro nesse país. O sucesso é sempre garantido. Não importa mais o autor. Importa o personagem.

Engraçado é que o personagem parece muito antigo, quase uma peça de museu, embora ainda exista gente que siga esse figurino. Mas o militante político não sumiu do mapa. Nunca se viu tanta gente militan-



haroldo viegas

do como agora. Só que não se diz mais *militar*. Se diz *agitar alguma coisa*. E o pessoal está agitando à beça. Só um super-homem conseguiria participar da associação de moradores de bairro, atuar no seu sindicato, escrever para a imprensa alternativa, dar força para o movimento feminista (sua porção mulher, naturalmente), organizar manifestações em favor da ecologia, etc, etc, etc... A prova maior que alguma coisa mudou nesse país é que as opções de militância são tantas que a gente tem que escolher uma. É sobre isso que falam um ex-guerrilheiro que organiza um novo partido político, um outro ex-guerrilheiro que escreveu um dos best-sellers da militância, um ator negro, uma mulher negra, um rapaz que se preocupa com o lugar onde mora e um homossexual preso.

Conversar com eles foi um barato. A política que eles fazem é a política da vida. O militante 81 é mais bonito, mais alegre, mais feliz do que o de 71. Agora tem lugar pra todo mundo.

ALTERNATIVAS DE MILITÂNCIA

MONICA NAPOLITANI

TORTURA É MACHISMO

Depois do golpe de 64, quem se dispunha a ter uma atividade política encontrava como único caminho uma organização clandestina. A AP e a POLOP seduziram pouca gente. O sonho da revolução parecia um patrimônio do PC. E foi por essa porta que o jornalista Álvaro Caldas entrou no trem: "Quase todos nós passamos pelo PC mas nos desencantamos cedo. A organização era muito pesada e castradora". Engraçado é que mesmo tendo percebido isso logo e de terem sido expulsos do partido, Álvaro e seus companheiros reproduziram nas novas organizações que criaram a mesma estrutura da organização-mãe. "Conservamos a mesma incapacidade de aceitar divergências. Cada nova divergência correspondia a um novo racha. Esse sectarismo se estendia também ao plano pessoal. A revolução era um objetivo quase místico que anulava todos os demais."

Nessa altura, um militante político precisava ser um homem de ferro: "Tudo o que fosse prazer, alegria, sensualidade era para depois da tomada do poder". Coisas simples como casar e ter filhos eram consideradas vacilações pequeno burguesas, sinais certos de que o companheiro ainda não estava completamente ganho para a revolução.

A esquerda não tinha resposta para as reivindicações das mulheres, dos negros, não dava importância à questão ecológica e não admitia que os direitos dos homossexuais pudessem ter alguma importância na construção de uma nova sociedade: "Da mesma forma que adiávamos a felicidade, adiávamos também a solução desses pro-

blemas. O que houve foi um rompimento básico entre política e vida."

O sectarismo das organizações de esquerda aparece de forma cruel na hora de enfrentar a repressão. Ninguém foi mais desprezado que o "desbundado": "O nome reunia todo mundo que apresentasse qualquer sinal de vacilação. A dureza da qualificação ilustra o grau de fechamento a que chegamos, o nível de intolerância e de rigidez em que nos metemos na apreciação de questões políticas e pessoais. O mito do guerrilheiro era muito forte e envaidecedor e em oposição a ele não existia nada, só mesmo o desbundado.

A tortura suscitou também entre os militantes um componente machista, que se expressava na disputa, raramente assumida, de comparação de atitudes e de capacidade de resistência.

Mas a cadeia se encarregou de desmistificar as coisas. A reflexão forçada fez as pessoas mudarem e muita gente quando saiu foi procurar um analista, o que alguns anos antes seria considerado uma gravíssima vacilação pequeno burguesa.

"Mas nesse processo também houve muita coisa boa — diz Álvaro —. Nunca tive amigos como tive na esquerda. Havia naquilo tudo uma generosidade enorme. Um lado de afeição que todo o lado massacrante do partido não conseguiu apagar."

MILITANTE "DE MENOR"

Nesse ponto entra em cena um novo personagem — Cezar de Queiroz Benjamim, 27 anos, dirigente do PT, que tinha 14 anos em 64 e criou um problema único para a repressão: o que fazer com um guerrilheiro "de menor"? a solução foi expulsá-lo do

país a tempo de assistir em Copenhagem, em 76, a uma manifestação contra o golpe do Chile. Para quem saía da cadeia, foi um choque ver aquela gente bonita, com seus filhos e seus violinos, numa manifestação inegavelmente política.

O exílio ajudou a chegar à conclusão de que "é preciso acabar com essa dicotomia careta que divide as pessoas em feias, chatas-militantes e as bonitas, interessantes e alienadas. O termo militante político, que de um tempo para cá se transformou num estereótipo, corresponde ao militante de uma época em que a política era muito chata. Se a militância dessa época foi um grande bode é porque a década de 70 foi um grande bode."



juliano serra

"Ultimamente nos tem sido atribuídas culpas por erros que não foram nossos. A geração 68 foi muito saudável. Minha lembrança de 68 é do tempo em que minhas amigas começaram a tomar pílula, o tempo em que a gente sentava no meio da rua, fazia passeata na contra-mão, o espaço era subvertido. É uma injustiça jogar a culpa da contra-revolução na nossa geração."

"A crítica a esse tipo de atitude reproduz

um discurso da direita que justifica o AI-5 como única forma de terminar com a baderna promovida por um bando de loucos. Qualquer movimento social pode ser descrito de uma forma ridícula, principalmente se ele foi derrotado. Basta contá-lo do ponto de vista da cozinha. Se Fidel não tivesse tomado o poder seria hoje um personagem de Garcia Marquez."

Mesmo depois da cadeia e do exílio, Cezar continua a ser um militante de partido: "Não consigo visualizar outra forma de síntese dos movimentos populares que não seja através dos partidos políticos. Esses movimentos se preocupam em mudar as relações sociais em contraposição à esquerda tradicional que vê como fundamental a tomada do poder. O que é preciso não esquecer é que as relações sociais têm uma matriz que as reproduz sempre, que está nos modos de produção. Se o modo de produção não muda, o máximo que se consegue é redefinir aspectos da dominação de classe."

"Sem dúvida, o local onde se gestava a nova oposição brasileira não era dentro das organizações de esquerda. Mas é preciso estar atento para não cair novamente no discurso da direita de que os partidos políticos são uma coisa velha. Os partidos velhos são velhos mas enquanto existir uma sociedade de classe eles continuarão a ser importantes. Precisamos é de um partido novo que não pretenda ocupar todos os espaços sociais, não pretenda ser o motor que tudo move. O mais importante no momento é superar duas caretes: uma, que é tentar fazer política de uma forma velha, e outra que é negar a política."

PRETO E POBRE

Deixando de lado o pessoal do trem, vamos encontrar um outro tipo de militante, que reage ao ser chamado assim, mas que está sendo fundamental na construção da nova oposição brasileira.

Lincon Santos tem 31 anos e é muito bonito com seu chapeuzinho de crochê e o cabelo penteado em trancinhas que fariam um militante do velho estilo no mínimo desmaiar de indignação. Com a mãe professora primária e o pai cabo do exército, teve a chance — rara para um negro brasileiro — de estudar. A princípio no Colégio Militar, lugar de preto e de pobre é nas forças armadas, de onde foi expulso em 67. No colégio Visconde de Cairu teve o primeiro contato com a política através do ME mas foi em 70, ano em que vai para a escola de teatro, que começa a transformação que fez dele um dos líderes do Movimento Negro Unificado.

O movimento negro no Brasil começa a se formar no início dos anos 70 impulsionado pelo movimento pelos direitos civis nos EUA e pelos movimentos de libertação na África. Foi o momento da pequena burguesia negra começar a associar o que acontecia lá fora com a discriminação que existe aqui dentro, a questionar a famosa democracia racial brasileira e a se organizar.

A identificação que Lincon já tinha procurado com os colegas do ME, com o pessoal da escola de teatro e no Clube Renascença, pinta no Centro de Estudos Afro Asiáticos, fundado no Rio em 74. O centro pretendia desenvolver debates sobre a questão racial e através da valorização e do estudo da cultura negra, recuperar uma identidade racial. Com o aparecimento do MNU em 78, há um salto qualitativo. Com a proposta de unificação de todos os movimentos negros e formação de uma frente, o discurso sai de uma análise racial e culturalista para a combinação da questão racial com a questão de classe.

“Eu vejo a militância como um processo. É uma posição de vida que se vai assumindo gradativamente. Acharia péssimo pegar um companheiro novo e começar a ensinar tudo a ele. A patrulhar o que ele faz. Isso tiraria o significado do próprio movimento de libertação. A libertação não é só política e econômica.”

“Veja só esse pessoal que cai de pau no Rui, que foi presidente da UNE, porque ele resolveu fazer teatro. Se é esse pessoal que quer fazer a revolução nesse país, eu não quero essa revolução. Se vão tolher minha criatividade em função de uma moral marxista-leninista, eu não aceito.”

HOMOSSEXUALISMO ATIVO

O jornalista Antonio Crisóstomo está preso, acusado de atentado grave ao pudor. No processo, o testemunho de alguns vizinhos e uma prova que deve pesar contra ele: uma coleção do “Lampião”, jornal que edita há três anos e que defende os direitos dos homossexuais.

De todos os movimentos sociais que surgiram nos últimos anos, nenhum desperta da mesma forma a repressão, tanto da direita quanto da esquerda. Para Crisóstomo a repressão é maior porque eles estão mexendo com o maior tabu da nossa sociedade: “O feminismo é mais assimilável porque parece mais paternalizável. O homossexual é mais amedrontador porque nem sempre é identificável, nem sempre é passivo, nem sempre obedece ao protótipo que os poderosos determinaram para ele.”

Lélia: A violência contra o negro nunca foi percebida pelos militantes da esquerda.



Juliano Serra

O papel do MNU é de mobilização da população negra em função de seus interesses que se confundem com os da maioria da população brasileira que é oprimida e explorada, mas temos que garantir a nossa especificidade enquanto povo. Nenhum setor da sociedade brasileira jamais deu resposta à questão racial e a esquerda a coloca em segundo plano. Se nesse momento não se joga luz sobre o que o negro sofre na nossa sociedade, a gente não pode confiar que isso vai ser feito depois.”



A VIOLÊNCIA DESAPERCEBIDA

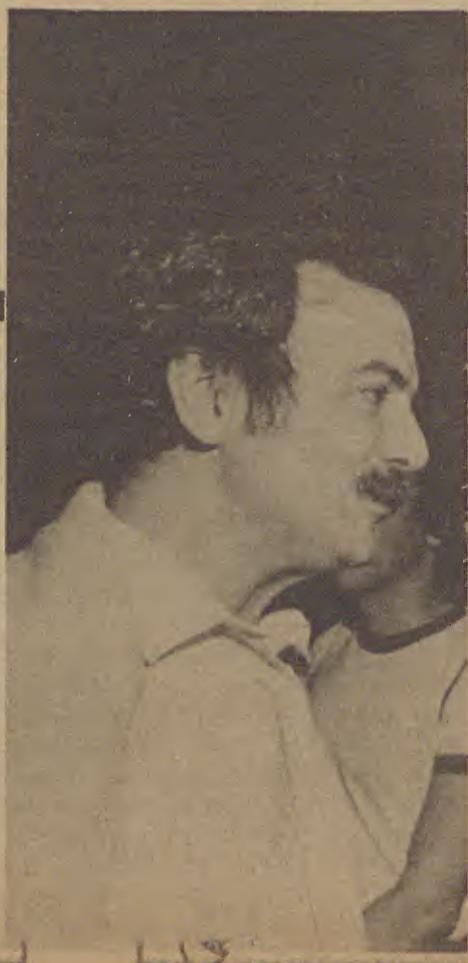
Lélia Gonzales entra na discussão com a autoridade de quem vive cotidianamente uma dupla militância — como negra e como mulher: “A militância começa quando alguém descobre que está inserido numa sociedade. De repente você saca que está no meio do pessoal que está sendo sacaneado e aí não há outra saída senão brigar para que isto mude.”

“A minha primeira descoberta foi enquanto negra. Me percebi como parte de um setor majoritário da população que não detém nenhuma parcela do poder. Em 78

fui convidada para fazer um seminário sobre a mulher como força de trabalho. Levei um texto pronto mas só consegui ler duas linhas. Esse momento corresponde a uma tomada de consciência mais específica da minha condição de mulher negra, vítima de uma tríplice discriminação: social, racial e sexual.”

Lélia viu a luta armada como uma reação justa de uma classe média branca, a quem faltou a dimensão da questão da mulher e do negro: “Afim, em 64 quem ficou mais arrebitado nesse país foi a população negra. O negro nesse país é preso porque é negro e essa violência nunca foi percebida pelos militantes de esquerda. Eles não conseguiram ver que a população carcerária é majoritariamente formada por negros que serviram de cobaia para as torturas aplicadas aos presos políticos. Com a volta dos exilados a coisa melhorou. Eles sentiram um pouco na carne o que é ser discriminado.”

Um dos trabalhos importantes de Lélia é levar a questão da mulher negra dentro do movimento feminista. Na questão da empregada doméstica aparece uma grande



“O homossexualismo amedronta muito mais que o feminismo”

Crisóstomo é outro que não se considera um militante: “Não faço parte de nenhum dos núcleos de militância gay que existem por aí. Através do trabalho jornalístico do Lampião levantamos muitas questões importantes. O Lampião abriu espaço para que se formassem grupos gay, mas sempre tivemos a preocupação de não ficar cagando regra. Esse trabalho que eu chamo de movimentação libertária, não tem nada a ver com os políticos.”

“O Lula deu uma entrevista ao Lampião

dizendo que não havia homossexuais no seu sindicato. Logo depois recebemos 3 pedidos de assinatura vindo de S. Bernardo e um deles mandava a carteirinha, assinada pelo Lula, autorizando a publicação.”

Crisóstomo discorda dos militantes gays que estão dentro dos partidos políticos: “Eles aceitam que tem uma luta maior a ser travada. O pessoal que faz parte da fração gay da Convergência Socialista me pediu para publicar uma matéria a favor da Convergência, mas ela nunca emitiu nenhum documento apoiando a sua fração gay.”

Mesmo achando que uma expressão parlamentar poderia ser interessante, Crisóstomo desconfia dos partidos: “Eles tem uma tradição de se aproveitar dos homossexuais como força de trabalho eleitoral e depois acabar com eles. Foi assim com Hitler, foi assim com Stálin.”

contradição do feminismo: "Afinal, a discriminação racial do trabalho prejudica mais à mulher negra do que a discriminação sexual prejudica a mulher branca."

"O meu cotidiano é penetrado todo o tempo pela militância mas é importante balancear tudo isso com uma reflexão teórica senão a gente se transforma num ativista tarefeiro. Foi estudando que percebi que na luta pelo povo negro, o inimigo não é o branco. Hoje eu compreendo que a minha luta é contra todas as formas de racismo e não contra os meus irmãos brancos."

TRABALHO DE RATINHO

Elio Grossman é um dos diretores da Associação de Moradores de Santa Teresa. "Não sei se o termo é militante, mas sei que estou fazendo política. Em 69, 70 tive alguma participação no ME mas nunca consegui entrar de cabeça. Aquilo me dava a sensação de uma grande onda que te leva quando você não sabe nadar."

Sempre preocupado com o lugar onde mora, Elinho foi parar numa rua que é uma ilustração viva do que seja uma pirâmide social: a Eliseu Visconti começa na casa dos Monteiro Aranha, passa por casas da classe média alta, classe média baixa e termina no morro do Fogueteiro. E foi pelo Fogueteiro que ele começou o trabalho que define como de ratinho: "Sempre tive amigos nas favelas. Organizamos um jornal, o Folha de Bananeira, e fui diretor de dois blocos. Um trabalho divertido mas em que nunca se perdia a noção de que existe alguma coisa além do carnaval. Discutimos se valia a pena desfilarmos na Avenida, o que é a Riotur etc. Além disso passamos filmes, levamos peças de teatro e outras atividades."

Daí para a organização de uma Associação de Moradores foi um pulo: "A associação de moradores é uma forma de participação - acho até que dá para chamar de militância - bastante aberta. O trabalho é para todos os moradores e quem se interessar é só chegar."

"No começo tudo ia muito tranquilo mas no momento em que a AMAST se uniu ao movimento geral das associações e começou a fazer críticas ao estado através da CTC, começamos a receber o troco. Depois do desastre com o bondinho, vários diretores foram chamados para depor no DPPS. Eu e o Sérgio, presidente da AMAST, fomos presos. Senti que era importante tirar a gente do local, intimidar a população."

Elinho reclama do número pequeno de pessoas que participa com regularidade: "Que culpa no cartório a gente terá para centralizar tanto as coisas? Será que a gente está tentando direito abrir a Associação? Mesmo que a intenção não seja ruim, isso às vezes acontece..."

O Lampião conviveu toda sua vida com inquéritos, acusações e uma rigorosa fiscalização. Mesmo assim, Crisóstomo classifica essa experiência como prazerosa: "Foi a experiência de ser eu mesmo, de viver em paz com a minha cabeça. Não vou dar a ninguém o prazer de me sentir culpado, maldito ou depravado. É preciso que se entenda que o Lampião nunca fez proselitismo do homossexualismo. A nossa luta básica era para quebrar o tabu que impede as pessoas de serem o que elas querem ser."

"De tudo isso fica uma satisfação. De certa forma nós conseguimos falar. Não que nos tenham convidado, mas nós falamos assim mesmo."

- Tem certeza que você não é um militante, Crisóstomo?

- Se ser militante significa pensar, ter uma consciência e trabalhar de acordo com essa consciência, então sou."

Lançamentos Graal

HISTÓRIA DA SEXUALIDADE I (3ª edição)

Michel Foucault

A estratégia analítica do autor dirige-se contra a tese solidamente estabelecida que vai de Freud a Marcuse e a Reich, segundo a qual a repressão seria o mecanismo essencial de controle da sexualidade nas sociedades ocidentais desde o século XVIII. Apresentação de Roberto Machado.

Cr\$ 360,00

152 pgs.

EU, PIERRE RIVIÈRE, QUE DEGOLEI MINHA MÃE, MINHA IRMÃ E MEU IRMÃO (2ª edição)

Michel Foucault

Resultado de um trabalho de equipe realizado no Collège de France sob a direção de Michel Foucault, a fim de estudar o terrível crime acontecido há quase cento e cinquenta anos, sob o ângulo da psiquiatria, sociologia, criminologia, à luz das conceituações atuais.

Cr\$ 650,00

294 pgs.

ORDEM MÉDICA E NORMA FAMILIAR

Jurandir Freire Costa

Neste trabalho são estudadas as formas de intervenção médico-higiénicas sobre a elite familiar no século XIX. Intervenções que integram o processo de urbanização e criação do Estado nacional, levando a família colonial, cuja estrutura baseava-se na propriedade e no poder paterno, a transformar-se em família conjugal centrada no casal e nos cuidados da infância. Apresentação de Alfredo Schechtman e Daniela Ropa.

Cr\$ 600,00

282 pgs.

A POLÍCIA DAS FAMÍLIAS

Jacques Donzelot

Analisa-se aqui a constituição da categoria de «social» que se diferencia tanto do jurídico quanto do econômico. Momento em que a família torna-se, ao mesmo tempo, alvo e ponto de apoio de uma ação política, que se efetiva através de técnicas e saberes variados, como a assistência social, a medicina, a economia, a política, a educação, a psiquiatria, a psicanálise. O prefácio é de Gilles Deleuze.

Cr\$ 500,00

210 pgs.



Edições Graal

R. Hermenegildo de Barros, 31-A - Glória - R. de Janeiro
Atendemos pelo Reembolso Postal - CEP 20241



PASQUIM
TODA SEMANA NAS BANCAS DE TODO O BRASIL
VEM QUE TEM!

rādice

revista de psicologia

Por sua ousadia, atrevimento, por sua postura polêmica e independente, Rádice marcou profundamente o espaço psicológico nacional, informando e debatendo os principais acontecimentos e tendências da Psicologia no Brasil e no mundo.

Rádice, quatro anos questionando, estimulando a reflexão. Uma revista indispensável para todos aqueles interessados no ser humano e na disciplina que estuda o seu comportamento, a Psicologia.

Rádice, 15 edições. Revistas feitas para você. Siga as instruções abaixo e receba as revistas rapidamente, em envelopes protegidos e padronizados. Esta promoção é por tempo limitado.

Remeta cheque nominal ou vale postal em nome da Editora Raízes, rua da Lapa 180/504, Rio de Janeiro, Cep 20021.

Coleção inteira - Cr\$ 780,00

Edição atrasada nº (exceto nºs 4, 5, 7, 8) a 80,00 o exemplar

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____

Estado _____ Cep _____

JORNAL PSI



Um jornal mensal sobre todos os assuntos do mundo Psi

- A formação do terapeuta
- A Psicologia na escola
- A crise da Psicanálise
- Arteterapia
- E tudo mais: congressos, cursos, livros, reclamações, elogios, etc.

FAÇA HOJE MESMO SUA ASSINATURA

Jornal Psi é editado por CPS - Centro de Psicologia Social

Para assinar, envie este cupon preenchido para JORNAL PSI - Rua Visconde de Pirajá 430/505, Cep 22410, Rio de Janeiro - RJ, acompanhado de cheque nominal a JORNAL PSI

Assinatura Anual (12 números) Cr\$550,00

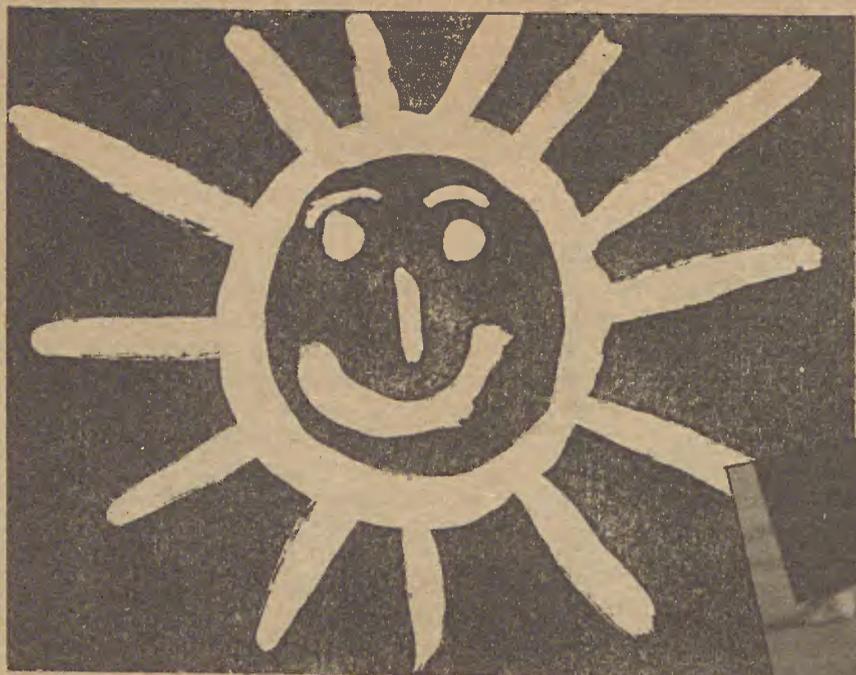
Nome _____

Endereço _____

Cep _____

Cidade _____

Estado _____



AQUI, AGORA. NOVAS ESCOLAS

A gente se debate, vai procurando mudar a vida, viver com mais prazer. Mas, como ligar essa busca pessoal ao cotidiano que os filhos vivem? Para eles queremos a utopia, ou, pelo menos, que seja mais fácil. Aí entra a questão da escola. Será possível aqui e agora uma educação sem belas mentiras e certezas inquestionáveis?

Há algum tempo venho me interessando por educação. Quem sabe para exorcizar o fantasma da escola que eu tive. A repressão que me perseguiu lá dentro — horários, provas, meninos e meninas separados — era mesmo o bicho papão. Ando curiosa. Será possível uma outra escola? Mais de acordo com nossos sonhos e projetos?

Critica-se a escola tradicional, aparecem as escolas experimentais, que, no entanto, se transformam em pequenas empresas e no final não passam de metade do caminho, apenas moderninhas. Em meio a isso, algumas propostas sérias, libertárias nascem. Mas, como a escola continua dependendo de um mercado, muito sonho fica incompreendido e sua realização capenga.

Busco para meus filhos uma outra aprendizagem. Para a vida. Quero que eles se conheçam, que possam viver com autonomia, se guiando pelos seus desejos e impulsos. Essa busca é minha, é de muitos.

Estão aparecendo outras propostas alternativas ao modelo da escola institucionalizada. Fui ver a escola cooperativa da SABE, que está dando certo e o projeto da Aurora Espiritual, prestes a começar.

As duas propostas me parecem importantes porque tomam corpo a partir de iniciativas independentes de um grupo de pais. Feitas em cima de uma crítica pessoal à escola que se teve, e ainda está aí, e de problemas bem concretos, como as mensalidades altas e a distância de casa.

Não se criam novos métodos, não se trata de revolucionar a pedagogia. Mas se ultrapassa a reclamação da porta da escola, da associação de pais. São grupos de pessoas que tomam a escola dos filhos nas mãos. Já pensou isso se multiplicando?

VERA LINS

QUEM SABE SABE

Na Equitativa, conjunto residencial em Santa Teresa, Rio, alguns pais ligados à SABE (Sociedade de Amigos do Bairro Equitativa) se reuniram e montaram uma escola cooperativa para seus filhos de 2 a 3 anos e meio. Funciona num salão bem grande e vai indo bem. As crianças gostam, estão perto de casa, sai mais barato para os pais e são eles que estão gerindo a escola. Conversei com Assunção, que tem sua filha na escola e está lutando desde o início para que a semente tome cada vez mais corpo:

Pais se reúnem e organizam a educação de seus filhos

“A escola cooperativa começou este ano, iniciativa nossa. O problema é que além das escolas custarem muito caro não tínhamos quase escolha, porque a Equitativa é muito afastada. As crianças são pequenas para apanharem condução e uma mensalidade, mais a taxa de condução, se torna quase impossível. Aqui, são 10 crianças que pagam 3 mil cruzeiros por mês (a escola funciona à tarde, de uma às cinco). Tem mais uma, filha da faxineira, que a mãe limpa a escola em troca do lugar para a filha.

Há mais crianças por aqui nessa faixa de idade, mas muita gente não acredita, tem medo. Eu e Carmen começamos o ano passado a sondar se as pessoas queriam. Depois fizemos reuniões, discussões com os pais interessados. Procuramos professores e, em março, começamos. Todo mês os pais se reúnem e discutem qualquer problema da escola. Temos agora 3 professores, a Maria, o Paulo e o Marcelo. Já trocamos uma vez de professora porque percebemos que ela era um tanto rígida, repressora. Toda semana nos reunimos com os professores; a programação é feita por eles e discutida com os pais. Nada rígido, tudo muito mais em cima do que vai surgindo na hora.

Somos nós que nos ocupamos da tesouraria, secretaria, em revezamento, o que é mais fácil, porque todos pais moram aqui. A mensalidade mal cobre o custo dos professores, e queríamos aumentar o número de alunos para podermos pagar-lhes mais. O material sai barato; ou é doado ou feito por nós mesmos, como os colchões que as crianças usam.

Tivemos ajuda de uma psicóloga, que se reunia conosco. Mas por causa de seu emprego está difícil ela dar continuidade a seu trabalho aqui. No início os professores reclamaram da agressividade entre as crianças e ela ajudou-os muito a lidar com isso. O bom aqui é que as pessoas estão muito presentes. Todos moram em volta, sabem do que está acontecendo. As crianças já se

conhecem da praça. Como o número é pequeno, dá para fazerem passeios aqui por perto. E mais longe também; já foram até o Jardim Zoológico no carro do professor.

Não gostamos muito é da sala da SABE. Aqui funciona também a cooperativa de alimentos e acaba-se misturando muito coisa. Temos um outro local, mas para arrumá-lo precisaríamos de dinheiro. Pensamos em rifa, almoço, em um show. De certo, temos que 20% da renda da festa junina da SABE vem pra escolinha.”

EDUCAÇÃO E SALVAÇÃO

Entrevistei Helder e Vera na Aurora Espiritual, comunidade de 5 pessoas que se tornou um centro irradiador de atividades. Me deu força ver que eles criaram um outro mundo, mais conforme seus desejos. Talvez o meu não fosse exatamente esse mas a força dessa recriação é incrível.

Helder vive na Aurora e é uma figura entre o místico e o intelectual; Vicente é um ex-professor de física, já esteve num mosteiro budista, já trabalhou numa chácara.

LUTA & PRAZER — Como surgiu a idéia da escola?

HELDER — No ano passado nós tentamos montar alguma coisa a partir das necessidades de nossa filha e de acharmos incoerente colocá-la numa escola das que existem. Aí procuramos juntar pessoas. Um grupo se reuniu algumas vezes mas surgiu logo a dificuldade financeira. Ainda no ano passado conversamos com Vicente e vimos seu interesse. Ele já tinha experiência, havia dado aula em São Paulo, ensinava física. Nos reunimos aqui na Aurora mas de novo o grupo se dissolveu. Então o Vicente fez umas fichas e distribuímos para várias pessoas. Chamamos algumas e formamos um grupo base. As reuniões vêm acontecendo já há alguns meses, às quartas. Estamos em nível de estudos mas a escola tá se formando a partir da gente mesmo.

LUTA & PRAZER — E os objetivos da escola?

HELDER — Um dos aspectos que a gente

acha mais importante é a característica espiritual, desvinculada de qualquer corrente ou movimento. O mais importante não é aprender mas sim a criança não perder a facilidade de lidar como o mais sutil. Outro aspecto é o cuidado com a alimentação, que para quase todos nós é a natural. E também um aprendizado que permita à criança uma capacidade de auto-suficiência. Aprender, por exemplo, a fazer brinquedo, bordar, costurar, pintar, aprender atividades manuais. A gente quer ter inclusive oficinas onde a criança possa dedicar-se a tecelagem, escultura, a fazer forno solar, aprender agricultura, manuseio de ferramentas. Isso também possibilitaria uma auto-suficiência da escola.

VERA — Não temos nada definitivo, só idéias diretrizes. Já ouviu falar em Comenius? Ele disse que o fim da educação é a salvação. Para nós, o objetivo mais amplo da Escola seria a ampliação dos níveis de consciência.

HELDER — A gente não quer o conhecimento didático mas o que leva à liberação.

LUTA & PRAZER — Tenho sentido que nós banalizamos a vida. E parece que essa parte da realidade mais oculta, mais mágica, mais sutil, como você diz, se perde.

VERA — É, essa caminhada, essa perspectiva, a escola tradicional perdeu, pois ela é hoje o arremedo da escola verdadeira. Seu objetivo é muito imediato, quer formar técnicos. Nós queremos dar instrumentos pra pessoa buscar resolver os problemas com os meios que tem. Desenvolvimento da criatividade num sentido mais amplo, não aquela criatividade de que fala o pessoal das escolinhas de arte.

HELDER — Criatividade pra nós tem o sentido de sobrevivência e é a mola mestra da aprendizagem.

VERA — Outro ponto chave é o do trabalho. Porque a escola pretende atingir pessoas que vivem uma fase crítica, que estão abandonando o sistema, se dirigindo para o campo, pessoas sem recursos para pagar uma mensalidade.

LUTA & PRAZER — Pessoas que não possuem empregos fixos...

VERA — E que têm filhos que precisam ser educados. Vamos trabalhar com o que os

alunos e os pais produzirem, a escola vai gerar seus próprios recursos. Se o pai não puder pagar com dinheiro, pagará com trabalho, uma forma de se integrar ao processo educacional de seus filhos.

HELDER — Porque às vezes a preocupação dos pais não é nem a educação dos filhos mas simplesmente se verem livres deles. Então, colocam o filho no maternal, no jardim, num colégio interno ou semi-interno. Ahamos essencial os pais participarem mas eles não são obrigados. No nosso tempo, os professores passavam o dever, a gente vinha pra casa e pedia aos pais que fizessem pra gente. Eles faziam ou não, mas não acompanhavam nosso processo de desenvolvimento. Participando na escola ele se relaciona com o processo de aprendizagem. Se não for assim, quando a criança chegar em casa o pai poderá contradizer tudo. Por exemplo: você ensina que é importante sentar, meditar. De repente, em casa o pai diz: —“Isso é bobagem. Tá sentado fazendo o quê? Vai trabalhar, produzir alguma coisa”. Esse tipo de atitude gera conflitos na criança.

LUTA & PRAZER — Com a aproximação dos pais poderíamos acabar com essa distância escola-casa. Para mim seria ideal que a educação fosse de novo, como já foi, as crianças aprendendo através da participação nas atividades dos pais, das pessoas em volta deles.

HELDER — Fazer uma aprendizagem comunitária mesmo, pai-filho-professor. De repente o pai tá ensinando, o aluno tá ensinando, o pai tá aprendendo.

VERA — Seria também uma idéia de ensino mais individualizado, em posição à massificação das estatísticas, das séries. Esse é



marcello lipiani

um dos pontos em que pretendemos ir mais fundo: restaurar o processo direto. A criança aprenderá fazendo, aprenderá com quem sabe, com quem está fazendo, e seguirá um processo mais contínuo. Pretendemos quebrar esse ritmo de séries, creio que isso é provável. Numa escola piagetiana se tenta isso. O aluno passa pelas etapas que Piaget descreve e isso não é bem rígido em relação às idades, depende de cada um.

LUTA & PRAZER — Como vocês estabeleceriam programa, currículo?

VERA — Teríamos o currículo exigido pelo MEC e mais outras atividades que achamos essenciais. Queremos a escola em período integral, a criança entra de manhã e sai à tarde. Para isso precisaríamos oferecer muito mais do que tradicionalmente se oferece. É intenção nossa, por exemplo, preparar pessoas para a realidade rural; ensinaríamos a fazer horas, plantar, conhecer

solos e plantas. Aí você vê o ensino mais real, a física fica mais real, se você vai ensinar meteorologia é que existe mesmo necessidade.

HELDER — Senão fica muito abstrato, a pessoa não vê finalidade para aquele conhecimento. Você aprende que existem 4 tipos de nuvens; nimbus, cumulus e não me lembro os outros (risos, ninguém se lembra). Não havia nada que aproximasse esse saber de uma realidade. Em termos de agricultura, no entanto, as nuvens já são importantes, já vão ser associadas à prática. Na escola tradicional você só decorava fórmulas. Ficava uma coisa fria, mecânica, sem alma. Aqui a gente se propõe a que as crianças aprendam com quem sabe.

LUTA & PRAZER — Mas quem são aqueles que sabem?

HELDER — Não os que preparam uma tese, que leem e escrevem o que leram, mas

os que ensinam alguma coisa ligada a suas próprias vidas. Um dia em São Paulo eu estava conversando com um hindu e o chamaram de professor. Ele disse: — Professor? Professor na Índia é diferente, é um mestre, alguém que já realizou algum conhecimento”.

LUTA & PRAZER — Quanto a métodos...

HELDER — Queremos passar um conhecimento que possa ser realizado, alcançado, não só aquele que só pode ser idealizado, mentalizado. Mas um capaz de ser sentido, o real como conhecimento superior e como coisa que você possa tocar, observar. Não só coisas abstratas.

VERA — A gente buscará os métodos necessários, a partir de nosso processo.

LUTA & PRAZER — Vocês veem alguma separação de atividades entre meninos e meninas?

HELDER — Falamos por alto nisso. Em São Paulo, na escola antroposófica do Stein, que se aproxima do que pretendemos, não há essa separação. As meninas fazem serra-rã, os meninos bordam, costuram, cozinham. Porque de repente você tá no campo e precisa fazer tudo isso. Achamos que todas as pessoas deveriam saber fazer todas as coisas.

VERA — Sua pergunta já é fruto de uma sociedade culturalmente dividida, em que o homem tem um comportamento patriarcal e a mulher deve ter um outro.

LUTA & PRAZER — Vocês poderiam resumir a proposta dessa escola nascente?

HELDER — A gente quer uma escola que prepare a criança para a sobrevivência e que incentive ao máximo a aproximação, a participação mais direta possível dos pais.



Abra o coração, solte as emoções, os desejos. Frissons... Aqui, recados sentimentais. Desejais encontrar aquela pessoa amada e que muito lhe quer? Desejais mandar um bilhete para a pessoa querida? Declarações veladas ou toques diretos. Dificuldades no amor, problemas na relação? Envolvimentos insatisfatórios, procura desenfreada? Tudo cabe nas *Emoções Baratas*. Gratuitamente. Caso deseje usar a posta restante do Jornal para receber as respostas, mande 300 pratas para o serviço, que entrará com a rubrica EB — nº X. Mandaremos as cartas para você. Texto até 8 linhas datilografadas, ou em letra de imprensa. Mande para EB, LUTA & PRAZER, Rua da Lapa, 180/504, Cep 20021, Rio de Janeiro.

GRAZIELA GRANADOS — Tenho tido notícias de seu ex, o Robertinho Granados (virou capa da Mutantia), mas nada de você. Onde estás, morocha? Saudades acumuladas em dez anos. Lembras quando moramos juntos em Calle México? Grupo Lobos e el pibe brasileiro... Escreva, mande um cheiro.

Ralph — Rua da Lapa 180/504 — Rio

MORENA E ATREVIDA — É o que eu mais quero. Com dose relativa de possessividade, mas aberta para imprevistos. Solta na cama, muito solta na cama, tremendamente solta na cama. Ofereço carinhos exóticos, posições inusitadas, e curtções de todos os tipos. Sou também moreno e perto de 1.80m. Satisfaço desejos extremos. Liberal, anárquico, cultor de sacanagens coloridas. Mande carta, conforme correspondência trocaremos fotos e evoluiremos na aventura.

“Coração de Leão” — EB-01 (Rua da Lapa 180/504)

BAIANA QUE SÓ ELA — Só ocê vai saber que essas linhas foram feitas pra refrescar um pouco a só-dade que ainda envolve, só ocê, menina baiana, que ainda me faz viajar noites e noites em antigas fotografias, reler nossas infinitas cartas de carinhos. Do meu cantinho carioca te mando um beijo cheio de começo de primavera. Quando você vem passear um pouquinho no Rio?

Eugênio Viola — Rio

MARIA MENINA ROSÁRIO — Sinto uma falta danada de cabelos cacheados, sotaque nordeado, sorriso de bem-querer, noites acordadas, gemidas, passeios na beira do mar pra tirar a ressaca. Corre, me manda um telegrama com um cheiro e a confirmação de que vem me vê. Tu vem?

“Corpo em Brasa” — EB-03 (Rua da Lapa 180/504) — Rio

SENTIMENTOS À PROVA — Loura de libra, quer dizer que saiste e transaste com outro no breve intervalo de nosso caso... Aceito na teoria mas me engasgo na prática. Desvirtuosa. Também transei, ingrata. Não aceito cartas nem bilhetinhos de resposta. Começaremos tudo outra vez.

Coração Ralado — Rio

TODOS OS SEXOS — Estou carente, na caça, na luta; quero você, e que tudo mais vá pro inferno. Não distingo sexo, mas adoro travestis. Tenho experiência comprovada no ramo: minha universidade foi a Rua Mem de Sá. Conheço malocas, motéis, cantinhos. Topo qualquer parada, meu negócio é prazer. Se quiseres arriscar, prometo recompensas. Absolutamente sigiloso; meus escrúpulos terminam por aí. Foto na primeira carta. Mando de volta uma de corpo inteiro, nu. Goze comigo.

Rei do Pecado — EB-04 (Rua da Lapa 180/504) — Rio

CARNEIRINHO — Você sabe que serei eternamente grato à sua dedicação. Meus lábios tremem ao falar seu nome, minhas narinas suspiram na lembrança de seu odor. Venha quente que eu estou fervendo. Você sabe bem quem eu sou...

Apolo “louro” de Botafogo — Rio



São os nossos classificados. Venda, troca, empréstimos de qualquer coisa, para qualquer parte do Brasil. Transações maneiras. Não vale firma, comunicações só entre as chamadas “pessoas físicas”. O preço é 10,00 por palavra. Remeta o texto pronto, em letra de imprensa e cheque nominal no valor do anúncio, para Rádice Editora, Rua da Lapa 180/504, Cep 20021 — Rio. Um texto charmoso ajuda a promoção. Sorte, felicidades.

EX — VERSUS-BONDINHO: Surrupiam a minha coleção. Compro de volta do gato ou de quem estiver no aperto e quiser vender. Negociações também com números avulsos. Tel.: 265-2032 Rio — Carlos.

QUENTÍSSIMA. A quentinha natural. Comida caseira com arroz integral, verduras, legumes e frango, peixe, carne de soja (as carnes são opcionais). Encomendar até 10 hs com João Baltazar no tel.: 257-4103. (Rio) Encomendas para semana ou mês têm desconto.

GATINHOS SIAMESES. Lindos com 1 mês de idade. Vendo por Cr\$ 3 mil cada. Tratar com Ana no tel.: 255-5474 (Rio).

CORTINAS, DIVISÓRIAS E LUMINÁRIAS. Cortinas e divisórias de bambu com contas e luminárias de cabaça, barbañte e contas. Maravilhosas e a um preço legal. Falar com Amauri na Rua Ipiranga 105/casa 10 ou deixar recado na RÁDICE com a Amanda.

MÁQUINA ELÉTRICA. Tremenda Smith-Corona, modelo Electra-120, portátil. Bom estado. É americana legítima, com sotaque e masca chicletes. Tratar com Maurício Souza, tel.: 262-8337 (Rio).

ACORDEON. Vendo, lindo, Scala 120 baixos, vermelho com abafadores e 5 registros. Preço 65.000,00. Um novo, de 80 baixos

está por 70.000,00. Tratar com Jean, tel.: 205-9785 (Rio) à noite.

DISCOS. Troco discos de soul music e outros, por outros discos de Anísio Silva, Waldir Calmon, etc. Mano a mano. Tem que estar em estado razoável. Não vale 78 rotações (minha vitrola só vai até 45). Tel.: 265-2032 (Rio) — Carlos.

AR-REFRIGERADO. Vendo para a melhor oferta. 1HP, 10.000 Btu. Marina — 222-4685 — Rio. Prepare-se, o verão vem aí.

CÂMERA, FILMADORA, PROJETO. A câmera fotográfica é uma Olympus OM 1; a filmadora é uma Eúniq Macro Lund 65 Xh, sonora; o Projetor é um Eúniq sonoro S/810 D. Tratar com Nelson, 222-4685 — Rio

RÁDICE. Coleção completa da melhor revista de psicologia já feita no Brasil. Remetemos embrulhadinhas, beleza. Cr\$ 780,00 na maior promoção. São 15 edições (as três primeiras condensadas em uma só). Pedidos aqui pra redação do LUTA & PRAZER. Rua da Lapa 180/504, Cep 20021, Rio. Mande cheque em nome da Editora Raízes e receba em casa. Boa leitura.

VACA PELUDA. Imenso tapete de couro de Marrom e branca, vaca holandesa. 4,5 mil a debater. Telefone para 242-0126 — Renato, Rio.

KONICA FS 1. Motor incorporado, auto e manual. Hexanon AR 40 mm 1.8 + Hexanon AR 135mm 3.2 Entenderam? Estojo especial, excelente estado, ótimo preço. Ver e tratar com Roberto na Visc. de Pirajá 595 lj 203. Ipanema, Rio.

PRAS CABEÇAS. Capacetes. Um Indurera com viseira, outro Honda com óculos. 6.000,00. Cabeçadas com segurança. Tratar Francisco 224-1557 — R. 10 — 8 às 14.

AQUÁRIOS. Conjunto de aquários de vidro. Um grande, um médio e um pequeno. Com calhas e filtros. 10 milhas. Maiores especificações ao vivo, no telefone 224-1557 R. 10, com Francisco, de 8 às 14. Não deixe seu peixe fora d’água.



Segundo o folclore, assim que soube que a Argentina havia iniciado o seu programa de construção de sua usina nuclear, o então presidente Costa e Silva deu um murro na mesa e exclamou: "Vamos comprar uma merda dessas". E assim foi feito, no jeitinho brasileiro, óbvio. O folclore pode estar exagerado, mas o jeitinho não, e chegou às raias da inconsequência nesta tão delicada quanto explosiva questão. Mas vamos com jeito, e por partes.

O CONTO DA ENERGIA
A razão expressa para que entrássemos nessa da energia nuclear foi a previsão que por volta do ano 2000 as reservas hidrelétricas brasileiras estariam esgotadas. Não é bem assim. A potencialidade de nossos grandes rios estarão em fase de declínio nesta época, mas existem milhares de opções aproveitando-se os médios e pequenos afluentes, e isto não foi levado em consideração. A mania de grandeza e de obras faraônicas não permitiu esta visão aos tecnocratas. Além disso, foram excluídas possibilidades de desenvolvimento de tecnologias alternativas na área de energia, como a solar, a dos ventos, marés, etc.

mendo paraíso para quem gosta do gênero. Centralização, controle e poder destruidor. A eletricidade nuclear é infinitamente mais cara que a hidrelétrica, tanto pela enorme massa de recursos necessários para sua implantação, quanto pela pequena quantidade de energia gerada. O próprio Ministro das Minas e Energia, Cesar Cals, modificou a cantilena que vinha entonando monocórdicamente e declarou: "a importância das usinas nucleares está no fato de que temos acesso à tecnologia nuclear, e não a energia gerada, insuficiente para atender a demanda brasileira". Então, acabou a farsa, que no caso das usinas nucleares significa que começou a tragédia.

UM VELHO DUELO COM A VIDA
À simples visualização dos locais escolhidos para a instalação das usinas no Brasil, nos vêm à mente a Espanha Franquista, com sua Falange Pátria Nova, suas saudações à Morte. Maluquice do regator, nada disso. Angra dos Reis faz parte do maravilhoso litoral fluminense. A praia de Itaorna, onde está enfiada Angra I era um dos mais belos recantos da região. E Peruíbe, em São Paulo? Uma reserva florestal praticamente virgem, exuberante em sua beleza e expressão de vida. Pois lá estarão as usinas IV e V. É a implantação da morte em pleno coração da vida. Uma imposição autoritária, feita sem consultas, sem perguntas. É o trágico grito de "Viva a Morte" em concreto, aço e radioatividade.

Esta elegia à segurança visa apenas os materiais radioativos, as máquinas, a tecnologia. Os homens, ah, os homens já estão sob controle.

EMERGÊNCIA!! O QUE FAZER?
Os jeitinhos (desses) brasileiros começaram deixando profundas marcas, a começar pela

escolha do local, a meio caminho entre Rio e São Paulo. Qualquer acidente de maior proporção e evacua-se essas duas pequenas cidades. Simples, não? E um desses acidentes já aconteceu. O terreno onde está plantada a usina não é adequado e foi um dos fatores que contribuíram para o pequeno atraso de 4 anos que acompanha o programa nuclear brasileiro. O fato do terreno ter começado a afundar, desencadeando uma caríssima operação de reforço de estacamento, mostra o quanto será necessário para suportar o peso da incompetência. No caso de um acidente nuclear grave, as eventuais vítimas da radiação não morrem instantaneamente. Elas sofrem um processo de morte gradativa, que começa com a paralização dos intestinos, seguida de forte

diarreia que dura até seis semanas. Depois caem os cabelos, vem a febre, o delírio, a fase de agonia e a morte. No caso do escapamento de radioatividade atingir uma área de 15km, toda a área será evacuada, inclusive a cidade de Angra. Os animais serão mortos, os alimentos destruídos, a pesca proibida e haverá interdição das reservas de água potável.

A NUCLEOCRACIA E O CORAÇÃO DO FARAÓ

E como é que se sabe se houve um acidente nuclear? Os que detém o poder costumam fraudar dados, escamotear fatos, principalmente no que se refere à segurança alheia. em primeiro lugar, e à sua eficiência, em se-

gundo. Ou seja, ninguém sabe mesmo quando ocorre um acidente. Quando aconteceu o de Three Mile Island, a imprensa soltou os bichos e começou a descobrir, apavorada, que outros acidentes já haviam ocorrido. No Japão não foi diferente. Em 3 de Março deste ano aconteceu um acidente na usina de Tsuruga. Somente em meados de Abril foi dado um informe ao público. Os faxineiros da usina limpavam o chão com panos molhados em água contaminada. A comoção foi enorme e o governo prometeu reavaliar as 22 usinas já em funcionamento. "Isto não acontecerá novamente", afirmou categórico R. Tanaka, ministro da área. Não mesmo? A publicidade dada a este acidente acabou por revelar que em janeiro deste ano tinha havido uma fuga de 45 toneladas de material radioativo, acidente que, em última instância, afeta a vida do planeta todo. Ninguém soube e falou nada. Quantos acidentes como esse já não terão acontecido? Só os peixes, aves, plantas e seres humanos possuem esta resposta engravada em seus corpos.

E isto no Japão, dono de alta tecnologia, experiente no uso de usinas nucleares. É curioso notar que o comportamento das autoridades que tem que explicar o acidente seja sempre o mesmo: minimizar as consequências, esconder os fatos e, sempre que possível, ignorar os acidentes. Porque a opinião pública não perdoará qualquer falha deste imenso Frankenstein moderno. Hoje o que está em jogo é a sobrevivência da espécie humana.

A cada acidente os nucleocratas batem no peito, afirmam suas qualidades de planejadores, confirmam a excelência da tecnologia adquirida e juram manter a população informada sobre tudo que acontece nas

usinas. Mas é só diminuir o clamor público e o coração endurece, como o do faraó da Bíblia, que teve que aturar sete pragas para ficar livre de Moisés e seus seguidores. Coração duro, coração burro, e quem se dana é a população, que não tem nada a ver com isto e paga as contas da construção, da manutenção, recebe uma energia caríssima, arrisca a vida e morre sem nem ao menos saber porque.

O MUNDO GRITA
Em vários países do mundo já existem movimentos organizados contra a energia nuclear e suas mazelas. Por imposição do povo a Áustria desativou seu programa; nos países nórdicos as vitórias dos movimentos anti-nucleares traduziu-se, inclusive, no parlamento, com a eleição de inúmeros deputados dos "partidos verdes". O mesmo acontece na França, onde sua votação chegou a 8% nas últimas eleições. Nos Estados Unidos o movimento tem crescido de maneira esmagadora, contando com a adesão de inúmeras personalidades e pessoas influentes, que vão desde senadores até Patti Davis, filha de Ronald Reagan. Neste país, na primeira grande manifestação, que contou com a presença de quase 15 mil pessoas, Robert Kennedy Jr. conclamou todos a se unir para desmantelar os dinamos da indústria nuclear, e acrescentou: "Na década de 60 pensamos ser possível chegar à Lua. Agora é a vez de chegarmos ao Sol". A multidão ouviu-o bem, muito bem, graças ao excelente sistema de som alimentado por energia solar.

Na Alemanha, nossa fornecedora maior de tecnologia e equipamentos, a construção de novas usinas está suspensa por motivos de segurança. Eles, então, nos vendem tudo o que não presta para eles. Continuamos na mesma situação do tempo do descobrimento. Só que as miçangas e balangandãs oferecidos pelos invasores trazem a destruição e a morte em suas contas.

A nós, tropicais seres em desencanto, resta a escolha: o que queremos, a bomba, morte embutida no formato plástico de um cogumelo atômico, ou nossos singelos e bucólicos cogumelos naturais?

CÉ RALPH E LEA MONTENEGRO

ESTE É O COGUMELO QUE QUEREMOS

A camuflagem dos reais motivos de nossa entrada no clube nuclear - questões estratégico-militares - não esconde o enorme e perigoso iceberg ideológico a que estaremos submetidos. O modelo de grande potência a que se deseja chegar, no plano do átomo, assume a capa de ideal tecnocrático para um sistema autoritário: uma caríssima fonte geradora de energia, dirigida por poucas pessoas, numa região extremamente controlada e militarizada. Como se vê, um tre-

Em Angra o item segurança é dos mais detalhados, ensina como proteger os materiais contra o roubo; são realizadas vistorias rigorosas nas entradas e saídas, o acesso ao pátio é feito com passes especiais, há circuitos de vigilância de TV, etc. Em contraponto à beleza externa, com milhares de formas na mais pura comunhão com a natureza, a barra pesada dos uniformes, botas, capacetes amarelos, homens nervosos, medidores de radiação, o diabo a quatro.



barão falsificado

Ou autêntico, ou moderado. Em cheque, vale postal, o diabo. Aceitamos qualquer barão, não somos enjoados. Oferecemos em troca um ano de LUTA & PRAZER. Charmoso, gostoso,quentinho, saindo da gráfica, rapidinho em sua casa. A troca é simpática, ganharemos nós todos.

DELENDARISTOCRACIA!
Democratize o seu barão, mas também não fique na mão. Mande 550,00 e respire aliviado: por seis meses o LUTA & PRAZER lhe será enviado. Nossos planos são ótimos, do tamanho do seu coração. Venha quente e receba fervendo, porque quem não desloca não recebe. Penso em nossos argumentos, eles são demais...



COMO FAZER
Remeta o valor de sua assinatura em cheque nominal ou vale postal em nome de Rádice Editora, Rua da Lapa 180/504, Rio de Janeiro, Cep 20021, e receba os seus jornais assim que forem saindo da gráfica. Preencha o cupon com seus dados.

Dessejo receber uma assinatura do RÁDICE LUTA & PRAZER

Anual Semestral

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____ Estado _____ Cep _____

Atividade Profissional _____

Não querendo recortar o jornal, escreva em outro papel

toque escarlata em amor agarradinho dá confusão total

TOQUE ESCARLATE



Fechando a Temporada Romântica de Inverno, promovemos um sensacional baile/festa/show na Gafieira Estudantina, no Rio. O Conjunto Internacional de Rítmicos abrilhantará a noite, os Penetras Exibicionistas se exibirão, como sempre; as fitas serão de Glenn Miller e, surpresa: à meia-noite apresentação de NAT KING COLE, psicografado por Wylson Synclayr. Traje esporte charmoso com detalhe escarlata. DIA 26 de Agosto - 21 h - Estudantina - Rio

AMOR AGARRADINHO



Ai, abre coração... Na Gafieira Elite, a mais autêntica do Brasil, muita coisa vai rolar. Charme, enlevo, frissons... liberar emoções. Conjunto Encantamento, milhares de atrações. É possível a presença de Frank Sinatra, mas difarce e não dê trela, senão ele entra numa de cantar. Pessoal, a data ainda está a confirmar entre 16 a 20 de Setembro. Liguem suas antenas, atenção nos cartazes, nas rádios, na própria vibração.

TREMENDA CONFUSÃO



Essa armação é demais. Brincar como Macunaíma, deixar escorregar. Itamar Assunção e Isca de Polícia tirando um tremendo som. Ulisses Tavares dançando leve e solto como um pássaro cavalo. Disco de Waldir Calmon "Feito para Dançar nº 9". No espaço, olhares despertando desejos. Dança, corpos ardentes, colados. Emoção. Esquente-se neste inferno, e que tudo mais vá para o inverno. Tudo de uma vez e muito mais. Guarde: 11 de Setembro, Salão Beta, PUC-Sampa, 21 hs. Traje: fora de moda. No bar, batidinhas psi. Você não vai perder essa. Perdo, quem dança é o Ismael Ivo.



QUANTO CUSTA SER BRASILEIRO



O cidadão brasileiro é um forte. Sobrevive num país onde se pagam os mais altos impostos do mundo, onde seu salário, mínimo, é constantemente aviltado, onde seus direitos são diariamente desrespeitados, onde não existem, praticamente canais de defesa ou de exteriorização de sua insatisfação.

O cidadão brasileiro come do mal e do pior, cuida de sua saúde com remédios proibidos em outros países; trata de suas plantações com venenos que lhe causarão mazelas ainda desconhecidas, paga várias vezes pela mesma coisa (afora a institucionalizada propina, para que funcione o que se pagou). E sobrevive. No meio da abundância descrita por Pero Vaz Caminha, o brasileiro leva uma vida com certeza pior que a de cachorro.

Decidem tudo por ele: seus governantes, seus tributos, seu gosto, seu voto, sua fome. Em troca oferecem silêncio, cinismo, escárnio. E porrada, pra deixar de ser otário.

Esta seção pretende abrir espaço para a indignação, para a revolta, para os fatos, para a emoção. Já que custa tão caro ser brasileiro, que levemos a fundo esta condição. Vamos reclamar o troco; rir e gozar dos poderosos.

ALI BABÁ E SEUS TELEFONES

A Telerj é a companhia de telefones do Rio de Janeiro. A partir de 17 de Abril implantou o "sistema de multimedição", que significa que a cada 4 minutos de conversação é contado um impulso, ou ligação no sistema antigo. O sistema veio amparado em multimilionária campanha promocional "vendendo" que a multimedição chegou para o bem de todos, já que as linhas estavam engarrafadas. Tipo "estou metendo a mão no seu bolso para o seu bem". Entendem?

As contas telefônicas passaram a vir com um aumento médio entre 300 a 500%, acrescido dos 30% de imposto para telecomunicações que, diga-se de passagem, não é aplicado em telecomunicações. Ninguém foi consultado se queria a "melhoria", ninguém pode dizer não. Instalou-se o princípio de que o brasileiro deve falar menos. Um tecnocrata do primeiro escalão telefônico abriu o jogo e declarou ao Jornal do Brasil o que todo mundo já sabia: o motivo da implantação do novo sistema foi fazer mais caixa para a companhia.

O povo paga, mas não cala. Vejam algumas linhas publicadas na seção de cartas do mesmo JB no dia 22 de abril. Quem remeteu foi o leitor Paulo C. Amaral: "É um estigma muito estranho do poder público do Brasil (principalmente adotado nos últimos 17 anos de Governo), de transferir para o povo os insucessos administrativos ou as enormes necessidades de caixa das ávidas e insaciáveis empresas estatais. (...) O ilustre diretor da Telerj, o Dr. Ali Babá da Silva, mandou uma bem impressa mas complicada circular para todas suas milhares de vítimas tentando explicar o inexplicável, justificar o injustificável, justamente

num momento tão dramático para o povo, quando a inflação galopante está corroendo espantosamente os salários e o poder aquisitivo da população brasileira. (...) E como no Brasil não adianta reclamar, porque o governo mandou trancar há 17 anos todos os guichês de reclamação do país, temo que pagar, pagar e pagar e receber em troca o pior, o pior, o pior. E não se espantem que ainda vai piorar muito mais e cada hora mais caro ainda. Salve o Dr. Ali Babá da Silva. Vai acabar Governador ou Senador biônico, com toda certeza..."

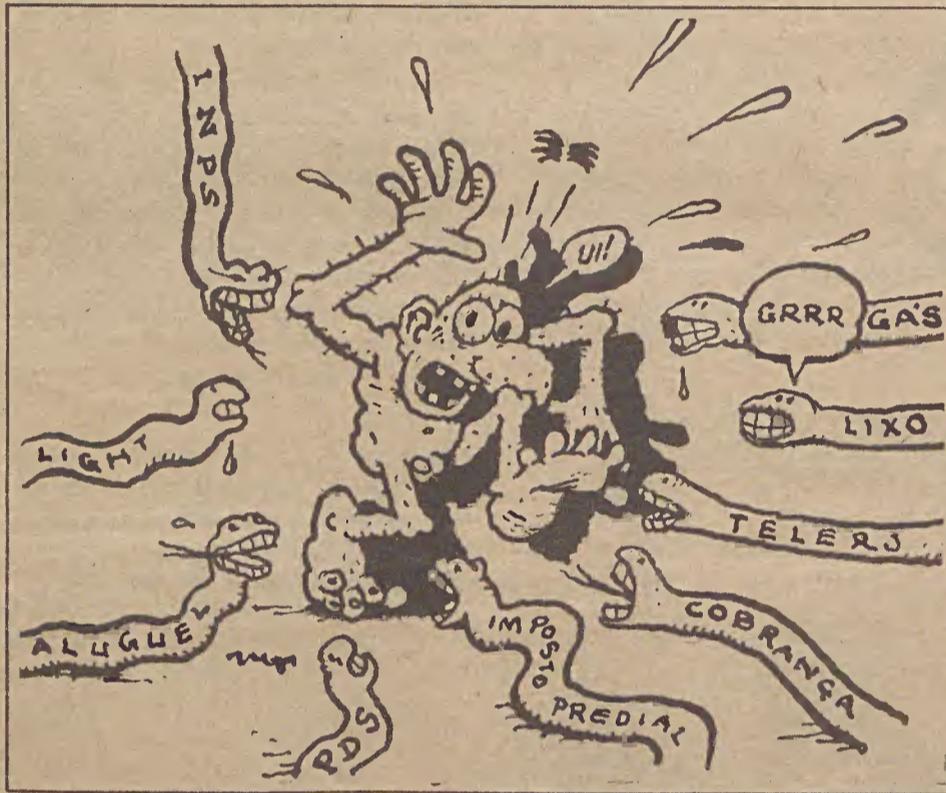
Só dói quando rimos.

TRU, UM TRUQUE MAL FEITO

Comecemos pela última palavra: Taxa Rodoviária ÚNICA. Quando você paga um pedágio, quando morre em algum num estacionamento público, ou quando

dos, com metrô que vieram para sanar engarrafamentos, com uma máquina burocrática infundável, feita para controlar e extorquir a todos que embarcaram no sonho em quatro rodas.

Transporte coletivo? Alguma coisa perto de subversão. Em proporção ao salário mínimo, as tarifas urbanas no Rio são as mais caras do mundo. Acumulamos títulos e mortes neste original esporte das multidões. Ganha-se dinheiro com gasolina em grandes proporções, é tanto imposto embutido em um litro que ninguém entende como cabe no tanque. O final de tudo é tão irônico quanto ver essas máquinas hiperpossantes, capazes de desenvolver 200 km/h "voando" a 20 nos nossos engarrafamentos: uma civilização parada, com o pneu furado. E sem estepe.



paga a plaqueta anual, você está conhecendo a nova versão semântica desta palavra. Para o poder público, única quer dizer pagar várias vezes a mesma coisa. TRU é isso. Uma taxa que aumentou assombrosamente no último ano (aprovada pelo PDS, na Câmara) e que é apenas parte do ônus que você tem que pagar para andar de carro. Aí, te parcelam em quatro vezes e dizem: "nós pensamos em você".

CAROS CARROS

Falando em carros, quanta coisa a dizer... Este símbolo máximo de nossa civilização sempre teve todas as regalias nesta terra de Santa Cruz. Nossas cidades são planejadas para eles, os maiores gastos de qualquer administração foram com os suntuosos viadutos, incríveis auto-estradas, modernos prédios de estacionamento, caríssimas pontes, sofisticados computadores de trânsito. Fizeram tudo para que comprássemos carros e mais carros. De todos os feitos e maneiras, do tamanho de seu status (sempre maior que o do vizinho, claro).

Abandonamos as ferrovias em troca do monóxido de carbono, abrimos mão das hidrovias, e mesmo de nossas calçadas, para que o carro imperasse, soberbo, individual, reluzente. Todos queriam um e eles vieram em enormes quantidades; aí gastamos trilhões e trilhões com combustíveis importa-

FOX TROTE BRASÍLIA, DOIS QUATRO UNO SETE

Quando roubaram pela primeira vez meu antigo fuscão 72, escutei este código na delegacia. O delegado de plantão comunicava às "unidades móveis" a chapa do carro: FB-2417. 12 dias depois o encontrei no mesmo estado, sempre sujo, depois de servir de avião para uns dois assaltos.

No começo desse ano ele quebrou em Santa Teresa e por lá ficou uns 15 dias até que arranjei tempo e um reboque para levá-lo ao mecânico. O vidro estava quebrado e seu estado lastimável. Depois de uns "gatilhos", levei-o para a frente de minha casa, onde o estacionei esperando chover algum \$\$ para transformá-lo em bugre. A calçada da minha casa não é passagem, pois é a última da rua, e ali ela ficou, sofrendo os pequenos e constantes roubos: faróis, paletas, bancos. Coitado, tava mal, mas eu continuava recusando ofertas, na eterna esperança daquela chuva. Bom, chego um dia e não vejo o Fox Trote. Pergunta daqui, pergunta dali, e o casero da casa vizinha me comunica que o DETRAN o havia rebocado, apesar dele avisar que o carro tinha dono e de ter sugerido à quadrilha que tocasse a campanha da casa. Bom, 3 dias depois meu amigo Eugênio Viola foi no depósito para retirar o carro e o que encontrou foi só a lataria, o motor já havia sido sur-

rupiado, assim como os pneus, as rodas, e tudo o mais. O rapaz que o atendeu deu o toque: "olha, não se mete nessa não que é o maior esquema".

Dancei nessa e, sinceramente, não tive saco de topar a briga. Fiquei lembrando de uma pesquisa que fizeram sobre medo, onde havia uma pergunta que dizia: "Estando você só numa madrugada, quem você teria medo de encontrar?" E as respostas que indicavam a polícia suplantavam de longe as que indicavam os assaltantes.

GEOMETRIA FARAÔNICA

Há no Rio um local, denominado "Triângulo das Bermudas", onde o dinheiro do contribuinte some. Este estranho espaço é formado por três majestosos edifícios-sedes das estatais Petrobrás, Banco Nacional da Habitação (BNH) e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE). Combinando com a fase de contenção popular e ostentação pública por que passa o país, os três mamutes gastaram em suas construções cerca de 15 bilhões de cruzeiros. Vamos a algumas curiosidades a respeito de tão singular fenômeno. O da Petrobrás tem 28 andares e 12 jardins suspensos; sua manutenção exige o trabalho de 350 pessoas. O concreto aplicado no edifício seria suficiente para a construção de 30 edifícios de 10 andares e corre a lenda que só tem um interruptor, e pisar nunca está parcialmente aceso, a iluminação é integral, o tempo todo, consumindo uma energia suficiente para atender uma cidade de 120.000 habitantes.

O prédio do BNH tem 33 andares e custou 6 bilhões, embora haja um déficit de cerca de 8 milhões de casas no Brasil. O hall de entrada é forrado por 400 metros de granito verde e a fachada é constituída por 14.000 metros quadrados de cristal importados dos Estados Unidos. O teatro do BNH é o mais luxuoso do Rio, com madeiras trabalhadas, paredes de jacarandá, poltronas de couro cru, forração de lã e equipamento eletrônico importado da Inglaterra.

O prédio do BNDE tem 27 andares e ficará pronto no próximo ano. Vai custar 7 bilhões, embora o Banco tenha reduzido suas aplicações em 30% por uma questão de contenção de despesas.

Petróleo, casas e dinheiro, pra que os queremos? O que está faltando mesmo é luxo, riqueza, ostentação. O povo paga.

GRAFITES

- IH! NPS aumentará seus recolhimentos e diminuirá seus atendimentos. Na próxima edição. Decorem os nomes dos ministros da previdência e planejamento.
- Aumento dos supérfluos populares no último ano: Feijão preto: 422%; Alho: 286%; Pão: 200%; Leite em pó: 185%; Alface: 181%; Limão: 162%; Abóbora: 161%; Espinafre: 133%; Tomate: 112%; Arroz: 112%. Sorte de todos, a inflação foi só de 120%.
- Cuidem-se, o kilo nacional agora tem cerca de 900 gramas. Feijão, sal, arroz estão vindo com esta nova medida. O leite e o azeite seguem a moda nos mililitros, cada um com 900 em sua embalagem. Ar é cultura.
- O cafezinho em dois anos aumentou de 2,50 para 10,00. 400% de supersafra no bolso do público. O consumo tem baixado enormemente, assim como o do feijão, arroz e outros supérfluos. Economia de mercado é isso.

CÊ RALPH

COMUNIDADES EM AQUARIUS

Junto ao mar, em meio a coqueiros, sob um céu aberto e farto, realizou-se de 11 a 19 de Julho, o V Encontro Nacional de Comunidades em Aquarius. O local, Olivença, sul da Bahia, pertinho de Ilhéus.

O encontro deste ano contou com menos gente que o do ano passado, realizado no Vale das Flores, em Mauá, RJ. Neste ano, aproximadamente 250 pessoas debateram, discutiram e tomaram algumas decisões práticas que poderão mexer radicalmente no rumo das alternativas comunitárias desenvolvidas no Brasil. Foi um encontro rico também pela troca de informações e experiências ao nível do humano, pessoal. Neste relato que segue, alguns toques sucintos sobre esse encontro de pessoas que, na sua prática cotidiana, procuram melhorar a vida.

A MAGIA DA PALAVRA

Dizem que o homem da era de Aquário será diferente, alguém mais livre, alguém em busca de novas formas de convivência, que sejam menos rígidas e limitantes, menos estereotipadas, mais próximas do prazer, da realização dos sonhos.

O pessoal que organizou o encontro de Olivença acredita nisso, crê na magia dessa palavra. E assim tivemos o V Encontro de Comunidades em Aquarius. Não mais apenas comunidades rurais, como nos anteriores, mas encontro de todos que procuram vivências alternativas ao sistema estabelecido e quase sempre asfixiante. Comunidades urbanas inclusive, pessoal das cooperativas e restaurantes naturais, ou gente curiosa e ansiosa por uma saída mais humana.

Olivença, sul da Bahia, a 17 quilômetros de Ilhéus. Centenas de coqueiros balançando as cabeleiras ao vento na beira da praia. Água do mar e água de coco. Camping Canabrava, um camping diferente, não turístico, onde moram permanentemente 10 pessoas que plantam milho, abóbora e mandioca numa fazenda próxima.

O camping possui um banheiro central, cozinha, um local coberto, usado para as palestras e casinhas separadas, com chuveiro, pia e tanque, do lado de fora, para quem não estiver a fim de dormir em barracas.

O encontro durou de 11 a 19 de julho, começou num sábado à tarde. Compareceram aproximadamente 250 pessoas, a metade das que estiveram no Vale das Flores, em Mauá, no ano passado. A inscrição no encontro custou Cr\$ 300,00. E todos que preencheram a ficha de inscrição moravam, haviam morado ou desejavam viver em algum tipo de comunidade. Essa vontade comum talvez tenha ajudado a dar ao encontro de Olivença uma maior unidade de propósitos nas decisões práticas do final.

Como sempre, havia mais gente do Rio e de São Paulo. A seguir, vinham, em número, pessoas de Minas Gerais e Bahia e do Rio Grande do Sul, Paraná, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso e Brasília, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Chovia há uma semana quando chegou o sábado do encontro. À tarde os participantes resolveram fazer uma saudação ao sol. E de repente o sol surgiu entre as nuvens e permaneceu brilhante e caloroso sobre Olivença ao longo dos 8 dias restantes. Embora no fim da tarde sempre caísse



No sol da Bahia, um encontro de pessoas que vivem o futuro no seu dia a dia.

uma chuvinha, como é comum na Bahia nessa época do ano.

CONVERSAS E PRÁTICAS

Os dois primeiros dias foram reservados à apresentação dos vários grupos, quando cada um falou da situação de sua comunidade (quando começou, número de pessoas, principais atividades e fontes de renda, problemas e soluções encontradas, tendência espiritual ou não, educação das crianças, etc).

Todas manhãs havia atividades práticas corporais, um dia para cada: taichi, shiatsu, quiroprática, yoga tibetana. Diariamente havia também um tempo para meditação, orientada em rodízio por uma das comunidades de tendência espiritual presentes.

Às tardes aconteceram as palestras, debates e painéis, sobre assuntos de interesse urgente e óbvio para os que desejam e precisam ter um mínimo de autonomia no esforço pela sobrevivência alternativa: medicina natural, parto natural, agricultura orgânica, yoga para gestantes, tecnologia alternativa (forno solar, biodigestor, cerâmica), alimentação, educação.

A cozinha, dirigida pela Aurora Espiritual, do Rio, servia três refeições diárias, ao preço total de Cr\$ 160,00: um mingau, doce ou salgado, no desjejum; almoço de arroz, feijões, legumes, tabule, saladas e frutas; e uma sopa no jantar. Houve um dia de jejum, a que aderiram quase todas as pessoas. E um dia só de frutas: algumas pessoas recolheram cerca de 5 mil cruzeiros entre os participantes, foram de carro a Ilhéus e compraram numa feira as frutas, servidas depois numa grande mesa ao ar livre.

As muitas crianças e adultos tiveram em Olivença, além da praia e do mar, uma piscina de água natural formada por um riacho transparente que desaguava no oceano.

No último dia, além da faina de desarmar as barracas e começar o caminho de volta, às vezes bem longo, organizou-se um mutirão para deixar o camping Canabrava limpo.

RESOLUÇÕES

Até aqui, uma descrição mais ou menos formal do cotidiano em Olivença de 11 a 19 de julho de 1981. Descrição a que escapam as nuances individuais, os abalos no íntimo de cada um, o contato com a radiante natureza da Bahia, o reencontro com gente antiga na mesma luta, outras amizades. A certeza de que o caminho é esse mesmo, ou já não é mais, o alento necessário para continuar na mesma linha, a convicção súbita de que é preciso mudar, sair para outra. A mistura humana de êxtases e decepções.

Qualquer um que tenha sido o efeito dos nove dias em Olivença sobre os indivíduos, algumas decisões práticas importantes foram tomadas:

1 - Criação de uma comissão de 12 pessoas, responsável pelo próximo encontro nacional e pelo estímulo a encontros regionais.

O encontro nacional será apenas de comunidades já constituídas e, por isso, não haverá divulgação pública, nada de cartazes e notícias em jornais; todos passos para reunir as pessoas serão dados por meio de cartas. Assim, esse encontro nacional pretende adquirir um caráter extremamente prático, de troca de informações e experiências e realização de problemas específicos.

Os encontros regionais, por sua vez, serão abertos a todas as pessoas interessadas, não só às comunidades já existentes. Receberão publicidade difusa e permitirão um primeiro acesso aos diversos tipos de vida comunitária na região. O primeiro desses encontros regionais foi marcado para os dias 8 e 9 de agosto na fazenda do Sertão, em Secretário, município de Petrópolis, Rio de Janeiro.

2 - Decisão de não deixar morrer, por qualquer motivo (dinheiro, dificuldades com a terra, dificuldades de relação entre as pessoas, isolamento, etc), qualquer comunidade já criada. Aqui se inclui o projeto Rumo ao Sol, em Goiás, que no fim do ano passado conseguiu atrair 150 pessoas às reuniões iniciais e hoje tem apenas quatro.



3 - Criação de um Banco de Sementes, desejo antigo de muitas comunidades rurais. Um banco de informações, não de depósito, centralizado na ARCA (Associação de Registro do Conhecimento Acumulado), situada no Leblon, Rio.

O esquema funcionaria do seguinte modo: todas comunidades enviarão à ARCA dados sobre as sementes que possui ou possuiará (qual semente, para quando, cultivada organicamente ou não); e quem precisar, também escreverá à ARCA, que responderá indicando onde existe a semente desejada.

A ARCA pretende, além de funcionar como banco de sementes, usar a tecnologia moderna (computadores, fitas gravadas, video-cassetes, audiovisuais) para auxiliar os movimentos alternativos.

4 - Criação de uma Escola de Comunidade. O local oferecido inicialmente foi a já citada Fazenda do Sertão, em Secretário. Quem estivesse a fim de morar em uma comunidade rural passaria por um estágio lá. Veria como se trabalha a terra, receberia noções de tecnologia alternativa e medicina natural e, mais que tudo, teria chances de sentir se está mesmo disposto a viver em comum com outras pessoas. Ao mesmo tempo, seria informado sobre os vários tipos de comunidade existentes no Brasil e assim poderia escolher a que mais lhe interessasse.

5 - Apoio ao jornal Comum-Unidade, veículo nacional de intercâmbio comunitário, criado a partir do encontro de Mauá no ano passado. O jornal está agora sob responsabilidade de um grupo de São Paulo e seu terceiro número deverá sair em agosto.

Assim, entre decisões importantes e repercussões ainda agora imprevisíveis no movimento comunitário brasileiro, se cumpriu o encontro de Olivença resumido por mim a partir de conversas com alguns participantes. E ao fim da matéria me vem a vontade de escrever sobre o que ainda não existiu aqui no Brasil, a outra face da mesma moeda, a outra margem de um só mar: o primeiro encontro de comunidades urbanas.

MARCOS MOREIRA

LUTA & PRAZER 17

Quando ouço falar em cultura...

Nos primeiros papos sobre como desenvolver esta editoria, conversamos e debatemos o significado de "cultura" e vários nomes espocaram imediatamente como porta-estandartes de nossa "cultura": "... cultura é ... Darcy Ribeiro ... entretanto ... além disso ... Sérgio Buarque de Hollanda ... contudo ... pois é ... Carlos Henrique Escobar ... todavia ... cultura ... mais quem? Mascarem? Mascarenhas? ... também ... cultura ... Pô, cultura é tudo o que a gente faz, realiza, sente, o modo de fazer tudo isso. Cultura é o ato de pegar um ônibus, tomar um chopp na esquina, o modo de viver, pensar, se vestir, trepar, comer. É tudo o que se passa à nossa volta e que engloba desde a política, os "shows", peças de teatro, livros, o que se está pensando por aí, até como as pessoas vivem, como lutam, como sentem prazer. O que não tem nada a ver com erudição ou acúmulo de informação. Cultura é uma coisa, erudição outra e informação, outra. "Você sabia que o beija-flor bate as asas doze mil quatrocentas e vinte e uma vezes por segundo?" Cultura ou erudição? Cuidado com a confusão.

Nossa proposta é, portanto, bastante ampla e sujeita a modificações. Podemos dizer com certeza apenas que estamos abertos. A opiniões, críticas, sugestões, etc. Preocupação fundamental: manter a cabeça e os canais abertos. Para o que der e vier:

"Maneiras coletivas de pensar e sentir, conjunto de costumes, de instituições e de obras que, num meio dado, são ao mesmo tempo o efeito e o meio de uma cultura pessoal." (Dictionnaire de la Langue Philosophique - P. Foulquié e R. Saint-Jean). Denominação da bagagem de preconceitos e enganos com os quais organizamos nossa ignorância". (Jorge Barros). "Toda intervenção humana sobre o dado natural modificado de modo a poder ser inserido numa relação social." (Umberto Eco). "Para mim, cultura é livros. Livros e bons mestres ensinando." (Lady Francisco). "Por cultura, entendemos o conjunto das formas adquiridas de comportamento que um grupo de indivíduos unidos por uma tradição comum transmite a seus filhos. Esta palavra designa então, não somente as tradições artísticas, científicas, religiosas e filosóficas de uma sociedade, mas ainda suas técnicas, seus costumes políticos e os mil usos que caracterizam sua vida cotidiana." (Margareth Mead, antropóloga). "É o conjunto de símbolos comuns que unificam, castrando, um grupo de pessoas em uma dada sociedade." (Fernando M. Pessoa). "Disco é cultura." (CBD Phonogram, Som Livre). "Cultivação, cultivo, ornato, polícia, culto." (Dicionário de Synonymos - Poético e de Epithetos da Língua Portuguesa). "Cultura é saber para poder fazer o que você gosta." (Isa, doméstica). "Tudo o que a gente faz acontecer." (Amanda Strausz). "S.f. 1. ato ou efeito de cultivar. 2. o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores transmitidos coletivamente e típicos de uma sociedade; civilização." (Novo Dicionário Aurélio). "É onde eu vou aprender inglês." (Mário, 7 anos). "O que, chê? Cultura, xará? Uai, perguntinha pai d'égua, ó chente! Vixi Maria! ... (Jorge Velloso).

QUAL SUA LUTA, QUAL SEU PRAZER?



trímano/clémen

A pergunta, direta, estremece. Imediatamente imagens se sobrepõem na cabeça: *Luta*: batalha, trabalho, sobrevivência, embates, sufoco; *Prazer*: ócio, sexo, descanso, papo furado, despreocupação. Mas será que é isso? Ou só isso? Ou será que os nossos conceitos e vivências não estão, eles próprios, empobrecidos por esta divisão?

Perguntamos a muitas pessoas. E bem diferentes entre si: funcionários públicos, estudantes, prostitutas, artistas, policiais, travestis, humoristas. Gente de direita, de esquerda, de cima, de baixo. E nos perguntamos também. E pensamos. Um monte de idéias e pensamentos começaram a se avolumar com base nas nossas experiências e nas das pessoas. Gente que nos abriu portas de casa, camarins, escritórios, alcovas, camas, segredos, vivências e opiniões.

A "bandeira" da divisão entre luta e prazer foi patente desde o início, quando começamos a pensar a matéria. Duas perguntas, dois conceitos aparentemente inconciliáveis na nossa sociedade, que, com sua filosofia industrial, compartimentaliza a vida, antagoniza extremos. Uma coisa nunca pode ser outra ao mesmo tempo, é a lógica ensinada, imposta. Ou é falso ou verdadeiro, sério ou alegre, feio ou bonito. E aí entram todas as hierarquias, muitas classificações, extrema divisão nas emoções e sentimentos. A parte racional quase sempre

sobrepondo-se às demais; o corpo separado da mente.

A sociedade é de classes, dividida. Os afetos são marcados pela hierarquia (amai a Deus sobre todas as coisas, lembram?), pelas distinções de sexo e poder. A cultura judaico-cristã introjetou na sociedade a prática da vivência dividida: Corpo/Alma, Deus/Diabo, Virtude/Pecado. A discriminação é um fato. A felicidade é sempre uma promessa para o amanhã, para o depois, para o fim da vida, ou, mais precisamente, para depois da vida, marcada de privações: no céu. É cobrada uma taxa de resignação. No dia a dia, das pequenas às grandes divisões: a roupa da semana não é a mesma do domingo, o comportamento no trabalho é totalmente diferente da postura na rua (onde se ganha o pão não se come a carne, né?)

A luta pela sobrevivência acaba se refletindo nas relações de prazer. Impede, limita, cerceia. E os psicanalistas faturando... Com essa história de ficar se dividindo em prateleiras feito estante, a gente acaba determinando que o prazer fica entre as pernas, e a luta nos braços. Vai se formando uma imagem de que o prazer é inerente a "certas partes" do corpo, curiosamente as consideradas "pecaminosas". Você fala em prazer e as pessoas entendem direto - tesão. Trabalho é seriedade, tensão, hierar-

quia. Dissocia-se trabalho de emoção, principalmente de prazer. Dissocia-se trabalho da vida. Encarando as coisas assim é que a gente acaba não apenas não deixando de trabalhar pelo prazer da vida em si, como limitando o próprio tesão. Afinal, se o prazer está localizado da cintura pra baixo e a luta da cintura pra cima, vai ser preciso muito contorcionismo e acrobacia para nossa integridade enquanto pessoas.

Se atualmente vamos nos aproximando da síntese entre nossa batalha e nosso prazer, é porque já passamos por conflitos, principalmente na década de 60, onde o prazer era vendido pelas ideologias que aniquilavam nossa existência em função do desenvolvimento social. Nos anos 70, a primazia do individual, com a apologia dos corpos, Narciso, prazer individual. Mas não era isso. Nossa luta e nosso prazer envolvem sempre mais de uma pessoa - eu e ele, eu e ela, eu e eles, eu e os outros. O que faço terá consequência em alguém; o que sinto é consequência de alguém. Mas os conflitos não se acabaram, muito pelo contrário. De modo que foi uma surpresa gostosa ver os depoimentos das mais variadas pessoas procurando ser mais inteiras, mais vivas, íntegras. Vendo prazer na luta, lutando pelo prazer.

E você, que está lendo este texto, responda também: Qual a sua luta? Qual o seu prazer?



Lutar até Gozar

Henfil, ou Henrique de Souza Filho, 37 anos, brasileiro, namorado, mineiro, cozinheiro, marceneiro, jornalista, humorista, cartunista, chargista, escritor, ator, homem, mulher, criança, hemofílico. Trabalha na Isto É, Pasquim, Status, TV Globo, O Dia. Partido: PT.

“Minha luta é voltar ao paraíso, de onde todos fomos expulsos e para onde só poderemos voltar juntos, todos juntos, para sermos felizes. Enfim, luto para que caiamos todos na felicidade. Por que? porque aceitamos os papéis que nos deram: brasileiro, 37 anos, mineiro, jornalista, RG. 3333, etc, etc, etc e que faz com que (péssimos atores que somos) nos comportemos como oprimidos e opressores, bons e maus, essa pobreza. . . Porque só a solidariedade dá prazer sexual, dá sono gostoso, pele macia e cútis aveludada.

Quanto ao prazer, bem. . . Não vale mentiras nem idealizações? Eu tenho dois pra-



zeres fortes. Um me vem quando vejo qualquer ato de solidariedade. Fico tão alegre que choro. Outro é quando sou dominado física e mentalmente por uma mulher. Quanto mais forte a mulher, maior o meu prazer.

Só a solidariedade dá prazer sexual e cútis aveludada

Eu luto pelo prazer e tenho prazer em lutar, uai! Não tem gente que tem prazer em catar piolho, sentar no molhado, entre- gar rapadura, espremer espinha? O meu é lutar, lutar até gozar.

FERNANDO PESSOA

Sei lá, tá é ruço

Zezé, 16, a pele escura de sol enrijecida de frio, passa o dia todo nas pedras da praia, em Botafogo, se vira catando siri e peixe, mora logo ali (e indica um estacionamento). Curto de papo e de altura, o riso fácil.

Quando cheguei pra ele, nem quis saber. Apenas um “sei lá”, o apelido só: “quem quer o nome da gente é polícia”. Repetia “tá ruço” sem dizer a que exatamente esta-

va se referindo. Escutou pacientemente duas vezes a pergunta, guimba apagada na mão. E de repente arriscou:

“Minha luta é me virar, sacou, a labuta. Prazer, bom, meu prazer é foder.” E riu, de fininho, curtindo a rima e a picaretagem. Me filou um cigarro e não ligou mais pra mim.

JORGE BARROS FARO

Tiros e Beijos



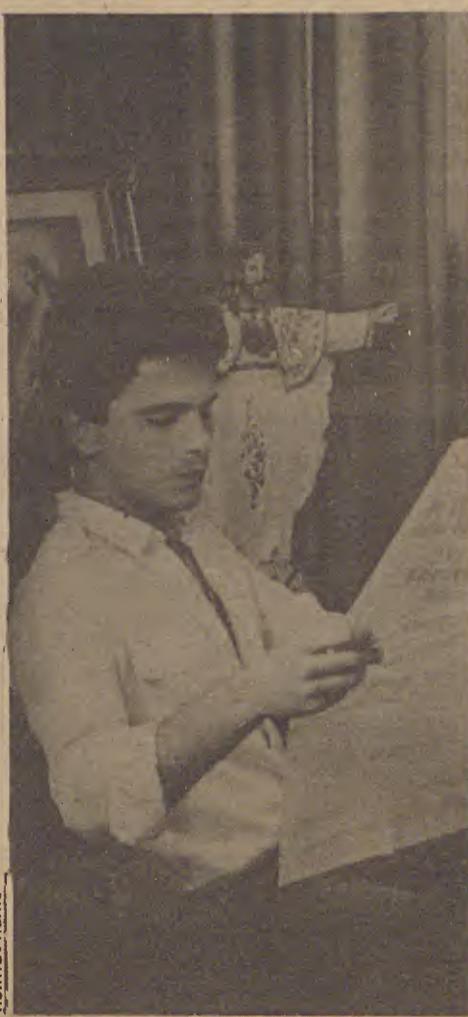
Wagner Montes tem 26 anos e o maior salário da televisão brasileira. Além de advogado, publicitário e apresentador de TV, o rapaz é membro (“com muita honra” diz ele) do Esquadrão de Ouro da Scuderie Le Coq (EM).

“Minha luta é em defesa dos que não podem falar, dos que não podem agir por serem humildes; contra os corruptos, ocupem o posto ou patente que ocuparem; contra os que não prestam, os que ganham dinheiro do povo e se omitem. Minha luta é essa e eu entrei na briga porque achei que faltava alguém de coragem para funcionar como um bisturi para extirpar os tumores da corrupção e da podridão que imperam neste estado.

Meu prazer é, depois de ter brigado bastante, passar uma noite na cama com uma boa mulher, fazendo e recebendo tudo o que tenho direito. A cama é o único lugar onde você esquece os problemas.

Minha luta e meu prazer são totalmente opostos. De dia eu brigo, dou tiros, de noite eu dou beijos. De dia eu caço os bandidos, de noite eu caço as mulheres. E elas a mim.

AMANDA STRAUZ



De dia caço bandidos, de noite, mulheres.

Amar é fazer a revolução



Juliano Serra

Carlos Henrique Escobar, filósofo, psicólogo, poeta (oito livros publicados), teatrólogo (quatro peças e duas montagens), professor. Preso político no período 74/75. Uma pessoa que se comunica por inteiro, com todos os músculos e expressões. Um ser emocionado e emocionante, que faz de seu prazer um projeto coletivo.

“A minha luta é uma revolta. Ela é contra o poder, contra a riqueza acumulada em poucas mãos. Existem algumas fórmulas para travar esta luta, uma delas é a organização, mas quase todos que se organizaram, no Brasil, anos atrás, foram presos. Mas essa luta pode se dar também em diferentes tipos de intervenção: a defesa da vida, dos animais, marcar posições morais e políticas em diferentes setores sociais, na forma de atuação em sua casa; fazer uma escolha global de você mesmo, que significa um trabalho político-existencial constante. Mas com uma estratégia de organizar-se politicamente.

Toda luta é inteira (com toda musculatura e estrutura psicológica) ou então não é luta. As sociedades de classe fazem separações, com uma concepção funcional do corpo e do conhecimento. Toda luta verdadeira rompe com isso. Ela é sentimento e planos, dor e festa. E estou nela por dois motivos: por uma ofensa e por uma questão de caráter. Me ofenderam, me fazendo sofrer e fazendo sofrer os outros; não há chances de festa para mim senão preservando a minha integridade. (De repente vem a polícia e me bate na cara. Será que eu seria íntegro apanhando?)

O meu desejo está dirigido no sentido heterossexual. Isto significa que aparentemente, por aí, não existe conflito com um tipo de sociedade que sublinha a heterossexualidade. Porém este sublinhamento, dirigido apenas à procriação, tira do prazer sexual a riqueza de seus jogos, que certamente são “perversos” (perversidade sexual quer dizer que todo corpo tem potenciali-

dade erótica e que o orgasmo resulta de uma musculatura inteligente e livre), cujos testemunhos estão em Heliogábal, Marquesa de Santos, Marques de Sade, Lenin, Nijinsky, Salomé. . .

O que é fundamental a um grupo social é a identidade de cada agente com ele. As sociedades fazem da sexualidade um dispositivo de identificação, que se processa na primeira infância, onde o amor é disciplinado em torno das figuras parentais. Suas molas conduzem a menina a identificar-se com a mãe e a direcionar seu desejo ao pai, e ao contrário com os meninos.

Toda luta verdadeira é sentimentos e planos, dor e festa

Na verdade, a luta das minorias homossexuais não é contra a heterossexualidade, mas contra a exclusividade dessa prática. E quando me referi às formas “perversas” da sexualidade como fundamentais, não recusei — até pelo contrário — que se fizesse desta ou daquela forma sexual o lugar provisório dos seus sonhos.

Meu maior prazer é amar os outros e me descobrir amado por eles, o que me possibilita, e a todos eles, todos os jogos amorosos e políticos para além de toda culpa e de toda vergonha. Não vejo nenhuma contradição entre uma proposta de amor que se dá conta do sentido político que ela envolva, isto é, em sociedades de poder e de propriedade privada, onde este amor é estigmatizado e considerado subversivo.

Amar, numa sociedade de classes, é inseparável de fazer uma revolução.

JORGE VELLOSO

Saint Exupéry, ó eu aqui

Secretária fino trato, boa aparência, (sic) 19 anos, curso superior, Carmem Pereira de Souza, morena bonita que mora na Tijuca.

Minha luta é o cotidiano, o estudo (Arquitetura), o trabalho, essa barra toda que a gente enfrenta para melhorar o padrão de vida. Luto pra ter um filho também, pra

dando a maior força num tratamento pois não consigo ficar grávida, pra ter a casa própria.

Por prazer entendo ganhar essas brigas, chegar lá e curtir numa boa tudo isso. Está tudo aí, uma coisa faz a outra.

JORGE BARROS FARO

LUTA & PRAZER 19



Central do Brasil: Vida apertada

Orgasmo Arqueológico



ricardo fragoso

Gare da "Central do Brasil". População: 500 mil pessoas diárias, indo para seus empregos, voltando para suas humildes casas, na Baixada Fluminense. Trens superlotados que carregam de tudo, principalmente esperanças de uma vida menos apertada, sufocante. É proibido cuspir no chão; é proibido fotografar; é proibido o pequeno comércio ambulante, de subsistência; é proibido o prazer, lutar. Aí, ousamos conversar com essa gente amiga e apressada que produz a riqueza, mas que nunca a usufrui.

José Maria Martins, 23 anos, servente de armazém de café, morador de Belford Roxo. Viaja 1:30 hs para ir de casa ao trabalho.

"Luto pra sustentar meus irmãos e sobrinhos e conseguir uma casa própria pra minha família. Poderia ajudá-los melhor se tivesse uma profissão definida e rendosa como as que gostaria de ser: torneiro mecânico, mecânico de automóvel. As pessoas amigas falam que eu poderia estudar se tivesse mais força de vontade, mas não é bem isso; ganho salário mínimo, que pra viver já é o maior sufoco. Só viajo de trem, pois se viajasse de ônibus não teria condições de comer. O que não tenho mesmo é tempo e dinheiro para os estudos. Por isso continuo só batalhando.

Trocar o trem pelo avião como fazem os bacanas

O que me dá prazer é uma mulher. Quero viver com uma e ter uma relação feliz. E também jogar bola, beber uma cerveja com os amigos em alguns fins de semana. Não em todos, porque o dinheiro não dá. Mas o que gostaria realmente de fazer é viajar pelo

mundo, trocar o trem pelo avião, viajar à vontade, como fazem os bacanas."

Jurema da Silva Barbosa, 23 anos, mora na Pavuna e trabalha no centro. Leva 3 horas para ir de casa ao trabalho.

"Luto para me manter na vida, para conseguir alguma coisa nela. Uma casa pra mim e pra minha mãe; quero que na sua velhice possa viver em paz e com certo conforto, para pelo menos morrer tranquila.

Mas todo mundo luta, não apenas eu. A gente não sabe bem, só sabe que tem que lutar, é obrigado a lutar pois não nascemos em berço de ouro. Minha forma de luta é o trabalho e a perseverança. Tem que haver também um pouco de comunicação; esse também é um bom método para conseguirmos o que queremos, afinal, ninguém luta sozinho, todos precisamos uns dos outros. A única esperança, além disso, é ganhar na loteria esportiva.

O que me dá prazer é viver em comunidade, trocar idéias com as pessoas, saber o que elas pensam, conversar e se entender. Acho que a solução pro mundo é essa. Se um certo grupo se entendesse e depois fosse aumentando, quem sabe não chegaríamos lá?

Existem outros tipos de prazer para outras pessoas, como jogar futebol, por exemplo. Mas são muito poucos os que sabem o que é prazer. A luta da gente hoje é tão grande, que ninguém ainda teve tempo pra parar e pensar o que é ter prazer; está tudo tão difícil... Acho que aqui no Rio as pessoas não têm mais prazer. Às vezes procuro conversar com alguém, mas não dá, as pessoas não querem mais conversa. Tá todo

mundo revoltado com as dificuldades que passamos com o custo de vida; está tudo tão caro e a gente ganhando tão pouco... Penso que só o povo pode melhorar, não com meia dúzia, mas com o Brasil inteiro. E para chegar à casa própria preciso de outras pessoas. Por falar nela, acho um absurdo você ser brasileiro, morar num país que é o seu e ser obrigado a comprar terra, um teto para se proteger da chuva e do frio. Isso é que é triste. Acho que todo mundo deveria ter um teto grátis. Esse chão não é nosso? Então por que temos que comprá-lo?

E tem muita gente de fora usando. Vê na televisão que quase todas as terras de Cabo Frio estão sendo vendidas para a Argentina. O Rio também tá quase todo tomado pelo pessoal de fora, que tem mais dinheiro, vem aqui e compra tudo. E nós alugando, morando em cima das pedras, empuleirados. Quantas pessoas estão nesse caso? Quantas?

E eu que pago um absurdo de aluguel numa casa que é um ovo, mas que foi a única que deu pra mim morar e ainda sobrar uns trocados para comer. O que pago nela poderia estar gastando na minha casa, mas isso é difícil, pois tem as inscrições, um monte de taxas, depois tem que dar de 200 a 500 mil de entrada. Como posso juntar isso ganhando uma ninharia por mês? Só se morrer de fome. Ainda tem a seleção, uma fila enorme, igual a de desemprego. Quem tiver dinheiro na mão tem a vez, o que aliás não posso afirmar porque nunca ví, mas bem que pode acontecer, pois aqui tudo acontece."

JORGE VELLOSO

"Qualquer luta que a gente encare será igual ao prazer, dado que vai mexer com você, transformando tua vida. Tanto no social quanto no individual, a gente luta para estabelecer e melhorar sua condição de vida, determinando seu lugar no todo. No nosso caso, o das mulheres, a luta e o prazer exigem um esforço maior, tudo é mais difícil e doloroso, pois para encarar o aprendizado que toda luta implica, antes temos que "desaprender" porrilhões de coisas que fazem parte dessa educação dita "feminina", coisas que atrapalham a vida da gente mas são até parte de nós, tão fundo elas estão. O processo não é fácil, nem mesmo agradável. Tudo quanto é relação com a família, as pessoas, o companheiro, os filhos e até consigo própria, deve ser constante-

Para a mulher, a luta e o prazer são mais difíceis.

mente questionado e recolocado. Aí pinta o fato de que, fora desses esquemas falidos, tudo deve ser experimentado e discutido.

No caso dos filhos, a coisa complica ainda mais, você sabe o que não quer pra eles, assim como o que não quer para você porque não deu mesmo certo, mas o que e de que maneira transar com teu filho, a sua educação, se a criança fica logo dividida entre você e a escola, você e a sociedade, você e o lar, a família, esse aparato todo que, por ter outra posição face ao problema, está enfrentada a você?

Assim colocado o tipo e o sentido das lutas, não existe distinção entre luta e prazer. Luta-se por um lugar ao sol, em igualdade de condições e de participação em casa, na rua, na escola, na labuta, na cama, numa sociedade mais justa. Se luta pelo prazer e pelo prazer da luta. Quer dizer, se luta pela própria vida"

JORGE BARROS FARO

Fazer falar ao Rossano (Lopes Bastos) sobre sua luta, seu prazer, quer dizer, sobre ele próprio, foi toda uma experiência, e não apenas porque ele fuma, coça um peitão cabeludo, se estica na cama ou anda pelo quarto feito onça-TUDO ISSO AO MESMO TEMPO — mas porque este miheiro de 21 anos (aparenta bem mais) sabe o que quer e como te convencer que isso é ótimo. Olha!:

Nego, eu luto para concretizar meus ideais, alcançar os objetivos que tracei na vida e defender as bandeiras que considero dignas para uma sociedade mais humana e mais justa, e sou ciente que essa batalha só pode ser encarada e ganha se a gente desenvolve a luta em todos os níveis, no trabalho, na universidade, no lar, na cama, sei lá, em tudo quanto a gente faz. Porque eu não luto, sonho, penso nem mesmo vivo em função só de mim, não estou fazendo Arqueologia para ser um profissional bem sucedido ou um burocrata qualquer, não. A gente sabe que tudo o que se faz, tudo o que se é, tem relação com o resto das coisas e das pessoas, e é essa interrelação que dá um sentido à luta, aí você sente o que está fazendo, então ganhar realmente vale a pena.

Meu prazer é ver, sentir o avanço e (lógico), o sucesso dessa luta toda. Isso não quer dizer que o prazer em outros sentidos, tenha menos valor, pelo contrário, o amor, a família, os amigos, passam a ter um novo sentido, mais amplo, porque não há dissociação nem mesmo falsas diferenciações, tudo faz parte desse mundo e você está no meio, fazendo tua parte.

Olha, há pouco tive um prazer daqueles. Conseguimos promover a I Semana de Arqueologia (junho, Auditório das FINES). Meu irmão, como a gente sonhou com isso, discutiu, brigou, um agita-agita danado, mas finalmente conseguimos. Foi um sucesso. É isso aí. A luta é a outra cara do prazer. E vice-versa".

JORGE BARROS FARO

Ser animal...

Nelson Llano Jr., 19 anos, faz teatro e cinema, está trancando a UFF para ir morar no Nordeste. Se vira. Vive.

"Minha luta é o dia-a-dia, mas também é para existir. É uma luta sem armas nem sangue, embora não seja mole. Tentar "ser" humano, existir como tal no meio dessa coisa toda é fogo porque também significa querer ser puro, fazer parte da natureza. Quero mais é ser um animal sem medo do sol.

Quanto mais perto eu estiver da simplicidade das pessoas puras, mais próximo estarei de ser esse animal. O mínimo que necessário saber é que piso na terra e há um céu sobre minha cabeça.

Existe um código de prazer que é imposto pela sociedade, mas eu acho isso "tara urbanóide", um desespero mesmo. Prazer pra mim é outra jogada, de repente respirar é um prazer danado de bom, cada vez que respiro, devagarinho e fundo, ao ar livre, é uma coisa ótima, sou livre, sou ar eu também.

Luto e curto o simples. Sei que enquanto existir uma só célula viva em mim, a repressão não vai ter vez, porque em mim existe a liberdade de pensar e existir".

JORGE BARROS FARO



20 LUTA & PRAZER
Numa sala da CEU (Casa do Estudante Universitário), encontro Angela, 28, Sandra, 24, e Diane, 28 em meio a latas de tinta, docinhos, escadas, cigarros e um ar de "cara lavada" pairando na sede da Sociedade Brasil Mulher. Três professoras (História, Maternal e Inglês), três militantes, três mulheres.

JORGE BARROS FARO

prova dessa condição

JORGE VELLOSO

que vou ver fazerem mi exigências, me pe

Só saio às ruas para sentir prazer

O primeiro contato com Fraya (ex-Marco Antonio), travesti de 24 anos, foi numa esquina da Lapa. Como a polícia circulava o quarteirão e provocava grande alvoroço, sugerimos que fossemos à sua casa, para um papo mais tranquilo. Lá encontramos alguém sabedora de seu querer, que abandonou a família no Acre e foi à luta do mundo.

“Eu luto para ficar bem, para ser um travesti que goste de mim mesma; com uma beleza que chame a atenção. No ano passado gastei 80 mil para colocar prótese de si-

licone, e também por isso luto para ganhar dinheiro, para ir à França fazer meu corpo. Aqui o travesti tem barreiras, ele tem que ser limitado. Digo o travesti, pois o gay normal, gay homem, pode ser qualquer coisa, até presidente. Não vejo nenhuma perspectiva de melhora, mesmo se unindo às outras e formando sindicato, como existe na Europa, pois não dá certo nem mesmo para as classes ditas trabalhadoras, que fazem carros e aviões, quanto mais pra gente. A única coisa que conseguimos é uma lei contra.



Juliano Serra

Além de ganhar a vida na rua, não uso outros caminhos porque me sinto bem nesse. Poderia estar trabalhando como algumas amigas, que são decoradoras, cabelereiras, manicures, ou trabalhando em teatro, como já fiz, mas prefiro a rua, porque pra mim essa forma de luta se tornou prática; não era, mas se tornou, pois a encaro como um emprego. É minha profissão e só a exerço quando estou a fim, só saio às ruas para sentir prazer, de uma forma ativa ou passiva, pois isso depende muito dos parceiros. Mas sempre com prazer, pois sem ele a rela-

ção fica muito chata. Abandonei o vestibular para engenharia quando depois de uma certa idade não conseguia mais me ver como homem.

O meu maior prazer é estar com a pessoa que gosto, não só trepando, mas estar com ela numa relação carinhosa, um bom papo. Isso é muito importante, principalmente para uma pessoa que viva só, assim como eu aqui no Rio. Por isso digo que minha luta e meu prazer são iguais.

JORGE VELLOSO

O pão e a fuga de cada dia

O retrato da filha, o companheiro que dá força para enfrentar as incertezas e as batidas da polícia. Maria Aparecida Macedo, 37 anos, manicure de dia, prostituta de noite. Um depoimento cheio de poses grotescas e falsos risos, na tentativa de caracterizar uma postura ainda não totalmente assumida. Poses só substituídas por um rosto triste e quase uma lágrima quando da lembrança da descoberta pela filha de sua profissão: “Mamãe, eu já sei, minhas amigas disseram que à noite você não vai visitar a madrinha, que você é puta”.

“Luto por uma criança de 8 anos, pelo pão de cada dia, meu e dela. Estou aqui até essa hora (1 da manhã) porque deixei um guando de molho e não tinha carne pra misturar; quando chegar lá vai estar até azedo, e, de repente, vou ter que jogar tudo fora. Por isso me prostituo; não sempre, mas quando é preciso.

Eu poderia trabalhar direito, mas não houve oportunidade, todos os empregos que vou ver fazem mil exigências, me pe-



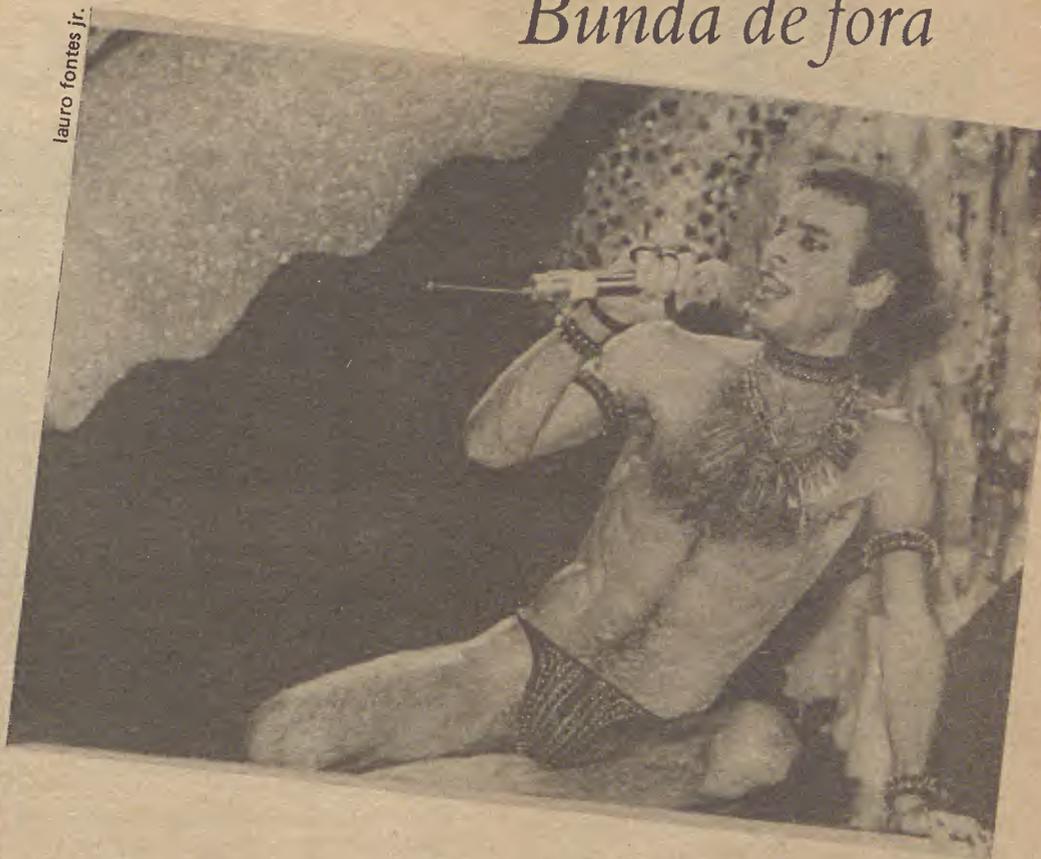
Juliano Serra

dem mil recomendações e documentos. Também tem outro problema, quem vai cuidar de minha filha e colocá-la no colégio? Somos só nos duas.

Meu prazer maior é ver uma casa cheia de comida pra alimentar a mim e a minha filha. E estar de preferência com um homem, o meu marido, que goste de mim e que me tire dessa vida.

JORGE VELLOSO

Bunda de fora



lauro fontes jr.

Parece que na vida de Ney Matogrosso realmente não há muitas distância entre sua luta e seu prazer, porque, indagado sobre esse tema Ney exclamou: “Pera aí, luta no sentido de quê?...”

Registrar esse depoimento de Ney foi uma luta, um prazer:

“Meu trabalho é uma luta e exige muito esforço de mim, tanto físico quanto força-de-vontade, muito tudo, mas é uma coisa que ao mesmo tempo dá prazer, compensa muito. No plano artístico, luto para que haja harmonia entre o lado instrumental e minha voz, para que nenhum lado se sobreponha ao outro. Quando em meus shows a parte técnica não está legal, então o prazer se torna apenas luta. Acho que de uma forma geral para que se chegue ao prazer é necessário muita luta. Por isso, minha luta e meu prazer estão dentro de uma mesma relação”.

*Uma luta colorida,
gostosa, cheia de trejeitos.
Um prazer conquistado.*

E a luta do Ney é muito colorida, reunindo sua voz gostosa, seus trejeitos soltos e a “mise-en-scène” pra lá de criativa e é interessante constatar que as pessoas encaram sua luta sem preconceito — “meu trabalho está se tornando mais maduro, alegre, virado pra fora, pra cima, extrovertido e isso me faz sentir prazer vendo que o público também vive isso junto de mim. Não

tenho preconceito a nenhum tipo de pessoa que se proponha assistir meus shows, transo numa boa com todos os tipos.”

Talvez tenha surgido preconceito por parte da crítica — “O ‘carro-chefe’ das críticas que fizeram ao meu último trabalho no Canecão foi em relação ao figurino (Ney se apresentava com a bunda de fora). Ney Matogrosso não separa a sua luta pessoal do processo social — “Acho que a minha nudez também é o reflexo de uma nudez coletiva que se processa no comportamento das pessoas atualmente, mas pra mim a nudez já não significa quase mais nada, porque desde 75 me apresento assim, mas os meios de comunicação não davam tanta ênfase a isso, por causa da repressão da época, né? Acho que hoje já não tenho o menor grilo com a nudez, tive sim e muito durante a adolescência.”

Ney não faz nenhuma ligação de seu trabalho, de sua luta, com os movimentos políticos convencionais, “a não ser que política seja colocada de uma forma não restrita ao Poder, porque certamente não terá nenhuma ligação, mas, se política for encarada como uma coisa ampla, aí pode haver alguma conseqüência”. Também não se interessa pelo movimento denominado “Política do Corpo”, ou melhor “não estou ligado a nenhum movimento, apenas à busca pessoal, sempre querendo me conhecer melhor e, na medida em que isto vai acontecendo, o artista também vai amadurecendo sua postura em palco, mostrando-se cada vez mais.”

EUGÊNIO VIOLA

Ligação ao sexo

Entrevistado o único habitante do Leblon sem rastros de sol na pele. Vitor Hebraicó, 32 anos, indissimuláveis barbas de profeta, desenhista e produtor gráfico.

“Fundamentalmente, luto para ser feliz, ascender profissionalmente, relacionar-me cada vez mais e melhor com o mundo e as pessoas. A gente, às vezes, tende a idealizar, generalizar o sentido das lutas, talvez por isso não considere minha luta como política, embora saiba que grande parte dela possa ter esse cunho. A dificuldade em sobreviver, se relacionar, curtir mais a vida, é prova dessa contradição.

Atualmente, tudo aquilo que estou vivendo como prazer está basicamente ligado ao sexo. Outras possibilidades como lazer, capacidade e tempo para se despreocupar, esporte, cultura estão, por enquanto, limitadas. Aí é que a luta (ou uma parte dela) liga-se à possibilidade do prazer, isto é: acho ótimo ser reconhecido como profissional, ganhar bem por isso; ora, esse fato vai nos facilitar viver melhor, curtir a vida sem me sentir limitado pelas questões materiais. Resumindo e recomeçando: Luto para ser feliz.”

JORGE BARROS FARO



CRIANÇAS? DEIXE COMIGO



Marisa e Laís

Deixe Comigo é um grupo de adolescentes tagarelas e simpáticos que querem sair de casa, mas como não há "emprego legal pra ninguém" e todos adoram criança, resolveram ganhar algum dinheiro cuidando de crianças nas suas próprias casas. Até o presente momento ninguém ainda se mantém exclusivamente desse trabalho, mas os meninos estão animados e acreditam que as perspectivas para o futuro são bem promissoras.

Formado atualmente por uma patota coesa de seis meninas e dois meninos, o Deixe Comigo amadurece a cada dia sua proposta, sonha com um espaço próprio, tipo creche, onde o trabalho possa ser ampliado e, depois de dois anos de luta, todos concordam que a experiência está sendo riquíssima, que cada um cresceu muito, tanto no plano profissional, como na vida pessoal.

A supervisão do trabalho desenvolvido pelo grupo está por conta da psicóloga Marta Zanetti e de Waldo Felinto e que ainda emprestam o CEAMI - Centro de Estudos e Atendimento à Mulher e à Infância para sede provisória do Deixe Comigo.

Nosso namoro com esse pessoal alto astral começou no último simpósio que a revista Rádice fez no Parque Lage, quando os pais chegavam maravilhados e nos perguntavam: "Onde foi que vocês conseguiram uma gente tão interessante para cuidar das crianças? Eles parecem bem novinhos, mas são ótimos!"

Pelo "Deixe Comigo": Marisa Zanetti e Laís Sales Costa.

LUTA & PRAZER - Como surgiu o Deixe Comigo?

MARISA - Nós estudávamos juntos e queríamos sair de casa, mas não sabíamos como, pois o mercado de trabalho tá uma barra, não há emprego legal pra ninguém. Como alguns de nós já trabalhavam com crianças, resolvemos nos organizar e para isso a Marta Zanetti, minha mãe, deu a maior força.

LUTA & PRAZER - Como é que vocês atuam?



Elaborando a relação, revivendo a criança que cada um traz dentro de si

MARISA - Primeiramente nós vamos à casa dos pais e fazemos uma entrevista com eles, depois desse papo é que começamos a cuidar da criança, porque nossa proposta não é simplesmente tomar conta da criança, mas de aprofundar esse relacionamento, de elaborar a relação dentro do universo dela, brincando, criando, entrando na relação mesmo, integralmente. Por outro lado não queremos que uma criança fique apegada demais a nenhum de nós, então geralmente nos revezamos e vários de nós podem cuidar de uma mesma criança.

LUTA & PRAZER - Há alguma linha teórica que determine o trabalho de vocês?

LAÍS - Não, preferimos começar trabalhando a nossa própria realidade quando crianças, através da supervisão, tentando reviver fatos da nossa infância, para daí chegarmos às dificuldades atuais na relação com a criança.

LUTA & PRAZER - A formação escolar de vocês está ligada ao trabalho com crianças?

MARISA - Não, alguns ainda estão no científico e os que são universitários estudam física, economia, geografia, apenas uma pessoa faz psicologia. Mas o que nos une nesse trabalho é a ligação fortíssima que todos nós temos com criança, inclusive a maioria do grupo acredita que vai continuar com esse trabalho, independente da formação

universitária, porque trabalhar com criança já faz parte do nosso dia-a-dia, não dá pra viver sem isso. Nosso sonho, pro futuro, é transar uma creche, um espaço nosso, onde o trabalho possa crescer.

LUTA & PRAZER - Como funciona a supervisão que vocês recebem do CEAMI?

LAÍS - Nós nos reunimos uma vez por semana e trabalhamos as dificuldades vividas com as crianças, tentando sempre fazer reviver a criança que nós fomos, a nossa sexualidade, o que sentíamos em relação aos adultos. Isso é tão forte que alguns deixaram o grupo por não agüentarem a barra desses momentos.

LUTA & PRAZER - Então o grupo atual não é o mesmo que se formou no início do trabalho?

LAÍS - Não, no início éramos 22 e agora somos oito, dois meninos e seis meninas. No momento tem muita gente querendo trabalhar conosco, mas só vamos pensar nisso daqui a um tempo, depois de repensarmos o grupo como um todo, depois que esse grupo de oito pessoas amadurecer legal.

LUTA & PRAZER - Vocês são muito procurados pelos pais?

MARISA - Depende da semana: há épocas em que a procura é enorme, mas já aconteceu de passarmos uma semana inteira sem um só chamado. A variação é muito grande.

LUTA & PRAZER - Como é que vocês dividem a grana entre si?

LAÍS - Nós cobramos 200 cruzeiros por hora, tiramos 20% para pagar o Ceami (telefone, espaço para reuniões, supervisão), 5% para a caixinha comum e o restante fica com a pessoa que trabalhou.

LUTA & PRAZER - Os pais aceitam numa boa quando é um dos meninos que vai atender ao chamado?

LAÍS - Depende, né. Às vezes pintam grilos com pais de meninas que não aceitam com facilidade que um dos meninos tome conta delas. Eles ficam dizendo: "poxa, mas um menino cuidando da minha filha!" Por outro lado, os meninos de mais de três anos adoram que seja um homem que vá tomar conta deles. Na supervisão nós trabalhamos todos esses grilos.

LUTA & PRAZER - Quais as dificuldades mais comuns na relação com as crianças?

MARISA - Por incrível que pareça, os maiores problemas que enfrentamos são os próprios pais. Se eles não confiam na gente, passam isso pra criança no primeiro momento. E quando os pais transam mal essa passagem do bebê, geralmente a criança fica se sentindo abandonada, chora muito a demora a ter confiança na gente. Muitas mães se despedem várias vezes, esperam que a criança sinta falta, voltam pra dar outro "até logo, tá?", e aí começa tudo de novo. As mães escamoteiam, fazem chantagem, se sentem culpadas de deixarem o filho conosco. . . Algumas tentam esconder isso dizendo: "meu filho é muito apegado à mim", mas na verdade o problema está nelas.

LUTA & PRAZER - E como é que as famílias de vocês encaram esse trabalho?

MARISA - Bom, tem família que não entende quando a gente tem de passar a noite inteira na casa da criança. Há pais que levam a filha até a casa dos pais da criança e pela manhã vão apanhá-la. Em algumas casas o nosso trabalho é motivo de gozação, os irmãos olham pra gente se arrumando pra sair e dizem: "já vai trabalhar, fulana?" e começam a rir.

LAÍS - A família do Marquinhos, por exemplo, não curtiu o trabalho no início, mas agora o próprio pai se orgulha de ter um filho trabalhando com crianças. Chega até a contar pros amigos, todo satisfeito.

CRIS, DAU, LIBE, VALÉRIA



CLÍNICA PAVLOV
psicologia e psiquiatria

CAMPOS DE ATUAÇÃO

- Psicoterapia individual
- Psicoterapia em grupo
- Psicoterapia familiar
- Psicoterapia focal: casal - sexualidade
- Consulta Psiquiátrica
- Psiquiatria infantil
- Orientação profissional
- Hipnose
- Eletrossono
- Assessoria Especializada
- Peritagem

Rua Barão de Lucena 28 - Botafogo - RJ
Tels.: 286-9561 - 226-7147
226-8053 - 266-5970

livraria sidartha

Av. N. S. de Copacabana, 1.052
(entre as ruas Miguel Lemos e Djalma Ulrich)
CEP 22.060 - Rio de Janeiro, RJ.

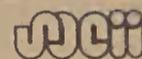
A mais nova livraria de Copacabana. A SIDARTHA tem o livro que você precisa: científico, técnico, didático, infantil, de arte e literatura. Mas é especializada na área **ESPIRITUALISTA**. Faça da SIDARTHA seu ponto de encontro com cultura e o espírito. Atendemos, também, pelo **REEMBOLSO POSTAL**.

DESEJA APARECER?
Acacia Moxvedica
RESOLVE O SEU PROBLEMA?

AREIA MOVEDICA

OPORTUNIDADES: FAIXAS - CARTAZES - ADESIVOS
EMBALAGENS - VITRINES - PANO
PAPELÃO, PLÁSTICO, CELOFANE, ETC.

RUA MARTINS LAGE 378/2 ENG. NOVO
RUA D. ROMANA 360 - LINS - RIO DE JANEIRO



CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO

- CORPO, HISTÓRIA E OUTROS BICHOS

Prof. Antonio A. Serra
Introdução histórica às formas modernas de apropriação e controle do corpo. Os modelos clássicos e cristãos do corpo. O discurso médico e psiquiátrico. As teorias das perversões. O corpo criminoso. O corpo fabril. Os mitos do corpo feminino: da frigidez ao orgasmo compulsório. O corpo como máquina eficaz. O pensamento da esquerda e a sexualidade. Da "repressão" à "liberação".

• LEITURA DE MARX

Prof. Michel Misse

Início: 1 de Setembro. Taxa de Inscrição 1.000,00 e três parcelas de 2.000,00.
As inscrições poderão ser feitas na sede do SOCI - Pesquisadores Associados em Ciências - RJ - a partir de agosto.
Rua República do Líbano 61/918.
Centro - Rio de Janeiro



A PSICOLOGIA VAI AO SUBÚRBIO. SEM CULPAS

LUTA & PRAZER – Qual é a linha teórica mais marcante no teu trabalho?

PAULO – A matriz de onde venho é a psicanálise, mas não é isso o que faço; também trabalho com psicologia tibetana, que é muito nova até para mim, bioenergética, gestalt e vou adiante. O que for importante eu aproveito. Minha história pessoal é de muito conflito, loucura e porra-louquice, principalmente no início e antes de profissionalizar-me. Dentro da faculdade eu não conseguia aceitar a forma como era proposto o trabalho e buscava um caminho que ainda não sabia qual era. Até que conheci Rodolfo Bohoslavsky, com quem aprendi uma nova forma de pensar a realidade profissional e pessoal, o que me permitiu encontrar o que chamo hoje de caminho marginal. Aprendi com ele a me orientar de acordo com o que se passa dentro de mim. Isso me parece mais importante do que qualquer teoria que eu queria aplicar. Outras pessoas importantes na minha história foram Emilio Rodrigué, Marta Berlin e recentemente estou com o Guy Tonella, um francês incrível que faz psicanálise e bioenergética. Mas meu trabalho maior é me conhecer, conhecer a minha teoria e ajudar a pessoa a encontrar a teoria dela.

LUTA & PRAZER – Você nota grandes diferenças entre os clientes da zona sul e os de zona norte que te procuram?

PAULO – Existe diferença, sim. Na relação imediata são realidades totalmente diferentes, mas quando vou entrando no sentimento da pessoa há um nível a partir de onde tudo é igual; o modo como ele se manifesta é que difere. E o papel do terapeuta é trabalhar em cima dos sentimentos. Quanto mais você trabalha em cima dos elementos primitivos do indivíduo, mais ele pode tomar posse de si mesmo. Quando falo em universalidade de sentimentos estou me referindo a essa coisa primitiva, e a neurose é a forma como cada um aprendeu a se defender desses sentimentos, em função das suas relações, e aí é que há diferença entre as pessoas



ricardo fregoso

Paulo Hindemburgo discute com Dau e Libe a proposta da SER

“A perspectiva que estamos desenvolvendo é a de que os profissionais trabalhem nos seus próprios bairros de origem”. Assim Paulo Hindemburgo, dirigente da SER, definiu o trabalho que essa instituição psico-cultural vem realizando na Tijuca, subúrbio do Rio, há onze anos. Numa casa bonita, ampla e arejada, nove psicoterapeutas atendem de segunda a quinta-feira e dividem os ganhos desse trabalho entre o sustento pessoal e a manutenção de cursos, palestras, exposições de fotografias, teatro e várias outras armazões que aconte-

cem no mesmo lugar durante a sexta, o sábado e o domingo.

LUTA & PRAZER – Em geral, qual o poder aquisitivo das pessoas que te procuram?

PAULO – Bom, eu tenho um consultório onde ganho um mínimo para sobreviver e atendo na clínica social da SER o pessoal de baixa renda. Na SER nós fazemos um trabalho preventivo do qual sou o responsável. E o preço é baixo mesmo: cobramos Cr\$ 2.400,00 por mês, por oito sessões. Agora, quando a pessoa é recomendada tecnicamente e não tem condições de fazer terapia de grupo, pode acertar com um profissional para atendê-la individualmente e os dois é que se encarregam de compatibilizar as coisas, inclusive as finanças.

LUTA & PRAZER – E esse papo de que as pessoas mais pobres têm menos problemas emocionais do que as mais ricas?

PAULO – É mentira, só que os indivíduos

menos favorecidos economicamente são bem mais operativos, porque a fome torna a pessoa mais ágil na resolução dos problemas existenciais. Uma pessoa de baixa renda, que esteja em processo terapêutico, terá de compatibilizar sua crise existencial com a necessidade de sobrevivência. O terapeuta tem obrigação de fazer um trabalho que compatibilize essa realidade. Com uma pessoa que não tem recursos, não posso realizar um trabalho tão intenso como o que posso fazer com um dono de uma fábrica, que pode, diante de uma crise existencial, ficar três dias sem trabalhar. Essa é a psicologia tropical do subúrbio, onde a psicanálise não chega, por incompetência. A psicologia tropical pra mim é a psicologia da fome, das baixas condições de vida.

LUTA & PRAZER – Como é que vocês tem uma proposta de trabalho com gente mais pobre, se todos os terapeutas aqui vieram da classe média?

DAU BASTOS E LIBE BEJGEL

PAULO – Quem te disse que eu venho de classe média? (Dá uma gargalhada) Sou um imigrante nordestino que fez sucesso no Rio de Janeiro. Já vendi muito jornal para conseguir dinheiro pra comer e fazer um monte de coisas. Eu cheguei aqui morando em casa de cômodos. Os outros não; comigo trabalham as mais diferentes pessoas, mas o que estamos experimentando, no sentido geral, é poder, convivendo com a pobreza, adquirir uma outra forma de ver a coisa. Enxergar o mundo a partir do próprio indivíduo, da relação, do produto que está sendo gerado nessa relação, no jogo de transferência e contra-transferência.

LUTA & PRAZER – Por que vocês escolheram a Tijuca?

PAULO – Porque a perspectiva que estamos desenvolvendo é a de que os profissionais da SER trabalhem nos seus próprios bairros. Não acho essa regra universal, mas para mim foi importante ter sido criança, adolescente, universitário e profissional aqui na Tijuca, onde conheço as esquinas, os becos, as jogadas.

LUTA & PRAZER – Pelo que você falou, a SER atende muitas pessoas bem pobres e portanto cheias de problemas causados pelo trabalho marginal que exercem. Será que o trabalho de vocês não contribuir pra melhor adaptar essas pessoas ao sistema, para torná-las resignadas com a subvida que levam?

PAULO – Não, porque se essas tensões prejudicam suas atividades no emprego, a primeira coisa que ela deve fazer é tomar consciência do seu corpo, deve aprender a movimentar seu corpo durante o trabalho, podendo até sair do emprego ou reivindicar melhores condições de trabalho. Mas não é necessário que o indivíduo tenha que abandonar uma atividade para viver bem. Eu tenho experiência com um bancário, a quem ensinei técnicas de relaxamento, e agora, em seu departamento, todo mundo faz relaxamento também. Por causa disso diminuíram as horas operativas de trabalho e aumentou a produtividade. Chamo esse bancário de agente primário de saúde mental na sua comunidade. A minha função como terapeuta não está comprometida com o capitalismo ou com o comunismo. Meu compromisso é supra-partidário, o que importa é sobreviver com saúde nessa realidade, depois escolher o melhor caminho de viver e mudá-la.

CLIMEP

CENTRO DE ESTUDOS ZELIG EDLER



CENTRO DE ESTUDOS ZELIG EDLER
CURSOS ESPECIALIZADOS – PSICÓLOGOS E ESTUDANTES

Grafismo • Interpretação do Teste de Rorschach • Dinâmica de Grupo •
Psicopatologia Especial (Quadros Clínicos) • Psicodiagnóstico Infantil •
Psicoterapia Infantil • Psicomotricidade • Psicoterapia do Adolescente • Técnica de Exame Psicológico (Adolescentes e Adultos) • Supervisões Individuais e em Grupo.

OS CURSOS SÃO NOTURNOS, 1 VEZ POR SEMANA NUM
TOTAL DE 24 HORAS-AULA, CADA
INSCRIÇÕES ABERTAS – VAGAS LIMITADAS

RUA SAMPAIO VIANA, 365 – TELS. 264-6665 – 234-0138

composição gráfica ritulagem	diagramação arte-final	balanços afos	revistas livros	house-organs jornais	de 8 às 22h 252 2916 222 0483	serthel
serthel	serthel	serthel	serthel	serthel	serthel	serthel
						rua do lopo 160 306 307

espalhafato



POR QUÊ ESCREVER EM LUTA E PRAZER?

Durante os últimos anos você, como eu, deve ter vivido o clima político da denúncia, da impossibilidade de fazer algo. Sempre me angustiou muito o momento de fome, miséria, concentração de renda, opressão, em que vivemos. Mas preocupa-me, igualmente, a perpetuação de valores em minhas relações afetivas, a pouca liberdade de crianças e jovens (nelas incluindo meu filho), a qualidade do que como ou bebo, e, finalmente, do meu papel profissional. No entanto, a pergunta que me faço é: como me transformar, *agora*, no espaço existente, sem perder de vista a tentativa de aumentar este espaço?

Dessas reflexões é que procurei sair da prática "terapêutica" só no consultório e partir para experiências com grandes grupos, seja através de palestras, escrevendo ou em vivências. Evidente que essa postura tem mudado os conceitos de meu papel social.

Às vezes sinto-me nu; um pouco inseguro. Esta nova prática tem poucos referenciais teóricos (principalmente importados). Mas, me descobrindo, descobri de forma agradável, que sua pele é igual à minha. E que podemos tentar juntos esta nova — e nossa — viagem.

LUTA & PRAZER precisa de depoimentos, reflexões, de você que está lendo, para que possamos conversar, refletir, transformar. Seja você jornalista ou não, psicólogo, médico, engenheiro, professor, estudante, sendo você uma pessoa, gostaríamos que nos escrevesse. Estamos dispostos, dependendo do espaço, a publicar o que chegar a nós.

Toda e qualquer prática de pessoa ou grupo, a quem não agrada a divisão mundo interno X externo, que procure criar em sua vida o momento de transformação. Afinal, este é o espaço de luta e prazer; de não nos dividir, rotular e embalar, como se fosse para consumo.

Mande-nos notícias. Fale-nos de sua luta... com prazer

EUGÊNIO MARER

PIXOTE EM NOVA IORQUE

O cinema brasileiro está ganhando cada vez mais o mercado no exterior. Nova Iorque, depois de aplaudir "Dona Flor e Seus Dois Maridos", "Eu te Amo" e outros, se empolgou com "Gaijin". O filme está incluído na lista das 50 maiores rendas de bilheteria do ano, o que é surpreendente se formos considerar que está sendo exibido em apenas uma sala de NY. A Embrafilme, aproveitando o espaço e os bons ventos, já está pensando em mandar o filme "Pixote", de Hector Babenco para lá.

AMANDA STRAUSS



COONATURA

A COONATURA é uma cooperativa de produtores e consumidores de alimentos, idéias e soluções naturais.

Nosso trabalho tem sido o de semear uma consciência ecológica, colocando o cooperativismo como um instrumento de ação dentro de uma sociedade capitalista. Temos, inclusive, desenvolvido trabalhos com a comunidade, neste sentido. Como, por exemplo, um belo e forte contato com crianças, durante um ano, na elaboração de uma pequena horta em um internato em Jacarepaguá.

Há também grupos de estudo de energia e ecologia e gente realizando pesquisas sobre tecnologias alternativas.

O entreposto de produtos naturais tem sido o nosso veículo para espalhar essas idéias. E ao mesmo tempo que incentivamos os pequenos produtores do Estado a optarem pela agricultura orgânica ou biológica, criamos na grande cidade canais de escoamento para estes alimentos.

Enfim, estamos buscando formas mais harmoniosas de relação social, respeitando a natureza e com os pés no chão.

BIA

MORTE PELA GANÂNCIA

Um milhão de espécies animais e vegetais podem desaparecer nos próximos 20 anos se não forem tomadas medidas de proteção adequadas. Essa degradação é consequência da incoerência das políticas de exploração de recursos, que se preocupam geralmente com os benefícios econômicos imediatos, esquecendo-se do dano ecológico que podem provocar. É cada vez mais necessário privilegiar a vida, respeitar as minorias e administrar o conjunto dos recursos naturais com consciência e responsabilidade, sem ceder ao puro egoísmo financeiro.

Eu endosso em gênero, número e grau, mas quem falou isso foram 100 especialistas de sete países europeus que participaram da 3ª Sessão dos Encontros Ecológicos de Dijon, na França. A movimentação em prol da vida cresce e já se começa a identificar as faces da morte. Em breve daremos os logotipos.

CÊ RALPH



O LEITE DAS CRIANÇAS

• Mais um record para a América Latina: aqui morre uma criança de fome a cada minuto. Breve, muito breve, tentaremos bater o record dos 60 segundos. E tem gente que tá doidinha pra contribuir. O Sr. Lefever, atual assistente para assuntos de terrorismo do governo Reagan fez campanha em defesa do leite em pó nos países do terceiro mundo para crianças em fase de amamentação. Explica-se: O Sr. Lefever dirige um Centro de Ética e Política Pública(!!!) que recebeu consideráveis doações da Nestlé. Antes de ser designado para assuntos de terrorismo, Lefever foi recusado pelo Senado americano para chefiar o Bureau de Direitos Humanos do Deptº de Estado. O homem tá no lugar certo.

• Estão querendo matar a gente.

Olha aí: Claude Albert, considerado o pai da agricultura orgânica, revelou que uma pesquisa realizada na França detectou teores de organoclorado (DDT, BHC e outros) no leite materno, numa proporção 50% superior ao encontrado no leite de vaca. Nos EUA a proporção chegou a 100%. No Brasil, o Instituto Adolfo Lutz também encontrou, mas não revelou quanto. Olha aí, mãezinhas que não se preocupam com o que comem, azuis cintilantes, acidulantes faiscentes com gosto de coisa nova trazem surpresas dentro.

• Por que leite das tetinhas da mãe? Vamos lá: falando de qualidade, ele possui o colostro, que é o primeiro leite, e que tem propriedades anti-alérgicas, funcionando como uma vacina imunológica que protege o bebê. E não custa nada, nada; mesmo mães subnutridas possuem o colostro. E o leite em pó? Vamos dar pro netinho do Sr. Lefever...

• Ainda sobre o leite: já repararam aquelas criancinhas que ficam paradinhas olhando pra longe, sem terem movimento? Sabem onde começa isso? Nas maternidades em que as mães não podem ficar com seus filhos. Eles são retirados de todo contato afetivo. Você já experimentou fazer isso com qualquer animal? A mãe passa a rejeitar a cria. Na parte humana não tem problema, a mãe passa a fazer terapia, o filho faz terapia, tudo pra resolver a distância entre eles. Quando a mãe amamenta seu filho, existe um contato caloroso entre eles. Não aceite imitações; mamadeira, qualquer um dá...

EUGÊNIO MARER

VENENOS PARA O BEM DO BRASIL

Nós somos o terceiro consumidor mundial de produtos químicos para a agricultura. Na nossa frente só os EUA e a França (de Giscard). Em compensação as pragas registradas há vinte anos — antes do uso dos produtos — que eram em nº de 14 passaram para 400. Pra que isso? Deve ser pra aumentar a produção, pensa aqui o ignorante. E não é que aumentou mesmo... No período de 74 a 80, a produção de milho, soja, trigo, cacau, café, arroz, feijão e algodão cresceu em 5,8%. E o de fertilizantes e herbicidas em 523%. Pega ladrão! Quem paga a importação desses venenos???

EUGÊNIO MARER

OU O LUCRO OU A VIDA

Depois de longa batalha, a Organização Mundial de Saúde (OMS), órgão da ONU, aprovou por 118 votos a 1, e três abstenções, um código que recomenda restrições aos alimentos infantis industrializados como substitutivos do leite materno. O documento chega a recomendar a proibição da propaganda do leite em pó, e até a Suíça, sede da Nestlé, votou a favor. O voto contra foi dado pelos Estados Unidos. Seu representante argumentou que o documento da OMS é inconstitucional por ferir a liberdade de comércio. Segundo a OMS, a substituição do leite materno pelo artificial causa a morte de 1 milhão de crianças por ano. Liberdade de comércio ou liberdade de vida? Dêem também seu voto. Mas atenção, que o mocinho desse filme curte mais o barulho de uma bomba que a voz de uma criança.

CÊ RALPH

"MUTANTIA: ZONA DE LUCIDEZ IMPLACABLE"

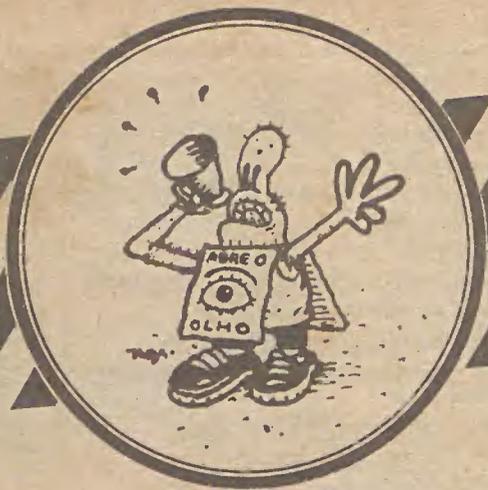
"Mutantia — Zona de Lucidez Implacable" é uma revista bimestral, com tiragem de 25 mil exemplares, membro do APS (Alternative Press Syndicate), contando com a colaboração de diversas pessoas já conhecidas de nosso espaço cultural latino-americano. Veicula matérias variadas, sempre na defesa de uma vida alternativa, desenvolvendo temas como Energia, Alimentação, Educação, propondo a criação de uma vida natural, de uma nova existência.

Seu cartão-de-visita é o bom gosto gráfico coordenado por Sergio Perez Fernandez (excelentes todas as capas), assim como é de ótima qualidade o trabalho de redação de José Luiz D'Amato.

O último número traz como matéria de capa o tema — "Una Revolución de los corazones" —, assinado por seu editor Miguel Grinberg: "...los protagonistas de esta epopeya han sido invariablemente calificados como reaccionarios desde los cenáculos de la izquierda como zurdos desde los gabinetes de la derecha..."

O endereço para assinaturas ou correspondências é: Cassilla 260 — sucursal 12 — 1412 Buenos Aires, Argentina... cordiales saludos de nuestro periodico LUTA & PRAZER.

EUGENIO VIOLA



MARCADEIRAS E PINTINHOS

Era só o que faltava no panorama cultura da terrinha, agora o cinema no Brasil vai passar a ser tratado como puteiro de segunda: com sacanagem custa mais caro.

Mas o problema da criação das "salas especiais" não para aí. A desculpa do Governo de que as tais "salas" atenderiam tanto aos anseios liberalizantes de uma determinada camada da população quanto aos apelos das "marchadeiras" horrorizadas com a possibilidade de verem um pinto nas telas, não convence.

A coisa fica mais séria quando podemos ver que até agora os apelos das "marchadeiras" atingiram não apenas programas de televisão como "Viva o Gordo", "Rosa Baiana" e outros, como abriram caminho para a volta da censura braba como demonstrou o veto das peças "A Fula do Mutulão", de Bráulio Pedroso, "4x1" de Bernardino Carrar e "Ferro e Fogo" do Grupo Apoená. Como nada indica que as peças tenham sido vetadas por algum "abuso moral e costumeiro", a conclusão a que se chega é que esse "em nome da moral" vem servindo para encobrir toda a sorte de arbitrariedades.

Então é hora de perguntar que critérios vão ser usados para obrigar o espectador a pagar (bem) mais caro por uma entrada de cinema. A versão oficial é a de que serão banidas para essas salas apenas os filmes de sexo. Mas se os critérios forem os mesmos que estão servindo de pretexto para veto e corte da programação de TV e peças de teatro, dentro em pouco ao lado dos Jecés Valadões da vida vão estar figurando os filmes que, de uma forma ou outra, incomodam ao Governo e ao Poder.

AMANDA STRAUZ

A LAPA TÁ VIRANDO HISTÓRIA...

Na década de 30 e 40 a Lapa era chamada o "bás-fond" carioca, frequentada por intelectuais do porte de Mário de Andrade, Vinícius de Moraes, Manuel Bandeira, Portinari e muitos outros, que se misturavam às prostitutas, se embrenhavam nos dionisíacos becos, davam forma ao que já foi a mais importante zona cultural

carioca, até que a chamada "febre de Copacabana" foi arrastando nossa burguesia para o litoral carioca.

Hoje, mais de trinta anos decorridos, poucos prédios ainda compõem o cenário histórico da Lapa, que foi em grande parte demolido pelo "progresso". Mas, parece que a Unesco não se esqueceu daquele pedacinho de chão e pretende incluir no "Projeto Patrimônio da Humanidade" toda a área do RJ conhecida como Corredor Cultural, um projeto criado há dois anos pela Fundação Rio — vinculado à Prefeitura — e que abrange da Lapa ao Campo de Santana e da Praça XV ao prédio da antiga Alfândega, tombando assim o terceiro espaço cultural brasileiro — os outros dois são Ouro Preto e Olinda.

Enfim nossa História é vista pelas "autoridades" como mais importante do que a politicagem imobiliária carioca que nos últimos anos vem se impondo na nossa cidade, devorando nosso passado.

EUGÊNIO VIOLA

BOMBA, BOMBA (DE ESTRELAS)

... E continua dando bomba na cabeça nesse São Sebastião do Rio de Janeiro, mas desta vez assumida, plenamente, por uma subversão gostosa e necessária. Foi lá, onde o Rio vira mistura de Bazar Persa com cartola de aprendiz de mágico; mais precisamente no Teatro Ipanema (quentíssimo de corpos se apertando no mínimo espaço preto-fosco). O técnico em explosivos tem um bonito tórax nú e malha de dança preta. Um guerrilheiro corporal, foquista consumado do solfejo e químico de violinos: Jorge Mautner, o bailarino mambembe e debochado "connaissanceur" de tudo aquilo que é transa de cena. Mautner puxa das entranhas do monstro noturno delicadas sacanagens e melodias insinuantes, além de um humor que ri de si próprio e sinais que atrapalham o tráfego. Diálogos com trepadeiras e planetas que ignoram as NASAS da vida; os frutos do amor de Jimi Hendrix versus Escola Quilombo. Tudo isso num astral quase vodevil, quase Tango-Punk bonito, surpreendente. "Bomba de Estrelas", show e disco, não oculta a mão do feitor ideológico, o Partido do Caos, pre-

sente. Foi um estalo bom na cabeça da gente, que ficou chiando por um bis, querendo o autor. É procurar.

JORGE BARROS FARO

QUE DROGA!!!

Olha aí, pessoal, abram os olhos. Todo mundo sabe que o tráfico de droguinhas é comandado por alguns governos de nuestra loca latino america. E agora, mais uma: quem foi o maior comprador, consumidor, incentivador, divulgador do LSD nos EUA nos anos 60? Dou um bolo de aipim pra quem responder... a a a CIA, através do Bureau of Narcotics. Segundo Walter Bowart, em seu livro "Operação Controle Mental", até Timothy Leary estava a serviço da CIA. Recorde-se que a distribuição de drogas no mercado americano ocorreu em plena época de contestação estudantil à sociedade americana. Tudo é cor, tudo é som, o astral está ótimo... Rá, rá, rá.

EUGÊNIO MARER



CONTROLE MENTAL

No mesmo livro, documentos secretos da CIA sobre o projeto Mkultra, dizem os seguintes pontos: 1. Médicos, psiquiatras e capelães (até vós) militares hipnotizaram indivíduos sem que esses soubessem, utilizando técnicas camufladas. 2. Dezenas de milhares de pessoas foram enganadas — algumas nem sabiam que estavam servindo de "ratinhos" — em experiências com 149 drogas alucinógenas diferentes. 3. Gente viciada em drogas que ia em cana, parti-

cipava de experiências para controle e mudança da mente. Em recompensa, recebiam doses de heroína. 4. Houve programação de indivíduos, através de drogas e técnicas de alteração de comportamento, para matar — MATAR — leram bem, quando acionados por apenas algumas palavrinhas em código. Depois de cumprida a ordem, os robôs eram submetidos à lavagem cerebral pelos métodos conhecidos. Chega, né?

EUGÊNIO MARER

ESTADO EUNUCO?

No processo de escolha de gráfica para o LUTA & PRAZER, fomos conversar com "O Estado de São Paulo", tradicional órgão da imprensa paulista. Levamos algumas edições da Rádice por cortesia e tudo bem, entramos nos detalhes de produção, preços, etc. A partir de um determinado ponto nada mais encaixava, surgiam dificuldades em cada passo. Foi quando um funcionário bastante simpático nos chamou em um canto e confidenciou: "Não quero que vocês fiquem perdendo tempo; O Estado não vai imprimir o jornal de vocês. Vimos na revista que vocês publicaram aquelas fotos de uma relação sexual e a política do jornal é não trabalhar com publicações que tratam dessas coisas." As fotos em questão são as publicadas na Rádice 14 — O Combate Sexual da Juventude. Argumentamos que a responsabilidade pela publicação era nossa, e que sempre arcamos com as conseqüências do que imprimimos, que O Estado não tinha nada a temer, pois ele apenas estava prestando um serviço gráfico. Nada feito, eles não imprimiam porque *não gostavam*. Aí, o buraco é mais embaixo. Tá legal não gostar, eunuco também não curte olhar, mas entrar numa de cortar o trabalho é passar dos limites. Comecei a compreender melhor porque a Abril chama O Estado de incompetente empresarialmente; afinal, estão trabalhando de graça; já existe um serviço de censura do governo e pelo que sei, não estão precisando deste tipo de ajuda por parte da imprensa. Só nos resta viver, e desejar aos censores d'O Estado muitas noites de papai e mamãe, com a luz apagada e em completo silêncio. Quem sabe não pinta um tremor nas pernas...

CÊ RALPH

LANÇAMENTO LANÇA-PERFUME



Até bem pouco tempo lançamento de livro era sinônimo de tristeza, papo fosco e coquetéis comportados, sem vida nem pulsação. Geralmente as panelinhas de intelectuais e afins se reuniam e ficavam em pé ou sentados, sérios e acadêmicos, tecendo comentários elogiosos ou críticas venenosas ao autor do livro da noite e a outras personalidades literárias; os gestos mais ousados se reduziavam a discursos enfadonhos ou a poesias mal recitadas. Mas as coisas parecem mudar, de repente as pessoas perceberam que um lançamento de livro pode ser um agradávelíssimo encontro de pessoas interessantes. O melhor exemplo dessa mudança foi o lançamento de "Roleta Chilena", do Alfredo Sirkys, (na Livraria Muro) que conseguiu fazer uma festa ótima. Música variada, comidas naturais, bebida em abundância, e o melhor: o "beatiful people" da esquerda estava inteiro lá, com lenços parisienses, casacos londrinos, lábios vermelhos de baton e sensualidade, penteados criativos e inconfundíveis, muito tesão e afetividade. O forrobodó foi tão animado que lá pelas madrugadas, quando o Rui e a Bia (donos da livraria) já cochilavam em cima dos livros, e a moçada dançava com gosto no salão de baile improvisado, os home surgiram dizendo que os vizinhos não conseguiram dormir com o barulho (imaginem a altura do som!) e acabaram com o lançamento.

DAU BASTOS

CONFISSÕES DE UM PSICOTERAPEUTA

Eu descobri. Ra ra, descobri porque eu não estava conseguindo escrever: Paranóia, da braba. Medo. E depois dizem que não sabemos escrever. Depende do que. Mas citando Cooper: "Devemos ter a coragem de abandonar, sempre que necessário, situações institucionais de trabalho, que nos destroem com a sua falsa segurança. Arriscar a vida torna-se sinônimo de arriscar a vida para salvá-la." De qualquer modo, se não o fizermos já, estaremos mortos... em vida.

EUGÊNIO MARER



USOS E ABUSOS DA PSI

Ainda há pouco nos deparamos com o escândalo envolvendo a Sociedade de Psicanálise com os aparelhos de repressão do Estado, no rumoroso caso do Dr. Lobo. Essa história de usar a psi para torturar, controlar, modificar comportamentos foi tema do livro "1984", de Orwell. Mas é bom dar um passeio por outros fatos pra ver o que dá.

Início dos anos 50 — projeto Artichoke (SUA): pesquisa a possibilidade de influenciar uma pessoa a ponto dela matar outras, comandadas a distância, através de um tratamento à base de hipnose e drogas.

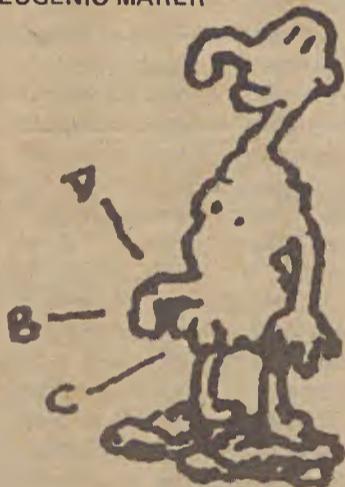
1957 — Reich morre na prisão, do "coração". Foi preso por estar pesquisando câncer e energia vital (hoje comprovada por Kirlian e outros cientistas). A alegação para a prisão é de que ele comercializava umas caixas acumuladoras de tal energia que não existia!!!, não obstante os resultados obtidos por ele. Segundo o relato do companheiro de cela de Reich, Hohensee, "O prof. Reich estava na ala conhecida como o "braço da morte". Muitas vezes ele me falou com lágrimas que aqueles sádicos, donos absolutos da vida de 1.200 seres humanos, o estavam enlouquecendo e matando com suas "medicinas experimentais". Um dia ele passou ao meu lado e disse que não ia suportar por mais tempo as drogas que lhe estavam aplicando. E, de fato, morreu dois dias após. Quando o encontraram, não só estava morto como frio. Tinha uma perna contraída, como se houvesse sofrido uma tremenda agonia antes de morrer".

1970 — Timothy Leary, grande responsável pela cruzada psicodélica dos anos 60 da juventude americana, ao ser preso passou por algumas "experiências" interessantes. Vamos ao relato de um companheiro de cela de Leary: "O sumo sacerdote tinha que ser destronado. Poucas pessoas poderiam ter feito o que ele fez, entregar uma geração inteira (Leary denunciou diversos líderes de movimentos radicais americanos, como os panteiras negras). Lembro-me que uma vez ele chegou na cela com umas linhas azuis traçadas na cabeça raspada. Ele me disse que iam realizar uma lobotomia em seu cérebro. Ele achava que era uma coisa formidável, pois poderia viver sem experimentar emoções. Eles o controlaram totalmente. Ministraram-lhe drogas, mantiveram-no em confinamento solitário, fizeram

tudo quanto podiam para aniquilar sua mente."

Década de 80 — Toma corpo a notícia que John Lennon teria sido assassinado por um "robô" do governo americano. Ou seja, seu assassino teria sido preparado por agências do governo que trabalham em experiências de controle da mente. Algumas experiências: 1. O "robô" Chapman, poucos dias antes de matar Lennon fora internado em um hospital de Honolulu, cidade considerada chave nas pesquisas de controle da mente; 2. Depois do assassinato, Chapman foi examinado pelo psicanalista Bernard Diamond, antes de se declarar culpado; 3. Até seu advogado de defesa ficou surpreso com a intervenção do Dr. Diamond, pois Chapman, o robô, havia alegado inocência; 4. Coincidências em frente: quem é esse Dr. Diamond? O mesmo que hipnotizou diversas vezes o "robô" Sirhan Sirhan, o assassino de Robert Kennedy. O home tá em todas. Sai da frente pessoal, não deitem no divã dele não, senão...

EUGÊNIO MARER



TEMPORADA DE CAÇA EM RECIFE

Foi aberta a temporada psi de caça em Recife, seguindo a moda lançada no Rio pela Sociedade Psicanalítica e pelo Conselho de Psicologia. Devido a uma poesia publicada num manifesto político da chapa *Catarse*, dos alunos da PUC-PE, está em curso um processo contra o aluno Juarez Cesar Malta Sobreira, o nosso Caesar Sobreira.

A chapa *Catarse* tinha como bandeiras a luta pelo gozo, pelo prazer, pela vida e foi duramente criticada pela extrema esquerda e pela direita carrancuda. Perdeu as eleições, mas manteve o charme. Foi quando pintou um abaixo assinado defendendo a moral cristã e pedindo a expulsão do Caesar. 135 assinaturas argumentavam sobre a "imagem do psicólogo", a decência e outros que mais. Tentaram o CRP-02 mas o Conselho tirou o corpo fora, não dando eco às denúncias.

A perseguição ao nosso colega

Caesar tem que ser identificada no seu real núcleo. É uma tentativa de punir uma pessoa que tem tido uma atuação acidamente crítica às posturas acomodativas da Psicologia. Afinal, quem não gostou da poesia do Caesar (publicada também no *Lampião* 35) que escrevesse contra, pois a Universidade deveria ser um local onde o debate e a livre manifestação de pensamento e expressão deveria imperar.

Mas o processo foi levado adiante, com comissão de inquérito investigando a procedência do "material". Como se fosse segredo a natureza e a origem da poesia. Nós sabemos: da cabeça, do coração. Vamos ficar alertas e acompanhar a caça. Que a comunidade científica não se deixe golpear por mais este afrontamento. Afinal, repetimos, a universidade deve ser um local de criação, de investigação, de debates, de pensamentos. Nenhuma punição poderá ser infligida ao estudante-poeta Caesar Sobreira por ele ter expressado o que pensa e sente.

SUCURSAL RECIFE

ALTERNATIVAS NO SUL

O verão começará mais cedo este ano no sul do país. Ao menos no meio psi, onde um agitado simpósio esquentará o ambiente. Trata-se do "Alternativas no Espaço Psi — Porto Alegre", extensão da proposta de simpósio da *Rádice*, que no sul vem sendo preparado com amor e carinho pelo EMBRIÃO — Núcleo de Estudos e Ação em Psicologia. O Simpósio é para estourar em Outubro, dias 10, 11 e 12, em Porto Alegre. Os mais otimistas chegam a afirmar que a história da Psicologia no sul um dia ainda se dividirá em antes e depois do Alternativas. Mas, mesmo deixando de lado essas previsões um pouco discutíveis, sem dúvida será um grande acontecimento.

Nesta época, em que a nível nacional se discute a função social da Psicanálise, em que questionam-se os modos de formação e atuação dos psicólogos e se pesquisam novos campos, no sul as coisas continuam correndo "normalmente", e falar em Psicologia Alternativa ainda é tabú. Mas ao mesmo tempo e em surdina, crescem em número e qualidade os grupos de profissionais e estudantes que, abandonando os métodos tradicionais, passam a realizar experiências de atendimento alternativo à população ou estudos a nível teórico. Estes grupos e pessoas tem uma marcante característica entre si: Não se relacionam ou trocam conhecimentos de modo sistemático. A proposta dos organizadores do Simpósio é criar um espaço político onde estas diversas práticas e teorias alternativas possam ser colocadas a público, discutidas e confrontadas com trabalhos importantes já realizados em outros pontos do país, visando o seu enriquecimento através da crítica e de um maior respaldo social.

A forma que se pretende imprimir ao Simpósio é também inova-

dora nestas paragens: sem hierarquias entre palestrantes e participantes, com alegria e informalidade, onde não faltará a tradicional roda de chimarrão nos intervalos. O local escolhido ajudará muito: o IPA, bonito colégio localizado numa zona tranqüila e arborizada, mas ao mesmo tempo bem perto da cidade. É vir pra crer.

SUCURSAL PORTO ALEGRE

CENTRO CULTURAL ALTERNATIVO "POUCOS E RAROS"

Há cerca de um ano, a jornalista Maria Amélia Mello e a historiadora Alice Pougy se uniram em torno da idéia de criar um local onde pudesse ser documentado e pesquisado todo o acervo do nosso espaço alternativo, em particular de nossa imprensa alternativa. Organizaram a "Feira de Poetas Independentes" na Cinelândia e em seguida, através da Fundação Rio, conseguiram uma sala onde atualmente vêm trabalhando na tentativa de catalogar todo o material alternativo criado no Brasil da década de 70 até os nossos dias.

Em meio a todas as dificuldades que se apresentaram na elaboração de tal projeto, (grande parte dos jornais e revistas que não existem mais foram muito difíceis de encontrar já que até as coleções dos proprietários estavam incompletas), Maria Amélia e Alice já dispõem de um vasto material aberto às pessoas interessadas. Já estão recebendo visitas de jornalistas, escritores e até de "brazilianists".

Paralelamente ao projeto do Centro Cultural Alternativo, está sendo preparado um livro, no qual é documentado não só o movimento da imprensa alternativa, mas também o trabalho independente dentro da música, literatura, etc. Um trabalho incrível, ilustrado com entrevistas, fotos e "fac-símiles".

Em setembro vai ser realizada uma mostra intitulada "Poucos e Raros", só de literatura e jornais, incluindo mais de 600 títulos. A mostra será na Galeria Cândido Mendes e a data precisa ainda será marcada.

Realmente vale a pena uma visita, onde dentre muitas raridades de nossa imprensa, pode ser lido o jornal "Alvorada", editado pelo bispo Pedro Casaldáliga ou uma leitura mais temperada como o "Pif-Paf", do Millôr Fernandes.

O endereço para correspondências ou visitas é: Centro de Cultura Alternativa — Rua Rumânia, nº 20 — CEP 22240 — Cosme Velho — RJ.

EUGÊNIO VIOLA

VOFU PARA AS CRIANÇAS

"Pensamos que, como crianças, temos bastante possibilidade de nos expressarmos, mas nem sempre nos atrevemos a dizer diretamente o que pensamos. É por isso que há muitas crianças que acabam sendo um problema social. Há outras que, em vez de dizer o

que pensam, calam-se ou choram, sofrem muito. Isso pode produzir medo ou uma atitude de defesa, que logo vira agressão.

As crianças são obrigadas a escutar os adultos, mas a verdade é que os adultos deveriam escutar mais às crianças. Se eles nos escutassem, nós nos atreveríamos a dizer nossas coisas. Isso aumentaria nossa liberdade de expressão."

A conclusão acima faz parte da entrevista que Carla Aguirre e Hilde Carlsen, duas meninas de 13 anos, fizeram com uma série de adultos visando definir o que está se fazendo em prol da liberdade de expressão das crianças. Elas criaram recentemente na Suécia o que denominaram de "Voz do Futuro", (VOFU), o primeiro Serviço Noticioso para Crianças.

Na certeza de contar com o apoio das crianças (e adultos) de todo o mundo, Carla e Hilde recebem colaborações, sugestões, informações, etc. É só escrever para: "Voz do Futuro", Box 7510 — 10392 — Estocolmo — Suécia.

JORGE BARROS FARO

SÃO THOMÉ: É VER PRA CRER

Amadurecendo, desenvolvendo e prosseguindo um trabalho iniciado em Itamonte (MG), Giovanni Panzera, Lola, Maurício, Pedro Toledo, Jun Kawaguchi, Aladim Produtos Naturais, Roberto /SK Sistemas, Cristina Cruz, o locutor que vos fala e outra dezena de pessoas que o espaço não permite citar, estão iniciando, a 2.000 ms de altitude (com matas, rios, cachoeira e um visual de 360º) o Projeto São Thomé (das Letras e das particularidades).

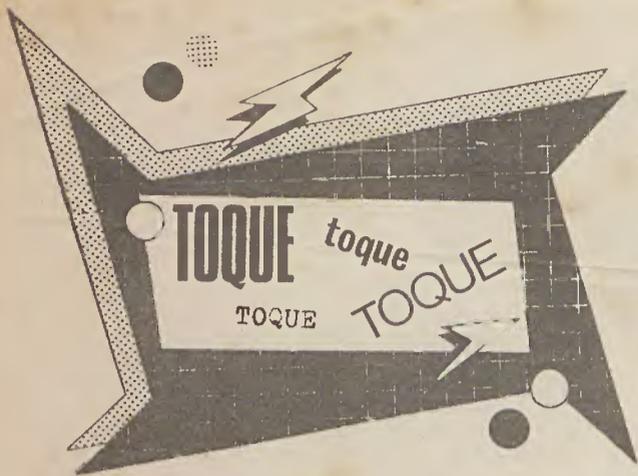
Entre as intenções do projeto: Bioenergética, Psicoterapias, Tai-Chi-Chuan, Hatha-Yoga, Psicodrama, Música, Video-Tape, Teatro, Cinema, Agricultura Bio-Dinâmica e muitas coisas más. Estão também incluídos no propósito, simpósios para a reunião de donos de restaurantes naturais e macrobióticos, produtores alternativos, visando com isso a criação de sistemas cooperativistas para abastecimento e distribuição de seus produtos.

As terras já foram compradas e as paredes já estão sendo levantadas. Novas informações em breve.

RICARDO GIESTAS

HAJA CORAÇÃO

A incrível foto de nossa 4ª capa é de Roberto Vieira Garcia, grande boêmio, fotógrafo, saibista; um tremendo alto astral. Roberto fez um poster com a foto, no tamanho 64 X 34, em papel couché, que é um barato. No Rio é possível encontrar o poster em algumas livrarias. Quem quiser receber em casa, é só remeter 300,00 em cheque nominal para sua casa, na Rua Almirante Alexandrino 163/103, Santa Teresa, Rio (Cep 20012), e esperar o correio se virar. Vale mais que a pena. CÊ RALPH



ROCK PESADO

Exmos. Srs. Curtidores de Rock Pesado. Comunicamos que está sendo lançado o disco independente "Guerra Civil", do grupo **Acidente**. O grupo é formado, em sua maioria, por ex ou atuais promissores estudantes de comunicação, entre eles Paulo Malária, tecladista e compositor de algumas das músicas mais engraçadas do disco, como "O Assassinato de Trotsky" ou "Seu Pai não vem Aqui". Outro do grupo que promete é Helio Jenne, autor de "O Vaqueiro e a Debutante". Vale a pena dar uma força nesse **Acidente**. Procurem o disco.

"2ª SIM, 2ª NÃO"

Este é o nome de uma série de exposições que vários artistas plásticos estarão apresentando no Parque Lage a partir de agosto em segundas-feiras alternadas. A série está sendo organizada por Gastão Manoel Henrique e, como não poderia deixar de ser num empreendimento deste tipo, o pessoal se reuniu em cooperativa para tocar adiante o projeto.

Desenhos, xerox, esculturas, criação de ambientes, gravuras, a variedade é grande e quem curte artes plásticas não pode esquecer: "2ª sim, 2ª não" tem gente boa se apresentando no Parque Lage.

AMAZÔNIA — A ÚLTIMA FRONTEIRA

Este é o título do livro de Edilson Martins lançado pela Codecri. Trata-se de uma pesquisa de campo que estendeu-se durante 12 anos, nos quais o autor viveu como repórter a saga amazônica. O livro — com mais de 300 páginas e relevante material fotográfico — é uma dolorida reflexão sobre todo o processo de transição vivido a partir da segunda metade da década de 60 em todo o território amazônico, até os dias atuais. "É o momento — diz Edilson — em que se substitui o capital comercial dominante durante séculos, pelo capital industrial, mais voraz, mais agressivo e, acima de tudo, mais adequado

à nova etapa de expansão capitalista determinada pelas empresas multinacionais." "Amazônia — A Última Fronteira", um livro fundamental para a compreensão do processo de devastação da flora, da fauna e do homem amazônico.

CORPO E SOCIEDADE

Está sendo formado um grupo de estudos sobre "O Corpo e nossa Sociedade", coordenado por Pedro Castel. A proposta

de programa é a seguinte: I — O CORPO: a) como objeto de conhecimento, b) natural X histórico, c) social e político, d) na sociedade capitalista falocêntrica, e) na formação de seu caráter. II — O Corpo e o Prazer (orgasmo e amor). III — O romper do círculo, Terapias Corporais? Informações e inscrições até 25 de Agosto pelo tel. 225-8275, Rio.

TERAPIA E CORPO

Está se formando um grupo terapêutico com enfoque corporal basicamente reichiano na Escola Oga Mita, Grajaú, Rio, onde os participantes se reunirão durante duas horas e meia semanais para vivências e reflexões. A coordenação dos encontros está por conta do psicoterapeuta Carlos Cesar Galliez, que vem tendo uma boa atuação em bioenergética e outras terapias integradas e que pretende, através desse trabalho, "aclara as relações entre os afetos bloqueados a nível muscular e o psiquismo,



Cláudia Ramer

GAIA — DANÇA EMOÇÃO

Gaia é uma peça, uma dança, uma reflexão sobre a mulher, seus ciclos, sua força. É a passagem das emoções, do mergulho nas ansiedades, desejos, fantasias e terrores de um grupo de mulheres, através de gestos, movimentos, sensações. Uma dança linda, que envolve por deixar transparecer as entranhas, por reconhecer a solidão intrínseca nas etapas biológicas da mulher.

Esta nova proposta de trabalho do Grupo Atores Bailarinos é

prova do amadurecimento profissional a que chegou o GAB. Uma peça impecável, atual, forte, concisa. O texto é de Maria Lucia Vidal e a direção geral e coreografia de Regina Miranda. No excelente elenco: Ilana Marion, Isabel Bicudo, Marina Martins, Maria Lucia Vidal, Regina

Miranda e nossa querida parceira de Luta & Prazer, Luciana Bicalho. Gaia foi apresentado no Festival de Dança de Salvador e também no Rio. Voltará a cena no Tereza Rachel de 18 a 23 de Agosto. Impossível perder.

seguinte uma sistematização dos anéis de encorajamento". Maiores informações e inscrições podem ser obtidas pelo telefone (011) 228-7461.

SIDARTHA/QUARUP

Alvíssaras! Abrem-se livrarias apesar de tudo. Sidharta, na Av. N.S. de Copacabana 1052, oferece livros técnicos, infantis, de arte e literatura em geral, mas o forte de sua linha são os livros espiritualistas, tanto nacionais quanto estrangeiros. Quarup, na Visconde de Pirajá 550/317, tem uma linha mais dirigida para assuntos ligados às Ciências Humanas. O atendimento é do gênero simpático profundo, e seus proprietários são gente finíssima. Vale a pena visitar as duas livrarias, elas merecem.

O TEU SORRISO VOLTOU!

Estávamos preocupados com o que vinha acontecendo com o nosso querido fotógrafo Ricardo Frago: primeiro foi assaltado e lhe levaram todo o equipamento fotográfico, depois andou dando uns merros em ponta de faca na vida profissional e finalmente sofreu amargas desilusões amorosas...

A sorte é que essa onda de baixo astral não foi bastante forte ao ponto de atrapalhar a linda exposição que o Fraga fez na livraria Dazibao, com as fotos tiradas do simpósio "Política d/o Corpo", da Rádice. Foi emocionante vê-lo todo contente, vestido naquela roupa branca esvoaçante, com um cinto-bolsa charmoso dependurado do lado esquerdo da cintura e o mais gostoso foi constatar que tinha voltado aos seus lábios aquele sorriso tão particular, terno, puro e sonhador.

Nós tamos torcendo pra que esse maninho continue sorrindo e fazendo coisas belas, como é de seu feito.

BARRA DE JULHO

pobres no inverno enfrentamos a capital com a casa nas costas

abraçando malas e filhos cruzamos o trânsito com os dentes cerrados

batemos na porta com o nervo exposto e abrimos espaço no corredor

rimos de tudo, em agosto

Um poema do livro "No Meio da Rua" (L&PM Editores, primavera de 1979). Do poeta gaúcho Nei Duclós, nascido em Uruguaiana em 1948. A poesia pungente da cidade grande. Vale a pena ler e viver.



Obrigado Leila, adoramos a idéia.

"... Quanto à mudança de formato da RÁDICE, aumentem o número de páginas, mudem o formato, escrevam de cabeça para baixo, façam o que bem entenderem desde que não mudem o conteúdo. A linha editorial de vocês é vital em um esquema onde apenas os que concordam com as estruturas estabelecidas recebem incentivos."

(Leila Heimborg Ferra — Piracicaba)

Esperamos que você continue lendo as matérias na íntegra. De corpo e alma.

"... A gente sente que é um trabalho feito de corpo e alma e que mantém a atenção de quem quer que esteja de cabeça feita. Porém, sinceramente não sei o que vou achar da RÁDICE ampliada já que a quantidade atual de matérias prende a atenção e eu as leio quase que na íntegra. É isso aí, minha força pra vocês."

(Sybelle Ban — Rio)

Um "obrigadão" a todos vocês pela força que deram e um sincero "às ordens".

"Fico contente de RÁDICE estar pensando em mudanças e estar crescendo. Isso só prova o bom nível da revista e a capacidade de evolução."

(Lflia — Rio)

"... Digo apenas que gostei dos planos e desejo que consigam realizá-los. Um abraço com os melhores votos de Paz e realizações."

(Mariana de Villalba Alvim — Brasília)

"Fiquei muito contente em tomar conhecimento das novas perspectivas de trabalho dentro de RÁDICE, com as quais estou de pleno acordo."

(Sônia Regina — São Paulo)

"Na oportunidade, quero felicitar a toda a equipe pelo magnífico trabalho e solidarizar com a proposta de mudança que fará a RÁDICE mais atuante e abrangente."

(Marilda de Castro Duarte — Belo Horizonte)

"Ao receber a RÁDICE nº 15, tomei conhecimento do projeto RÁDICE LUTA & PRAZER e aproveite a oportunidade para parabenizá-los pela inovação. Precisamos de vocês, de sua luta pela Psicologia Alternativa."

(Maria Cristina Abrão Nachif — Campo Grande — MS)

"Fiquei com um suspense enorme ao ler na RÁDICE nº 15 que esta adolescente que por quinze vezes fez gostosas aparições vai mudar. A idéia me parece divina e o nome, então, não podia ser outro: RÁDICE LUTA & PRAZER, que define o que a RÁDICE é e o que busca ser."

(Wagner Mascarenhas — Cruz das Almas — BA)

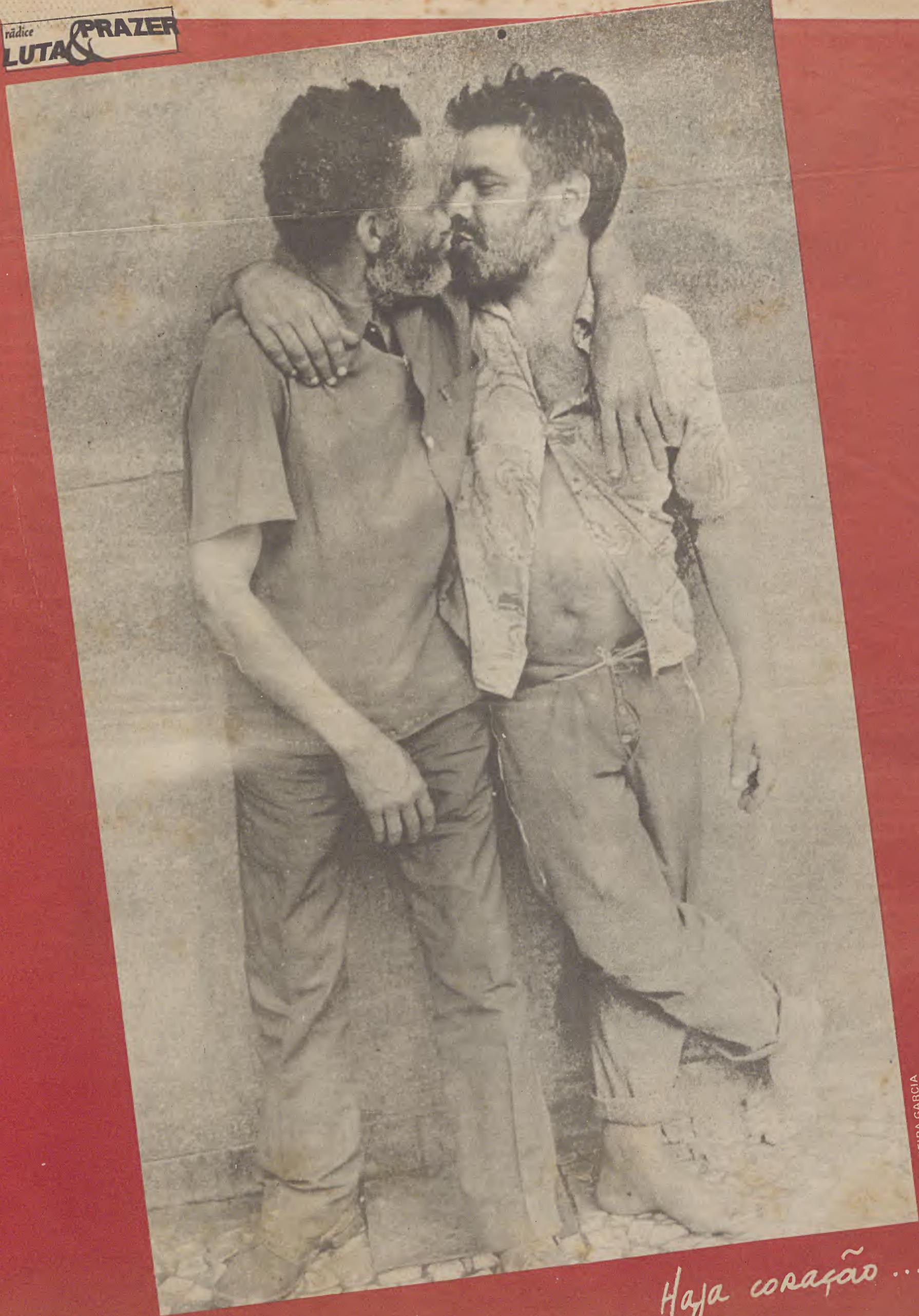
"Boa sorte na nova empreitada. LUTA & PRAZER — o nome é ÓTIMO."

(Lourdes Gonçalves — Rio)

"Botem para quebrar e continuem assim, vocês estão certos. Gosto demais do trabalho de vocês."

(Leo — Salvador)

radice
LUTA & PRAZER



ROBERTO VIEIRA GARCIA

Haja coração ...